

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – ICHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA – PPGS**

VIDA RELIGIOSA RIBEIRINHA
Um estudo sobre a Igreja Católica e Evangélica no Amazonas

LILIANE COSTA DE OLIVEIRA

**MANAUS – AMAZONAS
2012**

LILIANE COSTA DE OLIVEIRA

VIDA RELIGIOSA RIBEIRINHA
Um estudo sobre a Igreja Católica e Evangélica no Amazonas

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Federal do Amazonas como requisito para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Marilina Conceição Oliveira Bessa Serra Pinto

MANAUS – AMAZONAS

2012

LILIANE COSTA DE OLIVEIRA

VIDA RELIGIOSA RIBEIRINHA

Um estudo sobre a Igreja Católica e Evangélica no Amazonas

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Federal do Amazonas como requisito para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

BANCA EXAMINADORA

Profª. Drª. Marilina Conceição Oliveira Bessa Serra Pinto (Presidente – UFAM)

Prof. Dr. Marco Aurélio Coelho de Paiva (Membro – UFAM)

Prof. Dr. Mário Bueno Ribeiro (Membro – FBN)

MANAUS – AMAZONAS

2012

DEDICATÓRIA

Dedico (em memória) este trabalho ao meu querido pai, Ademar Pereira. Ainda lembro-me do seu sorriso e do seu orgulho ao ver-me todas as vezes que eu voltava para casa em Nhamundá/Am. À minha querida sobrinha Elydiane (em memória) que deixou tanta saudade.

À minha querida irmã Socorro Oliveira, pois se hoje eu consegui mais essa vitória, foi por causa do seu incentivo para com meus estudos. Seus conselhos e sua dedicação em ensinar-me os valores da vida conduziram-me por um caminho que me levou até Deus.

Ao meu amado esposo Emanuel pelo seu amor e sua sincera amizade.

Aos moradores de Jaiteua de Cima, que permitiram a realização desta pesquisa em suas comunidades.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela sabedoria e pela força. Por cumprir sua vontade em minha vida e por mais essa conquista.

À minha querida mãezinha e aos meus irmãos Valmir, Ermina, Elienai, José, Eclésio, Nonato, Ney, Pedro, Eliel e aos meus sobrinhos Leile, Lúcio e Pabloena. Agradeço por tudo o que essas maravilhosas pessoas passaram por minha causa. Por terem dedicado suas vidas a mim. Pelo amor, carinho e estímulo que me ofereceram. Dedico-lhes essa conquista como forma de manifestar a minha afeição e gratidão.

Em especial, ao Emanuel, por estar comigo durante essa caminhada. Por me amar, entender a importância dos meus estudos e por me incentivar na conquista de meus sonhos. Esta é uma conquista minha e sua.

Agradeço a ajuda prestimosa de minha orientadora, Professora Marilina Conceição Bessa pela segurança de suas orientações, pelas suas contribuições no desenvolvimento deste trabalho, por compartilhar da paixão pela região Amazônica e pela temática religião; pela acolhida deste trabalho e desta pesquisadora. Aos demais professores do Programa de Pós-Graduação em Sociologia que sempre souberam me conduzir nos estudos. Ao Professor André pela orientação durante o intercâmbio promovido pelo PROCAD na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar/SP).

Aos meus colegas de mestrado Milena, Tereza, Nara, Núbia e Izabelly pela amizade, apoio e estímulo. Essas amizades marcaram a minha vida e com certeza durarão fora da Academia. Ao meu amigo Tiago Jacaúna pela troca de ideias e leitura deste trabalho.

À Paula Ramos pelas dicas e ajuda na tradução do resumo para a língua inglesa. À Marluce, pela ajuda no que tange às questões administrativas, pelo incentivo, preocupação e amizade antes e durante o mestrado.

À Coordenação de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de estudo que me possibilitou a dedicação ao mestrado, à pesquisa e a construção deste trabalho.

Aos moradores de Jaiteua de Cima, que me abriram seus lares e seus corações. Por compartilharem comigo seus conhecimentos, o seu cotidiano, as brincadeiras, as conversas, seus problemas e sua fé. Em especial aos Senhores Brás, Velhote, Rogério, Valdenir. Estendo também os meus agradecimentos à família de Dona Ana e de Dona Martinha pela hospedagem em suas casas durante esta pesquisa.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01	Área de estudo.....	16
Imagem 02	Vista parcial do Lago Grande.....	53
Imagem 03	Jaiteua de Cima no período da seca.....	53
Imagem 04	Casas de madeira, tipo de moradia ribeirinha.....	55
Imagem 05	Flutuante, tipo de moradia ribeirinha.....	55
Imagem 06	Fotos fixadas na parede de uma sala.....	56
Imagem 07	Escola Estadual José Augusto de Queiróz.....	62
Imagem 08	Crianças brincando no igarapé.....	64
Imagem 09	Crianças da Com. Ass. de Deus Tradicional.....	64
Imagem 10	Momento de lazer.....	65
Imagem 11	Imagem de N. S. do Perpétuo Socorro no alto da capela local.....	71
Imagem 12	Centro da comunidade N. S. do Perpétuo Socorro.....	75
Imagem 13	Vista parcial do território de N. S. do Perpétuo Socorro.....	75
Imagem 14	Comunidade Assembléia de Deus.....	82
Imagem 15	Igreja Assembléia de Deus Tradicional.....	90
Imagem 16	Igreja Pentecostal Unida do Brasil.....	92
Imagem 17	Moradora e os seus santos de devoção (Santa Luzia e São Tomé).....	101
Imagem 18	Equipamentos musicais da igreja Evangélica Assembléia de Deus.....	120
Imagem 19	Quadro de dizimistas da Igreja Evangélica Assembléia de Deus.....	143

LISTA DE QUADROS

Quadro 01	Nível escolar dos moradores.....	63
Quadro 02	Associações Comunitárias.....	63
Quadro 03	Base Eclesial da igreja Evangélica Assembléia de Deus de Jaiteua de Cima.....	84
Quadro 04	Atividades realizadas pela igreja Assembléia de Deus de Jaiteua de Cima.....	84
Quadro 05	Principais famílias locais.....	132

LISTA DE SIGLAS

SEDUC	Secretaria Estadual de Educação do Amazonas
CNPJ	Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica
MEB	Movimento de Educação de Base
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
CEADAM	Convenção Estadual das Assembléias de Deus no Amazonas
CPAD	Casas Publicadoras da Assembléia de Deus
IEADAM	Igreja Evangélica Assembléia de Deus no Amazonas
IPUI	Igreja Pentecostal Unida Internacional
N.S.P.S	Comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro
A.D	Comunidade Assembléia de Deus
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
PPG7	Programa Piloto para Proteção das Florestas Tropicais do Brasil
PROCAD	Programa Nacional de Cooperação Acadêmica
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
UFAM	Universidade Federal do Amazonas
PPGS	Programa de Pós-Graduação em Sociologia
CAPES	Coordenação de Nível Superior

RESUMO

A história da ocupação recente da Amazônia está diretamente relacionada com o encontro de culturas religiosas sustentadas socialmente por mundos materiais e espirituais distintos definidores do *ethos* vivido. Cabe destacar o Cristianismo como um dos principais movimentos religiosos introduzido na região, a princípio, pelo Catolicismo e mais tarde pelo Protestantismo. É possível perceber a influência que a igreja exerceu sobre a vida dos moradores, tornando-se depois da família uma das mais importantes instituições sociais. E na atualidade permanece exercendo domínio no processo de formação de novas comunidades, reproduzindo práticas messiânicas de evangelização e colonização. Entre as comunidades ribeirinhas de Jaiteua de Cima, Manacapuru/AM, são as Igrejas (evangélica e católica) que delimitam o espaço sociopolítico, pois o processo de implantação destas Igrejas no local está diretamente relacionado com a história da formação social das comunidades Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e Assembléia de Deus. São as igrejas locais que ocupam o espaço de centralidade. Por isso, esse estudo sobre a vida religiosa merece destaque pois trata-se de um fenômeno que modifica simbolicamente as relações políticas e sociais de percepção espaço-temporais entre as comunidades ribeirinhas. As características mais visíveis dessas mudanças são, por exemplo, as construções de igrejas, a criação de um espaço próprio para o Santo Padroeiro, a substituição do termo compadre pelo termo “paz do Senhor”, o nível de importância de uma família para outra e os tipos de lazer, como a prática do futebol. Portanto, a vida religiosa funciona como um dos mais importantes mecanismos de garantia do poder entre as famílias, na medida em que aglutina e domina a comunidade, constituindo-se em um poder simbólico. Pretendemos neste trabalho analisar o modo de ocupação religiosa destas comunidades sob a ótica das teorias sociológicas de Max Weber, Émile Durkheim, Peter Berger, Pierre Bourdieu, Heraldo Maués e Gedeon Alencar e mostrar a possibilidade de confrontar o modelo teórico construído pelos autores com a observação empírica da realidade apontada.

Palavras-chave: Amazônia, Amazonas, Igreja, Catolicismo, Protestantismo, Ribeirinho.

ABSTRACT

The history of recent occupation of the Amazon is directly related to religious cultures meet, socially sustained by the material and spiritual worlds separate, lived defining ethos. It is worth mentioning Christianity as a major religious movements in the region introduced the principle of Catholicism and later by Protestantism. It's possible to see the influence that the church had on the lives of residents, becoming the family after one of the most important social institutions and acting field today remains in the process of forming new communities, playing practical messianic evangelization and colonization. Between the coastal communities of Jaiteua de Cima, Manacapuru / AM, are the churches (evangelical and Catholic) that define the socio-political space, because the process of implementation of these churches on the site is directly related to the history of the formation of social communities Nossa Senhora do Perpetuo Socorro and Assembleia de Deus. Are the churches on the site that occupy the central space, so that study on religious life deserves to be a phenomenon that modifies symbolically the political, social, spatial and temporal perception among coastal communities. The characteristics of these changes are more visible, for example, the construction of churches and creating a space for the patron saint, the replacement of the companion to use the term "peace of the Lord", the importance level for a family to another, types of leisure activities such as soccer practice with more or less intensity. Therefore, the religious life works as one of the most important assurance mechanisms of power between families in that it brings together and dominate the community, thus becoming a symbolic power. We want this work to analyze the mode of occupation of these religious communities from the perspective of sociological theories of Max Weber, Emile Durkheim, Peter Berger, Pierre Bourdieu, Heraldo Maues and Gedeon Alencar. Show the possibility of comparing the theoretical model constructed by the authors with the observation pointed to empirical reality.

Keywords: Amazon, Amazon, Church, Catholicism, Protestantism, Riverside.

A religião interfere na vida do povo, a vida do povo interfere na religião; interpenetram-se.
Cinira Macedo, A imagem do Eterno, 1991.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
I CAPÍTULO – CATOLICISMO E PROTESTANTISMO: MISSÃO NO AMAZONAS	21
1.1 Missão na Amazônia: a expansão da Igreja Católica pelos rios Amazônicos.....	22
1.1.1 A Igreja Católica no Amazonas.....	26
1.1.2 Catolicismo: aspectos socioculturais que permitiram a sua permanência na vida religiosa da população Amazônica.....	28
1.2 Presença da Igreja Protestante na Amazônia: os primeiros missionários.....	31
1.2.1 Estabelecimento da Primeira Igreja Protestante na Amazônia: Justus Henry Nelson e a Igreja Metodista Episcopal.....	33
1.2.2 Protestantismo missionário: o Metodismo no Amazonas.....	35
1.2.3 Missão Betesda de Manaus.....	37
1.2.4 A influência da Igreja Protestante na vida religiosa dos Amazonenses.....	39
1.3 Catolicismo e Protestantismo Rural.....	40
1.4 O campo religioso de Jaiteua de Cima: Catolicismo e Protestantismo, movimentos genuinamente brasileiros.....	45
II CAPÍTULO – A INFLUÊNCIA DA IGREJA NA ORGANIZAÇÃO SOCIAL DAS COMUNIDADES NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO E ASSEMBLÉIA DE DEUS	51
2.1 A localidade Jaiteua de Cima.....	52
2.1.1 A vida social em Jaiteua de Cima.....	54
2.1.2 A Comunidade.....	68
2.2 A Igreja Católica na organização social da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.....	70
2.3 A Igreja Evangélica Assembléia de Deus na formação da comunidade Assembléia de Deus.....	77
2.4 A nova conjuntura religiosa e suas implicações para formação de novas comunidades em Jaiteua de Cima.....	88
III CAPÍTULO – DIMENSÕES DA VIDA RELIGIOSA RIBEIRINHA	94
3.1 A religião como motivação para a experiência individual.....	95
3.2 A vivência religiosa na coletividade.....	110
3.2.1 O culto evangélico.....	118
3.2.2 A festa de São Tomé.....	121
3.3 Os aspectos político-religiosos.....	123
3.4 A relação das igrejas com as famílias locais.....	129
3.5 O “líder religioso” e sua legitimidade nas Comunidades N. S. P. S. e A. D.....	135
CONSIDERAÇÕES FINAIS	146
REFERÊNCIAS	150

INTRODUÇÃO

O Brasil está marcado pela diversidade de credos e filiações religiosas. O Cristianismo é uma das cinco religiões mundiais mais importantes da humanidade. Revolucionou o Império Romano e até hoje vem se readaptando às mudanças sociais. Continua transformando o mundo, ocupando lugar relevante entre as demais religiões no Brasil (MACEDO, 1991).

O campo religioso amazonense, com a chegada dos colonizadores, foi fortemente influenciado pelo Cristianismo, considerado um dos principais movimentos religiosos introduzido na região, a princípio pela Igreja Católica e mais tarde pela Igreja Protestante. Estas Igrejas são instituições históricas presentes durante o processo de ocupação de toda a Amazônia brasileira.

A partir do século XVII o Catolicismo foi oficialmente introduzido na Amazônia. Deste século até o século XIX a Igreja Católica atuou sozinha, com poucas interferências protestantes. No Estado do Amazonas, os primeiros missionários a portarem neste solo foram os jesuítas, os quais acompanhavam os portugueses para a ocupação destas terras. A primeira tentativa de missão no Amazonas realizada por estes missionários foi dedicada à Nossa Senhora da Conceição.

No entanto, com a Proclamação da República, a igreja foi separada do Estado, tornando o Brasil um País laico. Foi nesse período que os protestantes entraram em cena com mais intensidade. A Igreja Católica se sentiu ameaçada, pois o Protestantismo combatia muitos dos seus dogmas, principalmente, a devoção aos Santos.

O Protestantismo foi fixado no Amazonas inicialmente por meio da Igreja Metodista em 1887, quando o Reverendo Marcus Elleworth Carver juntamente com o Reverendo Justus Henry Nelson se dirigiram a Manaus para iniciarem as primeiras atividades missionárias no Estado. Os primeiros anos de propagação foram difíceis e improváveis. Um dos problemas era o domínio do grupo eclesiástico da Igreja Católica e a forte devoção aos dogmas católicos.

Diante do exposto, neste trabalho se estudou em particular o campo religioso amazonense. Uma das categorias centrais na teoria de Pierre Bourdieu é a de *campo*. A categoria campo surge para que o pesquisador visualize a “relativa autonomia” que cada produção social apresentará. É nessa perspectiva que fez-se uso dessa categoria sociológica por apontar a dinâmica do campo religioso rural amazônico, o qual é dotado de uma “relativa autonomia”. Porém, também vulnerável em maior ou menor grau à “influências externas” (BOURDIEU, 1996).

Este intelectual traz à tona a riqueza desse conceito, o qual abriu caminhos para uma reflexão sobre a vida religiosa ribeirinha. Daí o uso dessa categoria ao longo deste estudo. Neste sentido, este trabalho pretende apresentar um panorama das principais matrizes do Cristianismo na região Amazônica: o Catolicismo e o Protestantismo. É uma abordagem histórico-sociológica realizada na área rural do Amazonas.

Durante a pesquisa, delineei a gênese destes movimentos na Amazônia e sua implantação no Estado, bem como sua continuidade, permanência e transformações no cenário da sociedade ribeirinha. Sendo importante ressaltar que no universo ribeirinho, a Igreja Protestante estudada foi a Igreja Evangélica Assembléia de Deus. Sabe-se que atualmente usa-se o termo *evangélico* para definir o protestante. O movimento Protestante deu origem à novas igrejas chamadas de “Igrejas Evangélicas”. Estas possuem os mesmos dogmas, com a inserção de novas práticas. É um termo que abrange todas as igrejas (protestantismo histórico, pentecostalismo clássico, neoclássico, neopentecostais) que se reconhecem como evangélicas e protestantes.

Foi um desafio estudar a vida religiosa do ribeirinho. A fé em Deus para essa população tem uma dimensão inquestionável por transcender o mundo físico. Isto quer dizer que ela acompanha o ribeirinho em quaisquer momentos da sua vida – perigo, peste, problema financeiro, tempestades, cheia, seca, doenças, entre outros. Basta ter fé, confiar no santo protetor, na oração e na Bíblia para obter uma resposta segura.

A religiosidade ribeirinha também consiste na convicção de que existe um Ser Superior. Religiosidade fundamentada nas suas crenças, nos seus costumes e na relação direta com a natureza, que de alguma maneira os remetem à idéia de Deus. Ao longo do tempo, os homens vêm crendo na existência em algo Superior, mesmo que embora a natureza exata da crença e as práticas de adoração variem de uma religião para outra. Tendência do passado que permanece no tempo presente.

O pensamento religioso ribeirinho, conforme minhas impressões em campo, é que Deus não tem princípio nem fim. É um ser que permanece acima do tempo, sendo capaz de saber tudo o que vai acontecer no começo e no fim da vida de uma pessoa. Ele é eterno e está presente em todos os lugares, representado por um santo de devoção, na figura do catequista, do padre, do pastor, do diácono e nas lendas que evidenciam a história da luta entre o mal e o bem. Por exemplo, a lenda da cobra Honorato e Maria¹. Não existe nada que Deus deveria ou

¹ Em uma determinada etnia indígena da Amazônia, uma índia fica grávida de uma Boiuna (do Tupi Mboi, cobra, e Una, prata). Seus filhos eram gêmeos e vieram ao mundo na forma de duas serpentes negras. A índia então batizou-os com os nomes de Honorato e Maria. Os gêmeos, embora gerados no mesmo ventre, ao serem

poderia tornar-se. Esse imaginário ribeirinho permite que a religião influencie em todas as esferas de suas vidas.

Nas comunidades ribeirinhas estudadas, as Igrejas Católica e Evangélica caracterizam-se como instituições-chave no processo de organização social desses lugares. Elas representam o núcleo social central dos seus moradores, uma vez que grande parte das atividades realizadas nas comunidades é organizada na igreja, considerando que os cultos e as missas aos domingos constituem o momento por excelência de reunião e de encontro, no qual os moradores obtêm informações sobre a comunidade e decidem sobre os assuntos que surgem.

Atualmente a Igreja Católica e a Igreja Evangélica disputam território e fiéis também nesses lugares. Este trabalho consiste em mostrar como essas igrejas estão se organizando, haja vista que parte dos moradores se dizem católicos e não abrem mão disso, enquanto outros se dizem evangélicos e tentam “converter” seus parentes, compadres e vizinhos. Esse é um dos motivos do crescimento das Igrejas Evangélicas na área rural do Amazonas e das mudanças que o campo religioso ribeirinho vem passando.

Em razão disso, o estudo proposto ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS), ligado à linha de pesquisa *Povos, Dinâmicas populacionais e Dimensões simbólicas*, foi realizado na localidade Jaiteua de Cima, situado às margens do Lago Grande, no Município de Manacapuru² (AM). Na localidade se concentram quatro comunidades: Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Assembléia de Deus, Santa Izabel e Assembléia de Deus Tradicional, que convivem num espaço geográfico muito próximo uma das outras.

No entanto, somente duas comunidades foram selecionadas para este estudo: Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e Assembléia de Deus, por serem as primeiras comunidades organizadas em Jaiteua de Cima e por fazerem parte de dois movimentos religiosos que marcaram a vida religiosa da sociedade Amazônica, o Catolicismo e o Pentecostalismo.

jogados no rio e mesmo desenvolvendo-se em condições semelhantes, acabam desenvolvendo modos diferentes de conduta. Honorato era Bom, mas sua irmã era muito perversa. Ela alagava embarcações, matava náufragos, atacava os pescadores e feria os peixes pequenos. Tais maldosos feitos levou Honorato à matá-la. Deste modo, o bem supera o mal e Honorato torna-se um herói.

² O município é a 7^o Sub-Região do Rio Negro, em uma área territorial de 7.602 km² no Estado do Amazonas. O acesso à Manacapuru pode ser via rodovia, através da estrada Manuel Urbano AM-070, que liga o município à cidade de Manaus. O acesso pode ser feito também via fluvial, pelo Rio Solimões.



Imagem 01 – Área de estudo.
 Fonte: Imagem de Satélite LANDSAT, 2001.

A escolha destas comunidades está diretamente vinculada à forma como está organizada a vida religiosa em Jaiteua de Cima, pois parte da localidade se autodenomina católica e evangélica. Os moradores destas comunidades, sujeitos desta pesquisa, são agricultores e pescadores que vivem da economia de subsistência, seguem rigorosamente os preceitos da vida religiosa e educam seus filhos com base nos princípios específicos de cada uma dessas igrejas, transmitindo seus conhecimentos por meio de práticas e da oralidade.

É relevante ressaltar que este estudo é uma extensão do projeto *Identidade Social e Poder Local: Análise das Relações Sociopolíticas em Jaiteua de Cima, Manacapuru (Am)*, realizado pelo Programa de Iniciação Científica (PIBIC) da Universidade Federal do Amazonas, no período de 08/2007 a 08/2008. Estudo vinculado ao projeto *Bases para a Sustentabilidade da Pesca na Amazônia*, financiado pelo Programa Piloto para Proteção das Florestas Tropicais do Brasil (PPG7).

Foi a partir desta pesquisa que constatei como o fenômeno religioso é algo denso e que precisava ser investigado com mais profundidade. Em todas as esferas das comunidades foi possível observar que a religião acompanha as mudanças, o desenvolvimento, as decisões políticas, as relações de parentesco e o lazer.

Neste processo, os “líderes religiosos” possuem papel fundamental na orientação ideológica e cultural da comunidade mediante o estabelecimento de encontros e de decisões, garantindo assim, uma relação de respeito e apreço às suas orientações ideológicas e políticas.

Essa pesquisa além de mostrar a influência das Igrejas Católicas e Evangélicas na localidade Jaiteua de Cima compreendeu também que as relações sociopolíticas estão

diretamente relacionadas a partir da história da formação social das comunidades Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e Assembléia de Deus.

Desta feita, detectei que o poder local se constitui por laços familiares, uma vez que há uma determinada família que se destaca mais que as outras em cada comunidade. Tal prestígio dá-se por ser o primeiro grupo familiar a iniciar-se através da doação de um pequeno terreno para a formação das comunidades. Fato que determina que os cargos de liderança sejam ocupados pelas pessoas que fazem parte da família que estiveram à frente de tal fundação.

Esses foram os vários motivos em querer saber mais sobre esse campo social, ao destacar a importância que a instituição igreja ainda tem para com os moradores das comunidades rurais da Amazônia. Desta forma, este trabalho nasceu do esforço em resgatar a história das principais igrejas que atuaram na região Amazônica desde o início de sua colonização até os dias atuais entre a população ribeirinha, buscando compreender o campo religioso amazonense a partir de um olhar sociológico.

É um trabalho que possui lacunas, por isso suscetível de críticas. São lacunas que podem ser preenchidas a partir de novos estudos realizados por sociólogos, antropólogos, historiadores e teólogos que queiram investigar a vida religiosa ribeirinha. O mundo religioso Amazônico é bastante amplo e precisa ser estudado pela Sociologia que aqui está sendo feita, por isso deixo o convite para estes estudiosos que queiram embrenhar-se por este caminho.

Enfim, pesquisar, ler, coletar dados, fazer entrevistas, passar dias longe de casa e escrever uma dissertação de mestrado representa a conclusão de uma etapa da vida acadêmica. Caminho feito de desafios, de dificuldades e sonhos que realizam-se neste momento. Na verdade, esse universo faz parte da minha história de vida, por isso esse mundo sempre me “encantou” por ser filha de pais agricultores. Todos os dias pela manhã meu pai ia para a roça ou para a pesca. Remava horas juntamente com minha mãe e irmãos até chegar onde estavam suas plantações. E quando retornavam traziam o peixe ou a farinha e dividiam com alguns vizinhos e filhos já casados.

Esta dissertação poderia ter abordado vários aspectos da vida das pessoas em Jaiteua de Cima, mas optei em estudar a vida religiosa destes moradores, a fim de contribuir com a academia para o conhecimento religioso sobre essa população.

Nesse sentido, a pesquisa teve como objetivo geral analisar a interferência da religião na vida e nas relações sociopolíticas que caracterizam a realidade sociocultural das comunidades Nossa Senhora do Perpétuo e Assembléia de Deus, localidade de Jaiteua de Cima, Município de Manacapuru/AM. Os objetivos específicos consistem na descrição do

processo de implantação das Igrejas Católica e Protestante no Estado do Amazonas e sua influência na organização social das comunidades selecionadas para este estudo; Identificar os principais motivos de fundação das comunidades; Compreender como o campo religioso está legitimado na localidade de Jaiteua de Cima, Manacapuru/AM, e caracterizar os sujeitos sociais envolvidos nas relações políticas, sociais e religiosas que regem as comunidades.

Quanto aos procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa para atingir os objetivos propostos, são compreendidos como instrumentos necessários à constatação do objeto. Neste sentido, o método adotado para tal investigação foi o estudo de caso. Segundo Miriam Goldenberg (1997) esse tipo de análise tornou-se uma das principais modalidades de pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Para a autora, este método consiste em investigar intensamente um único caso, ou seja, considera uma única unidade estudada como um todo. Por exemplo, um indivíduo, uma comunidade, uma família, ou uma instituição, reunindo o maior número de informações detalhadas por meio de diferentes técnicas de pesquisa, como a entrevista e a observação participante.

Ao estudar a vida religiosa dos moradores de Jaiteua de Cima por meio deste método, foi possível mergulhar de forma profunda na realidade social onde a pesquisa foi realizada. Como a pesquisa de campo e a etnografia fazem parte dos procedimentos metodológicos que ajudam a alcançar os resultados de uma dada pesquisa que consiste em estudo de caso, estes também foram adotados.

Para Clifford Geertz (1978), a etnografia deve consistir num esforço de ler as sociedades estudadas como textos, onde a interpretação se faz a todo o momento, de todos os aspectos e à procura dos significados das instituições culturais. Através do trabalho etnográfico realizei um levantamento geral e descritivo do espaço que compreende as comunidades Nossa Senhora do Perpetuo Socorro e Assembléia de Deus, identificando as características sociais e as especificidades das igrejas locais. A etnografia foi de extrema relevância, uma vez que os dados a serem sistematizados ganharam sentido e deram visibilidade interpretativa a todas às impressões percebidas em campo.

Por meio da perspectiva etnográfica se fez um trabalho de campo cumprindo seus requisitos básicos: registro da vida religiosa dos moradores de Jaiteua de Cima em um esboço claro e firme; observação minuciosa da dinâmica social e da relação que a igreja tem com o lugar; descrição e interpretação do fenômeno religioso que permeiam a vida coletiva de Jaiteua de Cima.

Procedimentos formados pelo olhar, ouvir e o escrever, que consistem em garantir o melhor uso dos dados observados. O olhar visa observar tudo o que estar ao redor; o ouvir é a

compreensão do que foi observado; o escrever é a configuração final do trabalho (OLIVEIRA, 1998).

Estes procedimentos foram cumpridos com o objetivo de estabelecer uma relação intersubjetiva entre o pesquisador e o pesquisado, ou seja, tratou-se de instituir uma relação dialógica entre ambos. Os parâmetros metodológicos indicados por Bourdieu (1996), no que tange a objetividade do pesquisador para minimizar a influência de seu *habitus* – formado por seu capital econômico, social, simbólico e cultural – durante o processo de coleta de dados e análises das informações buscaram durante a comunicação entre pesquisador e seus informantes a diminuição do que o autor chama de violência simbólica, pois a pesquisa além de obter novos conhecimentos é uma relação social que exerce efeitos sobre os resultados obtidos.

Com relação à coleta de dados, fez-se em torno de 15 entrevistas semi-estruturadas, as quais foram realizadas entre líderes comunitários, antigos moradores e representantes das igrejas. Por meio destas entrevistas, foi possível obter informações a respeito do modo de vida dos moradores, de suas atividades econômicas, o conhecimento que estes grupos possuem do ambiente em que vivem e sobre a história social de cada comunidade. Fez-se também o uso de máquina fotográfica, sob a permissão dos moradores e entrevistados para enriquecer visualmente a dissertação e servir como prova documental; de gravador, para que a entrevista informal fosse documentada e para que mais tarde sua transcrição fosse segura e completa; diário de campo, para anotações sobre a observação da localidade, para o registro dos acontecimentos e para as interpretações feitas no momento da pesquisa.

Desse modo, esta dissertação está dividida em três capítulos. O primeiro capítulo além de ser pertinente à temática estudada é também uma realização pessoal, pois sempre quis saber como se deu o processo de inserção do Protestantismo na Amazônia. Foi difícil escrever sobre este tema pela dificuldade em encontrar bibliografia. A bibliografia que existe mostra a realidade nacional. Mas, ao vasculhar bibliotecas virtuais e jornais antigos pude escrever, mesmo que resumidamente, sobre o Protestantismo no Amazonas. Este capítulo mostra a chegada das Igrejas Católica e Protestante no Estado do Amazonas, sua influência na vida dos Amazonenses e no meio rural.

O segundo capítulo mergulha nas comunidades Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e Assembléia de Deus, revelando o modo de vida de seus moradores, como se deu a fundação destas comunidades a partir da inserção e da construção de um templo evangélico e de uma pequena capela católica na localidade Jaiteua de Cima. O terceiro capítulo apresenta as mudanças que estão ocorrendo na vida religiosa ribeirinha e destaca a relação que o ribeirinho

tem com o Sagrado, rituais, aspectos políticos e o grau de parentesco entre as principais pessoas que administram a igreja e a comunidade. Com base nesta multiplicidade de práticas e interesses que caracterizam a vida em comunidade, este último capítulo consiste em entender como as relações de poder se mantêm por meio das instituições religiosas. Caracterizou-se e se identificou os tipos de líderes locais que surgem em função dessas relações desenvolvidas pela igreja para garantir o controle e uso do território pelos grupos sociais locais.

I CAPÍTULO

CATOLICISMO E PROTESTANTISMO MISSÃO NO AMAZONAS

1 CATOLICISMO E PROTESTANTISMO MISSÃO NO AMAZONAS

Este capítulo destaca alguns elementos que revelam a importância da Igreja Católica e Protestante na história social da Amazônia. Assim, ao descrever suas chegadas nesta região do Brasil se fará referência sobre sua influência no Estado do Amazonas, constatando que a ação missionária estabelecida a partir do século XVII, desempenha importante papel na formação de uma nova organização social, na afirmação da soberania territorial estatal, e na “nacionalização” da população local.

Estas Igrejas, nos dias de hoje, fazem parte da cultura amazonense. No entanto, a maneira como ambas se estabeleceram e como atuaram em períodos diferentes no Estado foi distinto. Ao longo da ação do Catolicismo e do Protestantismo houve conflitos, disputas e divergências entre esses dois movimentos religiosos, que resistiram aos ditames políticos, ao clima, à floresta “selvagem”, à hidrografia, ao “isolamento”, aos costumes locais e à falta de recursos financeiros. Enfatizar-se-á também a influência destes movimentos na área rural e na vida dos ribeirinhos de Jaiteua de Cima, Município de Manacapuru, Am.

1.1 Missão na Amazônia: a expansão da Igreja Católica pelos rios amazônicos

A Amazônia desde que fora “descoberta” pelos europeus, foi cenário de histórias mitológicas que a descreviam como o Paraíso Perdido, o El-Dourado, a Fonte da Juventude. Também foi palco de guerras; de escravidão; de disputas políticas e territoriais; de desenvolvimento econômico, como o período da borracha, quando houve intensas imigrações como a nordestina; de exploração em massa das riquezas naturais, como as “drogas do sertão”, da implantação da navegação a vapor e de desigualdades sociais.

Neste contexto, a Igreja Católica também estava inserida. Gondim (2007) enfatiza que o pensamento religioso influenciava a visão de mundo dos viajantes europeus. Nas narrativas desses viajantes, segundo a autora, a localização do paraíso e do inferno eram temas frequentes. A flora e a fauna foram comparadas com o jardim do Éden. Logo, as histórias bíblicas foram importantes na constituição do imaginário dos viajantes, dos cronistas e dos missionários. Suas ideias e imaginações estavam arraigadas a conceitos religiosos difundidos pelo Catolicismo.

Na Amazônia, o Cristianismo se estabelece no século XVII, a partir da chegada dos luso-brasileiros à foz do rio Amazonas, em 1616. Segundo Oliveira (1983), enquanto

combatiam e afastavam os ingleses, holandeses e os que chegavam vindos do Nordeste Brasileiro, os “ocupantes” notaram que apesar de estarem vencendo os seus competidores, as terras não estavam livres para a exploração econômica. Havia um impedimento, os índios, os quais foram hostis contra a invasão de seus territórios e a depredação do meio ambiente onde viviam.

Em função disso, os missionários católicos foram chamados, a fim de descê-los de suas aldeias para o “povoado religioso”, deixando assim, as terras livres para a colheita das drogas do sertão. Esta atuação missionária foi, portanto, uma das faces de tal ocupação, pois estes somente se preocupavam com os descimentos³, a catequese e a “civilização” dos índios.

Os *Franciscanos da Província de Santo Antonio* foi a primeira Ordem Missionária Católica a se instalar na Amazônia para as tarefas de catequese. Essa Ordem veio para a região na expedição de Jerônimo de Albuquerque para a conquista do Maranhão. O trabalho missionário dos franciscanos era condicionado pela tradição portuguesa. Estes quiseram constituir no Brasil um ambiente de vida parecido com o de Portugal. Neste caso, não podiam faltar os conventos, missas, novenas e a eucaristia. Os franciscanos entendiam a missão como extensão das fronteiras do sistema católico e expansão religiosa (HOORNAERT, 1992).

A introdução da Igreja Católica na Amazônia se deu por meio da contribuição dos colonos que queriam garantir seu domínio sobre este território e pelos missionários que constituíram um Catolicismo baseado em influências populares ibéricas com forte acento medieval voltado para festas de devoção aos santos católicos (MAUÉS, 2000), por soldados, administradores coloniais, índios e negros.

Percebe-se, que o projeto colonial de conquista da Amazônia estava também ligado ao sentido espiritual, ou seja, os colonizadores dominaram estas terras e os índios sob a proteção dos princípios morais e religiosos da Igreja Católica. Enfim, o interesse da colonização através das ordens missionárias na Amazônia consistia em assegurar as fronteiras para Portugal. Os religiosos eram agentes de defesa das fronteiras do Vale Amazônico.

Os missionários, ao participarem do projeto colonizador, adentraram na floresta invadindo aldeias indígenas com o propósito de converter os primeiros habitantes desta região

³ Os descimentos eram expedições, em princípio não militares, realizadas por missionários, com o objetivo de convencer os índios que “descessem” de suas aldeias de origem para viverem em novos aldeamentos especialmente criados para esse fim, pelos portugueses, nas proximidades dos núcleos coloniais. Esses aldeamentos missionários, chamados também de aldeias de repartição, estavam integrados ao sistema colonial, funcionando como uma espécie de “armazém” onde os índios, uma vez descidos, eram estocados. Depois de catequizados eram alugados e distribuídos/repartidos entre os colonos, os missionários e o serviço real da Coroa Portuguesa, para quem deviam obrigatoriamente trabalhar em troca de um pagamento, por um determinado período - que variou de dois a seis meses - findo o qual deveriam ser devolvidos à aldeia (HOORNAERT, 1992).

ao Cristianismo. Como os povos indígenas eram os principais moradores, toda atuação das ordens religiosas foi direcionada aos mesmos.

As aldeias, em sua maioria, estavam concentradas nas margens dos rios amazônicos. Outras se agrupavam em lugares de difícil acesso onde viviam de maneira muito simples, retirando da natureza somente o suficiente para sobreviverem. Para alcançá-los, o rio era o único caminho. Os missionários utilizavam pequenas canoas confeccionadas pelos índios para a travessia dos rios. Os índios também eram “[...] os remeiros buscados para a travessia dos furos, igarapés e igapós que eram e são os caminhos da Amazônia, evitando os perigos que as profundezas das águas encerravam, sabendo contornar as pedras das corredeiras e cachoeiras, conhecendo palmo a palmo os meandros do rio [...]” (OLIVEIRA, 1983, p. 186).

Através do conhecimento que os indígenas possuíam sobre a região, os missionários entraram nas aldeias controlando suas crenças e práticas cotidianas. Figueroa (2002), em seu artigo *Presença Religiosa na Amazônia*, descreve como a Igreja Católica evangelizou essa população. O Catolicismo Romano se organizou em Dioceses, sendo que a prática pastoral mais conhecida exercida neste tempo foram as chamadas *Desobrigas*.

Para Hoornaert (1992), um dos motivos da criação da *Desobriga* consistia na saída dos missionários das aldeias. Estes tinham que catequizar através de um sistema elaborado de castigo que os próprios padres não aguentavam por muito tempo, daí a elaboração de um regulamento que não permitia que o missionário permanecesse por mais de três anos em uma única aldeia.

Desse modo, os missionários – padres, sacerdotes, bispos, freis – percorriam os rios e a densa floresta “desobrigando” a população local de seus pecados e de seus compromissos canônicos (pendências ritualísticas), também casavam, batizavam, celebravam missas e ensinavam os costumes católicos como: o culto aos santos, a importância da eucaristia e as orações Ave Maria e o Pai Nosso. Para desempenharem essas atividades, reuniam os indígenas em aldeamentos ou reduções onde recebiam a catequese e os sacramentos.

Os missionários andavam de aldeia em aldeia. Toda a população local deveria ser batizada, participar das missas e outros atos religiosos como as procissões, a reza do terço e das ladainhas em latim. Ao cumprirem essas atividades, os missionários partiam para a aldeia seguinte, achando que sozinhos, os indígenas cumpririam os preceitos cristãos católicos. Nesse tempo houve pouco controle eclesial, configurando assim em um tipo de Catolicismo que evidenciava também as tradições indígenas.

A catequese foi o principal instrumento de evangelização utilizado pelos missionários. Maués (2000) chama esse sistema religioso de “pedagogia catequética”. O autor enfatiza que

um dos aspectos da catequese era a violência contra os indígenas, principalmente contra suas práticas tradicionais. Por exemplo, a proibição de danças, a nudez, a incorporação de espíritos em público, a pajelança, costumes como a poligamia, a antropofagia, dentre outros. Para o autor, trata-se de uma atividade doutrinária católica que destruiu de certa maneira a vida tribal dos povos indígenas.

Os missionários também enfrentaram sérios problemas como o esforço de conviver com indígenas. Estes não tinham com quem dialogar, pois não conheciam a sua língua, surgindo assim, a necessidade de conhecê-las, a qual era extremamente difícil para os seus ouvidos.

A catequese foi um trabalho árduo e perigoso. Um movimento em direção ao “outro” em si mesmo, ou seja, “só prestam os índios que (nada) tem de índio”. Aquilo que no índio não era semelhante aos europeus era prontamente rejeitado (HOORNAERT, 1992). Tanto o modo de vida quanto as manifestações culturais e religiosas dos índios eram combatidas, de forma violenta, como se fossem pecado. Toda crença era considerada do mal, satânica, por isso devia ser banida.

Segundo Reis (1997), o trabalho das ordens religiosas ligadas à obra da civilização é indicado como um trabalho de tal significado, o qual não é possível compreender sem o estudo do esforço dos missionários, que parece à primeira vista reduzido à catequese indígena. Além das atividades catequéticas, espalharam a noção de Deus, estudaram a terra e o homem e aproveitaram as aptidões dos índios para construírem hospitais e escolas onde os filhos dos colonos e dos indígenas aprendiam as primeiras letras. Ainda ensinaram os indígenas por meio de novas tecnologias industriais a lavrarem a terra e aproveitarem a matéria-prima regional; construíram igrejas e conventos com as melhores manifestações artísticas da empresa colonial e criaram as primeiras páginas da literatura amazônica.

A obra missionária no campo social é imensa. A sua dedicação à conquista dos povos indígenas é uma conquista espiritual, social e cultural. Na Amazônia a Igreja Católica caracterizou-se como uma instituição chave no processo de organização social dessa região, influenciou na formação de uma cultura enraizada em tradições indígenas e europeias. Nos dias de hoje, ainda, fortalece os grupos sociais em sua formação, principalmente, de comunidades rurais.

A proximidade estabelecida entre índios e as Ordens Religiosas é um dos fatores que colocam em destaque a consolidação da igreja e a cristianização do imaginário indígena. As ordens religiosas, além de estarem mais próximas da população, tinham um forte impulso missionário: levar a civilização, a fé católica, ensinar, educar e catequizar. Assim sendo, eles

tiveram grande influência sobre os indígenas, facilitando a institucionalização da Igreja Católica na Amazônia.

1.1.1 A Igreja Católica no Amazonas⁴

O Estado do Amazonas se desenvolveu sobre uma matriz eminentemente católica devido o trabalho das Ordens religiosas. Segundo o Pe. Celestino Ceretta (2008), esse estabelecimento mais ou menos missionário durou pouco tempo, pois foi abandonado por motivo da primeira expulsão dos jesuítas em 1661. Essa primeira tentativa de missão no Amazonas foi dedicada à Nossa Senhora da Conceição, divindade católica que tornou-se padroeira da cidade de Manaus.

Em 1668, Pedro da Costa Favela, mandado pelo governador Coelho de Carvalho com tropa de resgate para ocupar novamente o Amazonas, estava acompanhado do mercedário Frei Teodósio da Veiga, os quais fundaram na mediação do Aruim – hoje conhecido como Tarumã Mirim – um povoado dedicado à Santa Izabel. Com a fundação do novo povoado (hoje a cidade de Manaus), as atividades missionárias foram realizadas pelos mercedários até serem entregues aos carmelitas pela redistribuição das tarefas missionárias de 1686 (CERETTA, 2008).

O Pe. Ceretta, considera que Manaus nunca foi missão propriamente dita por ter sido uma fortaleza – Lugar da Barra – e não uma missão, porém, sua fundação estava ligada aos missionários jesuítas e carmelitas, considerados como os primeiros missionários que atuaram intensamente na conquista espiritual da população amazonense.

Todavia, estas duas Ordens missionárias não tinham condições de atender a toda extensão do Amazonas, então, o governo distribuiu o território amazonense entre as ordens religiosas Jesuítica, Mercedário e Carmelita, por participarem da fundação de Manaus.

⁴A primeira ocupação do Amazonas aconteceu em 22 de junho de 1657. Partiu de São Luiz do Maranhão numa tropa de resgate comandada pelo cabo Bento Maciel Parente, em direção ao sertão amazonense. Seguiam a expedição dois religiosos: os padres Francisco Veloso e Manuel Pires. O trabalho destes era verificar a santidade da guerra desencadeada contra o gentio, chamada “guerra justa”. O orador sacro padre Antônio Vieira pregou à partida dessa bandeira. Na boca do rio Tarumã foi fincada a cruz (Cruz do Tarumã), tomando a posse e rezada a missa convencional. A formação da população amazonense só seria possível depois da criação do forte dedicado à Santíssima Trindade, quando se estabelecessem os mitimais, uma forma de estratégia social inventada pelos Incas e posta em prática pelos espanhóis. Desta forma, aos primitivos, índios Tarumã ocupantes, juntaram elementos de outros povos: Baré, Pacé, Manau, Aruaques descidos do alto rio Negro, Mariquenas, entre outras, e com esse amálgama foi construído o primeiro núcleo cosmopolita que veio a chamar-se aldeia de São José do Rio Negro, quando da criação e instituição da Capitania de São José do Rio Negro (dados retirados do site <http://www.rootsweb.ancestry.com/~brawgw/am/mapaam.html>. Acesso em 15. 10. 2010).

Na segunda metade do século XIX, a Amazônia passou por algumas transformações. Uma delas foi a criação da província do Amazonas em 1850/1852. Com a cabanagem⁵ em 1835-1840, o Amazonas manteve-se fiel ao governo imperial. Então, por não ter aderido à revolta, tornou-se Província autônoma se desmembrando em definitivo da antiga Província do Grão-Pará. Nessa mesma época, a Vila da Barra do Rio Negro foi elevada à cidade com o nome de Manaus em 1856, atual capital amazonense.

Nos primeiros anos da Província do Amazonas, a Igreja Católica participou ativamente no meio político-partidário através do padre Torquato Antônio de Souza como deputado, no ano de 1853, e que depois de uma breve interrupção, retornou ao poder Legislativo Provincial em 1857. Em 1858, o vice-presidente do poder Legislativo era o padre Augusto de Mattos e ocupava o cargo de primeiro secretário, o padre Daniel Pedro Marques de Oliveira. Foi neste período que a Igreja Católica teve maior influência religiosa nos trabalhos legislativos, tendo em destaque o padre Romualdo Gonçalves de Azevedo, o qual se tornou presidente do Legislativo amazonense em 1860 (BRAGA, 2010).

Foi durante esse século que o papado de Leão XIII criou o bispado do Amazonas, em 27 de 1892. Esse foi um marco de profundo significado na história eclesiástica da região por firmar uma maior presença da igreja. A partir desse marco foi que se desencadeou todo o processo de reorganização e reestruturação da vida eclesiástica no Estado. Durante a atuação dos missionários na região não existia um clero propriamente dito porque a igreja estava ligada ao Estado, esta era mais obediente à Coroa do que ao sistema eclesiástico. A religião oficial do Estado andou lado a lado com o poder público e com a sociedade civil. Somente após a Proclamação da República, torna-se um Estado laico.

Isto não significa que o Catolicismo deixou de influenciar a população local, mas a Igreja Católica se preocupou em criar um clero mais organizado que continuasse suas atividades missionárias no Amazonas. Dom José Lourenço da Costa Aguiar foi o primeiro bispo do Amazonas, sendo nomeado em 14 de março de 1894. A Sagração de Monsenhor Costa Aguiar efetuou-se na Igreja do Sagrado Coração de Jesus de Petrópolis, sendo sagrante Dom Frei Jerônimo Maria Gatti, Internúncio Apostólico e o assistente, Bispo de Aegos, Dom Joaquim Arcoverde e Dom Francisco do Rego Maria.

O Bispado do Amazonas trazia no programa de governo do primeiro bispo as diretrizes de seu episcopado em consonância com o Papa Leão XIII, justificando as atitudes e

⁵ A Cabanagem foi uma revolta popular na província do Grão-Pará. Os cabanos (índios e negros) e os integrantes da elite local (comerciantes e fazendeiros) se uniram contra o governo regencial com o objetivo de conquistar a independência da província. Os cabanos pretendiam obter melhores condições de vida e os fazendeiros e comerciantes, pretendiam obter maior participação nas decisões administrativas e políticas (CERETTA, 2008).

atribuições que ele deveria tomar em função de manter a igreja em meio ao desenfreado capitalismo existente naquele período.

1.1.2 Catolicismo: aspectos socioculturais que permitiram a sua permanência na vida religiosa da população amazônica

Por meio da Igreja Católica, o Cristianismo tornou-se a religião predominante na Amazônia. A cultura cristã é uma das “essências” que constitui a identidade das populações locais. Essa cultura se manifesta em muitos dos costumes (valores, crenças, ritos, saberes, poder) deste povo, mas isso só foi possível por meio de uma evangelização profunda, tornando o Cristianismo parte da cultura amazônica.

A cultura religiosa amazônica foi fortemente influenciada, principalmente, pelo Catolicismo e pelas tradições indígenas. Essa relação foi tensa, promovendo a condução de determinados elementos que compunham a religião indígena para a religião católica e vice-versa.

Para Araújo (2003), o homem da Amazônia é, na sua totalidade, católico. Grande é o número de igrejas, capelas, paróquias e prelazias no interior da região. Onde não há capela ou igreja, padre ou missão, há sempre homens e mulheres do Apostolado da Oração que se encarregam de fazer as ladainhas, as missas aos domingos e de rezar o terço. As festas do Divino, as pastorinhas de Natal, a missa do galo, as procissões, a semana santa, os novenários, os terços, as bênçãos do Santíssimo, os quadros com a imagem de Cristo ou de algum santo católico pendurado nas paredes das casas dos moradores são os sinais da influência da Igreja Católica na vida religiosa da população amazônica.

Galvão (1976), também afirma que os moradores da Amazônia, em geral, são católicos. Mas suas concepções sobre o universo estão impregnadas de ideias e crenças que se originam das tradições indígenas. Mesmo com as mudanças no sistema religioso indígena, seus costumes não foram totalmente excluídos. Por exemplo, *Tupã* um ser sobrenatural tupi ligado ao trovão foi relacionado ao Deus cristão; o *Jurupari*, um ser da floresta foi relacionado à personificação do Diabo.

O culto aos santos foi valorizado e relacionados à entidades espirituais que povoam a floresta e os rios. Segundo Araújo (2003), o santo padroeiro acabou tornando-se uma instituição regional, fazendo parte do cotidiano da população. Acredita-se que estes protegem as casas, as famílias e garantem o bem-estar geral. São cultuados através de festas, missas, orações e promessas.

Nas sociedades indígenas da Amazônia, o catolicismo, e em particular o culto dos santos, foram introduzidos desde os primeiros tempos da conquista lusa. [...] o aborígine adaptou-se e assimilou o ritual cristão, acrescentando-lhe apenas alguns elementos acessórios, sem modificá-los em sua essência (GALVÃO, 1976, p. 11).

A “proteção espiritual” dada pelos santos padroeiros diante das incertezas da vida tornou-se uma das principais crenças mais difundidas, conotando a uma série de articulações sincréticas. Isso significa que a preservação das crenças originais permaneceu adaptando-se ao novo contexto social a partir de novas configurações religiosas.

Essa relação ainda é bastante visível na atualidade. Harris (2006), em seus estudos sobre o catolicismo popular na Amazônia, observou uma intensa conexão entre o catolicismo ribeirinho e o trabalho do pajé. O xamanismo e todo um complexo de crenças como os espíritos maus e os seres encantados se integraram ao Catolicismo popular. Segundo o autor, a única maneira dos xamãs continuarem suas “atividades espirituais” era ter vínculos com as crenças católicas⁶. Neste sentido, há algumas conexões que podem ser feitas: o uso das orações pelos padres e pelos pajés para se comunicarem com o ser divino ou encantado; a ideia de misericórdia existente tanto no Catolicismo como no “pajelar”⁷ e a importância da bênção, de receber um favor sagrado (milagres) por meio de um ser divino ou encantado.

Este estudioso ainda afirma que para os sujeitos de sua pesquisa, não havia contradições entre o catolicismo e a pajelança, pois o próprio pajé se considerava católico e estes procuravam justificativas na Bíblia para as práticas xamanísticas.

Tais informações revelam a predominância de muitos aspectos culturais indígenas e católicos que deram forma ao sistema religioso da região amazônica. Os símbolos do Catolicismo eram espalhados por toda parte, causando forte fascínio aos indígenas e facilitando a conversão dos mesmos à religião católica. Mesmo combatendo as práticas religiosas dos povos indígenas, estes foram resistentes, continuando adeptos aos seus signos religiosos. Isso só foi possível porque as instituições lusas se modificaram de acordo com as exigências das circunstâncias históricas e das peculiaridades do ambiente geográfico.

Sobre isso, Galvão (1976, p. 9, grifo nosso) enfatiza:

⁶ [...] os missionários perseguiram os pajés indígenas mais do que quaisquer outras pessoas. O pajé era visto com a encarnação do mal [...]. Sem o pajé, os europeus esperavam que os índios se voltassem ao cristianismo [...]. Dada essa história, não surpreende que esse mesmo temor europeu em relação aos xamãs, e sua repressão fossem repetidos durante o *boom* da borracha, numa tentativa de controlar a mão de obra indígena. Os xamãs também foram perseguidos pela inquisição. [...] (HARRIS, 2006, p. 99).

⁷ O verbo “pajelar” está associado à misericórdia, isto é, de compaixão e piedade em relação aos seres humanos (HARRIS, 2006, p. 101).

O sistema religioso que se desenvolveu como parte dessa cultura [...] teve seus elementos básicos no catolicismo ibérico do século XVI, acrescidos de outros indígenas, principalmente tupis, *modificados em sua amalgamação e desenvolvimento pelas condições particulares do vale amazônico.*

O Catolicismo ibérico ao ser implantado na região não teve o mesmo sucesso como em outros lugares da América. A integração dos elementos religiosos se processou de modo desigual e por etapas dependendo de fatores específicos do meio ambiente Amazônico. A Igreja Católica teve de certa forma que se enquadrar ao sistema organizacional dos povos indígenas, às suas técnicas primitivas, à sua língua, às práticas religiosas, ao seu conhecimento, aos alimentos, à floresta densa e ao clima quente e úmido. Da mesma forma, os indígenas tiveram que enfrentar a influência dos missionários católicos ibéricos e o caráter dos colonos.

Outro fator que Harris (2006) destaca para compreender a influência da religião indígena e da religião católica no sistema religioso Amazônico é o período pós-missionário – que se deu com a expulsão dos missionários em 1770. Nessa época, somente alguns padres tinham que dar conta de áreas imensas, enquanto a maioria se preocupava com a elite urbana. Mesmo assim, o Catolicismo continuou tendo fortes influências sobre a população.

Com a fragilidade da igreja, os interesses locais começaram a se desenvolver. Justamente nesse período o xamanismo se desenvolve e passa a fazer parte da vida religiosa da população (como apresentamos acima). Para Harris (2006, p. 102), o pajé foi o personagem principal desse período, pois na ausência do padre, é possível especular que o pajé entrou em cena encontrando uma nova posição nesse sistema e apropriando-se de elementos católicos. “O pajé passou a cuidar do sagrado, seguindo os ditames do catolicismo, assim sendo, era mantido separado do profano”.

Esse foi um dos fatores que permitiu a inserção dos elementos da cultura religiosa indígena ao novo sistema religioso, pois estava em processo de formação desde o momento em que começaram os conflitos entre o índio e o europeu. Destarte, tanto as instituições religiosas católicas quanto as de origem indígena são partes integrantes desse sistema religioso. As fases da conquista espiritual da América, transplantação, consolidação e cristianização do imaginário ocorreram de forma que cada uma influenciou a outra.

1.2 Presença da Igreja Protestante na Amazônia: os primeiros missionários

Na Amazônia, o Cristianismo permaneceu e se expandiu também por meio do Protestantismo, o qual configurou como um novo campo religioso, influenciando para o crescimento das Igrejas ditas evangélicas, que crescem consideravelmente na região. O Protestantismo reproduziu novas práticas messiânicas de evangelização e de colonização, gerando assim, uma nova dinâmica social e religiosa.

Martin Dreher *apud* Ceretta (2008), considera a presença de protestantes na Amazônia a partir de 1824, antes deste período somente alguns representantes diplomáticos e alguns viajantes protestantes estiveram na região. Para Figueroa (2002), a implantação da Igreja Protestante na Amazônia se deu conforme os processos de ocupação humana dos itinerários das rodovias e dos programas governamentais de ocupação da Amazônia enquanto “vazio humano”. “Processo iniciado em fins do século XIX e revitalizado ciclicamente por todo século XX. O crescimento real do metodismo no norte é devido a este movimento” (p. 02).

No processo de divulgação do protestantismo na Amazônia, os primeiros missionários tiveram um papel fundamental para o estabelecimento das igrejas que pertencem a este movimento religioso mediante a evangelização que consistia na distribuição de Bíblias, de Literatura Cristã⁸ e do discurso, que anunciava o plano salvífico de Deus para alcançar a humanidade.

Maués (2000) destaca quais foram os primeiros missionários protestantes que vieram para a Amazônia:

O primeiro deles foi Daniel Parish Kidder que veio em 1839 [...]. Depois dele esteve na Amazônia o capitão naval norte-americano Robert Nesbit, que veio em 1857 [...]. Após a morte de Nesbit, ao que tudo indica seu trabalho continuou sendo realizado pelo escocês James Handerson [...]. Richard Hoden chegou ao Pará em 1860 (p. 88-89).

Os primeiros missionários eram viajantes que aproveitaram o tempo que passavam pela Amazônia para difundir o Evangelho protestante. Daniel Parish Kidder (1815-1891) foi o primeiro missionários a vir para a região. Aceitou o convite da *Sociedade Bíblica Americana* – organização protestante que enviava missionários – para ser missionário no Brasil. Em 1837, com apenas 22 anos de idade, ao lado de sua esposa, partiu para o Rio de Janeiro. Veio

⁸ São fascículos destinados a conversão dos “não crentes”. Trata-se de uma compilação de pequenos resumos sobre temas variados como histórias bíblicas, aspectos da vida cristã, família, drogas, etc., são palavras de alerta que sejam oportunas aos “descrentes” (SALVADOR, 1982).

para Belém em 1839, onde propagou a “fé protestante” a bordo de navios e em casas de pessoas conhecidas. Viajou também pelo interior da Amazônia, distribuindo Bíblias e Literatura Cristã (MAUÉS, 2000).

Kidder foi um missionário norte-americano que pertencia a Igreja Metodista Episcopal⁹ que esteve no Brasil em viagem de propaganda evangélica pela Amazônia. Foi uma figura importante dos primórdios do protestantismo brasileiro. Além da região Amazônica, viajou por todo o país, onde vendeu Bíblias e manteve contatos com intelectuais e políticos, como o padre Diogo Antônio Feijó, regente do império.

Em 1840, com o falecimento de sua esposa Cynthia Herris Kidder, no Rio de Janeiro, sem poder continuar o trabalho iniciado, teve que regressar aos Estados Unidos, pois a morte de sua esposa o transtornou, e o mesmo tinha que dedicar-se ao cuidado de duas crianças, uma das quais, nascida depois de o casal aportar no Rio de Janeiro. Por esses motivos, Kidder achou conveniente regressar aos Estados Unidos (SALVADOR, 1982).

O capitão de navio americano Robert Nesbist, veio em 1857 (MAUÉS, 2000) com a missão de entregar navios ao governo peruano e trouxe junto um carregamento de Bíblias e, ao passar pela Amazônia, aproveitou para distribuir esses exemplares à população local. Nesbit é considerado como o segundo missionário que difundiu o Evangelho protestante na Amazônia. Ao realizar tal atividade, foi nomeado como agente da *Sociedade Bíblica Americana* no rio Amazonas, vindo a morrer na região de febre amarela.

James Handerson, comerciante escocês que morava em Belém, continuou as atividades de evangelização de Robert Nesbit após a sua morte. Em 1860, o Conselho de Missões da Igreja Episcopal dos Estados Unidos e a Sociedade Bíblica Americana enviaram o missionário Richard Holden (1828-1886), estabelecendo em definitivo a presença da Igreja Protestante na Amazônia por meio da fundação de uma capela em Belém (MAUÉS, 2000).

Duas razões levaram Holden a escolher a cidade de Belém (Pará). A primeira era que havia um posto de distribuição de Bíblias na cidade, que pertencia a Robert Nesbit. Era um importante ponto de contato para iniciar seu trabalho. A segunda era que havia uma expectativa de que o rio Amazonas fosse aberto à navegação internacional. Holden encontrou em Belém intensa hostilidade para pregar o evangelho, em virtude dos padres locais se oporem a atuação do mesmo. Tentou criar uma comunidade permanente, mas não teve sucesso por ter sido praticamente expulso pelo bispo do Pará.

⁹ Foi a primeira igreja Protestante a iniciar atividades missionárias junto aos brasileiros (1835-41). Seus principais líderes: Fountain Pitts, Justin Spaulding e Daniel Parish Kidder (MATOS, 2004). A igreja Metodista Unida dividiu-se em duas nos Estados Unidos, a Episcopal do norte e a do sul, sendo que foi a Metodista Episcopal, o ramo do norte que abriu os trabalhos de evangelização na região norte do Brasil.

Tais missionários ao virem para o Grão-Pará, tinham como propósito propagar os dogmas e os costumes religiosos do Protestantismo norte-americano. Estes eram motivados por um grande projeto missionário de levar os moradores locais a conhecerem a Bíblia Sagrada. Esta foi uma das principais estratégias usada na propagação do Protestantismo tanto na Amazônia quanto em outros lugares do Brasil.

1.2.1 Estabelecimento da primeira Igreja Protestante na Amazônia: Justus Henry Nelson e a Igreja Metodista Episcopal

A Igreja Metodista Episcopal foi a primeira a se instalar na região norte do Brasil a partir de 1880. Nessa época Belém e Manaus eram cidades que se destacavam no cenário internacional devido à economia gomífera, o que ocasionou forte fluxo migratório e crescimento demográfico exorbitante para esse período (VILHENA, 2008). Esta intensa movimentação populacional somada à riqueza criada pela economia da borracha, fez da cidade de Belém alvo também da Igreja Protestante.

O trabalho missionário do Reverendo Justus Henry Nelson foi fundamental durante esse contexto. Em 16 de julho de 1880, o pastor metodista William Taylor veio ao Brasil pela segunda vez e trouxe em sua companhia Justus Nelson e sua esposa Fannie. O casal estabeleceu-se em Belém oito anos antes da Proclamação da República e ainda na vigência do regime do padroado (MAUÉS, 2000; VILHENA, 2008), onde residiram cerca de 48 anos, realizando um trabalho de alcance evangelístico e social não só em Belém como em outras províncias da Amazônia Central. O trabalho do casal missionário perdurou até 08 de novembro de 1925, que embora sob a direção de uma conferência anual dos Estados Unidos – Igreja Metodista Episcopal, o ramo do norte –, era custeado quase que exclusivamente por Justus.

Conforme Vilhena (2008), as concepções deste missionário sobre a missão metodista que se desenvolve na Amazônia estavam fundamentadas pela ideologia do “destino manifesto”, onde os Estados Unidos aparece como paradigma de uma sociedade perfeita escolhida por Deus com a importante missão de levar ao mundo o seu modo de vida. Os metodistas pioneiros julgavam ser o povo escolhido por Deus para estabelecer o Protestantismo no mundo todo. Essa ideologia levou os metodistas a lugares onde o protestantismo ainda não estava consolidado. Com isso, muitos missionários se mobilizaram a qualquer custo para expandir o Metodismo.

As atividades missionárias realizadas por Justus Nelson na região Amazônica faziam parte do sistema das “missões de sustento próprio”, idealizado pelo Reverendo Willian Taylor. “Ele mesmo providenciava os obreiros e lhes custeava a viagem, desde que um grupo de pessoas ali se dispusesse a apoiá-los, ajudando-os a se manterem”. Taylor se preocupou em levar o Metodismo aos lugares considerados por ele, desprovidos do Evangelho e onde as pessoas necessitavam de “assistência espiritual”. Daí a idealização deste sistema “que lhe permitiu abrir trabalho em tantos e tão variados lugares” (SALVADOR, 1982, p. 54).

Durante estes 45 anos tenho ganhado o meu sustento, principalmente ensinando inglês, alemão e português e mais algumas matérias. Entrementes tenho recebido pequenas somas dos fundos Missionários para despesas correntes pelos quais sempre fui grato; embora nunca tenha pedido nenhum dólar (REILY, 1950 *apud* ROCHA, 1967, p. 01).

Esse depoimento de Justus Nelson – retirado de uma carta – publicado pelo Reverendo Duncan Reily no Jornal *Expositor Cristão*¹⁰ de 2 de junho de 1960, informa que o seu trabalho missionário realizado em Belém era custeado pelo mesmo. A ajuda financeira que Justus Nelson recebia não era o suficiente para manter suas despesas pessoais e as de evangelização.

Todavia, ao optar pela “missão de sustento próprio”, manteve-se com os recursos das aulas de matemática, inglês e alemão, o que possibilitou maior autonomia de ação no campo missionário, ampliando a sua participação e articulação em outras esferas da sociedade local (VILHENA, 2008).

O Reverendo Taylor ao trazer o missionário Justus Nelson para a Amazônia tinha por finalidade implantar em definitivo o Protestantismo, pois nenhum missionário protestante conseguira fixar-se no lugar. Entre as duas semanas que este passou junto ao missionário Justus Nelson, após a sua chegada em Belém, alugaram um edifício por 50 dólares ao mês, dando início aos cultos em língua inglesa para alguns negociantes residentes na cidade e onde abriram uma escola de ensino para as crianças brasileiras, tendo a Bíblia como livro de leitura. Somente em 1881 que Justus Nelson começou os cultos em português (SALVADOR, 1982).

Através do crescimento do número de membros e do trabalho missionário metodista, foi possível fundar no dia 15 de julho de 1883, a Igreja Metodista Episcopal em Belém no Estado do Pará. As atividades da Igreja consistiam em cultos domésticos, escola dominical,

¹⁰ A igreja Metodista conta com vários veículos de comunicação, dos quais o mais antigo é o jornal *Expositor Cristão*. Publicado a partir de 1º de janeiro de 1886, ele nasceu com o nome de *Methodista Catholico* e foi idealizado pelo missionário norte-americano John James Ransom. Ransom criou o jornal com a intenção de que ele fosse um veículo de orientação doutrinária e discussão de temas da atualidade (TUNES, 2009).

cultos, reunião de oração em casas particulares e instrução escolar às crianças. Nos dez anos que se seguiram após a sua fundação, 51 pessoas fizeram a profissão de fé, sendo registrado no rol de membros 108 indivíduos. Havia 32 professores da escola dominical e 25 candidatos. Alguns candidatos residiam fora de Belém. “A Igreja cresceu, passando a contar, em 1895, com 44 membros professores, 26 candidatos e 250 simpatizantes, uma Liga Epworth (Sociedade Metodista de Jovens, organizada para a sua instrução na Bíblia e no trabalho missionário da igreja) e uma Sociedade Feminina de Temperança”, conforme descreve Salvador (1982, p. 59).

As atividades missionárias do Reverendo Justus Nelson não se limitavam somente ao ensinamento da doutrina metodista nos cultos ou a conversão dos moradores locais. Este se correspondia com pessoas do interior, instruindo-as no Evangelho e na solução de problemas; dedicou-se ao trabalho social, atendendo os doentes até onde permitia seus conhecimentos de enfermagem; traduzia literatura cristã e outros escritos, como a tradução de hinos evangélicos. Em abril de 1891 havia mais de cinquenta hinos traduzidos.

Além destes trabalhos, fundou e dirigiu o Jornal *O Apologista Cristão Brasileiro*, propagador das ideologias protestantes. O plano deste missionário era de ficar no Brasil até 1930, quando completaria o seu cinquentenário de trabalho no país. Mas, as condições financeiras advindas pela crise de “1891 a 1896 [...] [como] à renúncia do Marechal Deodoro, as diversas revoltas e à Campanha de Canudos”, situações que afetaram a economia da região Amazônica, não possibilitaram a continuidade de sua obra missionária. Ele se retirou com sua família para os Estados Unidos em 8 de novembro de 1895 (SALVADOR, 1982, p. 59, grifo nosso).

1.2.2 Protestantismo missionário: o Metodismo no Amazonas

O protestantismo no Estado do Amazonas foi definitivamente fixado por meio da Igreja Metodista em 1887, quando o Reverendo Marcus Ellsworth Carver juntamente com o Reverendo Justus Henry Nelson se dirigiram à Manaus para iniciarem as primeiras atividades missionárias no Estado. Marcus Carver foi um dos novos missionários metodistas que desembarcaram no Pará com o objetivo de estender as atividades missionárias à Santarém e Manaus. Este passou curto tempo em Belém, apenas o suficiente para conhecer um pouco a região e para aprender a língua portuguesa (SALVADOR, 1982).

Os primeiros anos de propagação do Evangelho metodista no Amazonas foram difíceis e improváveis. Um dos problemas eram o domínio do grupo eclesial católico e a forte

devoção aos santos. Por várias vezes este missionário foi apedrejado nos recintos das casas de culto ou nas reuniões ao ar livre. Além disso, sem condições financeiras Marcus Carver – missionário que se destaca como o protagonista do evangelho protestante no Amazonas – teve dificuldades para se sustentar e manter o trabalho missionário, uma vez que toda a obra realizada era mantida pelo mesmo. Este missionário fazia parte do projeto missionário de William Taylor, em que o missionário se mantinha por seus próprios esforços. Assim como Justus Nelson, Marcus Carver manteve-se dando aulas e através de ofertas voluntárias de amigos e dos novos “convertidos”.

Mesmo com as circunstâncias, as primeiras atividades da igreja coordenada pelo missionário foram realizadas na rua Henrique Anthony, onde eram celebrados os cultos da Escola Dominical e os cultos noturnos durante a semana. O missionário Marcus pregou o seu primeiro sermão em Manaus no dia 01 de janeiro de 1888, em um domingo, onde compareceram sete pessoas (OLIVEIRA, 2006).

Um tempo depois, as reuniões passaram a serem realizadas na rua Apurinam (Leonardo Malcher), onde se construiu um edifício para os cultos, que serviu também para o funcionamento de uma escola primária destinada a crianças pobres. Segundo Salvador (1982), Marcus Carver foi um missionário zeloso, dedicado, ativo e incansável na propagação do Evangelho protestante. Além de sua atuação na cidade de Manaus, fundou diversos pontos de pregação no interior do Estado.

Em 1889, desligou-se da Igreja Metodista Episcopal, fundando secretamente a Missão Betesda¹¹. Sendo descoberto e denunciado quando se encontrava nos Estados Unidos em busca de recursos para suas atividades missionárias. Para evitar que voltasse a Manaus, a Igreja Metodista o enviou a Truro¹² para a Conferência de Nova Inglaterra, porém renunciou suas credenciais pastorais, retornando à Manaus em 1895 para dar continuidade às atividades da Missão Betesda.

1.2.3 Missão Betesda de Manaus

A Missão Betesda foi fundada por Marcus Carver no dia 1 de janeiro de 1889. Na primeira Escola Dominical compareceram apenas duas pessoas. No primeiro culto de pregação, à noite, doze pessoas participaram.

¹¹ Betesda ou Bethesda é o nome de um tanque descrito no Novo Testamento (João 5.2). Significa “lugar da misericórdia divina” ou “casa da misericórdia divina”.

¹² Cidade localizada ao sul da Grã-Bretanha e funciona como centro administrativo e comercial.

Marcus Carver ao desligar-se da Igreja Episcopal dos Estados Unidos, foi totalmente abandonado pela missão metodista, realizando seu trabalho sozinho, sem apoio financeiro, religioso e administrativo. Este realizou um trabalho independente, dedicando sua vida à região amazonense e estendendo suas atividades de evangelização entre os povos indígenas Ipurunã e Aruaque. Dedicou sua vida tanto na cidade de Manaus como na vasta região do Amazonas. Escreveu e traduziu muitos hinos. Carver também escrevera alguns hinos na língua indígena.

O Evangelista Juvêncio Paulo de Mello foi um grande colaborador de Marcus Carver na divulgação da doutrina protestante no Amazonas. Por meio do trabalho destes pastores, a Missão Betesda desenvolveu intensa atividade missionária em toda a cidade de Manaus, crescendo rapidamente e chegando a adquirir um vasto terreno, onde foi construída uma capela com torre e sino, em condições de abrigar cento e vinte pessoas (BARROS, 2010).

A Missão Betesda fundou o *Jornal A Paz*. “É datado de 21 de março de 1898. Redator: Rev. Marcus Elleworth Carver; secretário: Juvêncio de Mello. Publicação mensal” (OLIVEIRA, 2010, p. 2). Vale transcrever do número 1 do ano I de *A PAZ*, o seguinte¹³:

Despido das galas mundanas surge hoje nas plagas Amazonenses, êste humilde periódico Evangélico denominado *A Paz*, como órgão Oficial da Missão Bethesda de Manáos. Vencendo muitas dificuldades, e ajudado por Deus, a Missão conseguiu montar uma pequena typographia onde será impresso *A PAZ* que terá por fim único e exclusivo tratar dos actos da Missão, e especialmente à propaganda das virtudes do Evangelho de Jesus Christo, neste vasto campo da Amazônia. A sua direção e redacção está confiada aos propagadores do Evangelho, Revd. Marcus E. Carver e ao Evangelista Juvencio de Mello, de quem a Missão espera as suas valiosas coadjuvações, no sentido de, com os seus concursos intellectuais fazerem chegar ao conhecimento desta população a verdadeira doutrina do Divino Mestre Christo Jesus. Muitas serão as dificuldades que hão de aparecer, porem, confiamos nos nossos irmãos na fé, que nos auxiliem com as suas assignaturas, e de Deus esperamos a benção para esta tão brilhante obra. Desejamos também dizer aos leitores que *A Paz* não vem plantar discórdias nos corações dos homens, porém tem por seu lemma as suplimes palavras que Christo disse aos seus discípulos: - *A PAZ SEJA CONVOSCO* (p. 1).

O objetivo deste jornal consistia na contribuição de divulgação do Evangelho Protestante, dos cultos e Escola Dominical da Missão Betesda, na orientação de pessoas, no que tange à ética, valores, costumes e moral. O jornal era um veículo que contribuía no cumprimento da Ordenação: “Ide por todo mundo e pregai o Evangelho a toda criatura”

¹³A pesquisadora Betty Oliveira foi fiel a transcrição dos textos originais do referido jornal e isso não compromete o entendimento da leitura.

(Marcos 16. 15). A maneira como esse Evangelho foi propagado no Amazonas é visível a partir deste jornal. Marcus Carver sentia-se na responsabilidade de propagar esse Evangelho aos amazonenses. Trabalho realizado por meio da distribuição de Bíblias, Literatura Cristã, cultos ao ar livre e pelo Jornal *A Paz*. Oliveira (2010), ressalta que *A Paz* é o primeiro jornal evangélico de Manaus, quiçá do Amazonas que circulou pelos municípios do Estado.

Todo esse trabalho missionário culminou na transformação da Missão Betesda na Igreja Evangélica Amazonense no dia 18 de setembro de 1899. A nova Igreja organizada adotou a liturgia anglicana para os cultos públicos. Barros (2010), enfatiza que apesar da ausência de um caráter denominacional essa igreja usava a liturgia anglicana autorizada pelo bispo Kinsolving, que enviou um exemplar do Livro de Oração Comum a Marcus Carver, o qual passou a utilizar desde a fundação da capela em 1896. O autor também destaca que a Igreja Evangélica Amazonense viveu e cresceu como uma igreja independente, apesar de seus insistentes apelos para se filiar a Igreja Episcopal. O fundador da Igreja Evangélica Amazonense solicitou muitas vezes à clerezia da Igreja Episcopal que assumisse as atividades e recebesse como doação as propriedades da referida Igreja. Entretanto, não se sabe ao certo quais foram os motivos que levaram Marcus Carver a solicitar a integração da Igreja Evangélica Amazonense à Igreja Episcopal.

O líder fundador da primeira Igreja Evangélica no Amazonas, Marcus Carver, retornou aos Estados Unidos em 1908, assumindo a Igreja o evangelista Juvêncio Mello. O novo pastor da igreja também por muitas vezes escreveu cartas solicitando a inclusão de sua igreja à convenção Episcopal, se colocando a disposição para obedecer sem reservas e discrepâncias todos os dogmas e costumes da igreja. Conforme Barros (2010), a declaração dos líderes episcopais em não aceitar os membros da Igreja Evangélica Amazonense era por causa da distância geográfica, a falta de recursos financeiros e de missionários que viessem para o Amazonas.

O pastor Juvêncio Mello esteve à frente da Igreja Evangélica Amazonense até sua morte em 1934. Diante da ausência de um pastor, em seu lugar ficou o dentista Clemente Thomas, convencionado ao cargo de pastor pelos próprios membros. Sendo que em janeiro de 1944, as atividades eclesiais foram encerradas. Em 1950 houve uma tentativa de reunir os membros remanescentes, mas sem sucesso. Em 1961, o Reverendo Euclides Deslandes, do Rio de Janeiro, visitou Manaus, celebrando a eucaristia na casa de dona Florence, viúva de Juvêncio Mello. Pregou na capela já em pleno abandono e em outras igrejas evangélicas, nas quais identificou muitos ex-membros da extinta igreja (BARROS, 2010).

No final da década de 1970, o bispo Edmund Knox Sherril aproveitou as viagens que fazia ao exterior para visitar Manaus e realizou alguns cultos na residência da Doutora Josephina de Mello, filha do pastor Juvêncio, que, no começo dos anos 1990, doou as propriedades que ainda restavam para a Igreja Episcopal Anglicana do Brasil através de testamento.

1.2.4 A influência da Igreja Protestante na vida religiosa dos Amazonenses

A teologia protestante de forma bastante lenta se fixou no território amazônico. Herdeira de filosofia ligada a Reforma Protestante, trouxe novas perspectivas religiosas ao mundo espiritual dos amazonenses. A presença da igreja com matriz na Reforma é a grande novidade do século XX para a região Amazônica. Competindo liturgicamente com o Catolicismo popular estariam as missões evangélicas interdenominacionais, como a Igreja Evangélica Amazonense e a Igreja Evangélica Assembléia de Deus (FIGUEROA, 2002).

As primeiras missões protestantes autônomas tinham diferentes práticas litúrgicas, modos de vestir, práticas cotidianas e discursos religiosos. Costumes que influenciaram em novas relações sociais e representações que formaram o sistema religioso amazonense. Algumas igrejas aderentes ao movimento religioso protestante atuaram entre os povos indígenas da região com programas de educação, tradução da Bíblia e a “catequese evangélica”.

Atualmente, as igrejas (Luterana, Presbiteriana, Deus é Amor, Assembléia de Deus, Quadrangular, Batista, Metodista, Adventista do Sétimo Dia, Pentecostal Unida do Brasil) que se enquadram dentro do movimento Protestante são chamadas de “Igrejas Evangélicas”, cuja presença das mesmas no Amazonas é incontestável. As Igrejas Evangélicas podem ser encontradas em todos os lugares do Estado. Ao navegar pelos rios da região é visível a sua presença, as quais dividem espaço com a Igreja Católica. Ambas estruturadas com templos, liturgias, datas festivas e formação eclesiástica.

As Igrejas Evangélicas do Amazonas são fruto do trabalho de missionários norte-americanos e europeu – congregacionais, presbiterianos, metodistas, batistas, episcopais, anglicanos e luteranos. Estas influenciaram na formação da vida religiosa dos amazonenses no que tange à sua “identidade cristã”, a qual se exprime em estilos de vida, conduta, costumes, valores e princípios que têm influenciado na arte, na linguagem, na música, na educação, na vida familiar, na política local, nas tomadas de decisões, na elaboração de leis e nos usos e costumes de todo amazonense.

Deste modo, a vida religiosa do amazonense é um sistema de crenças e ritos influenciados pela diversidade de credos religiosos. Embora a sociedade amazonense tenha se desenvolvido eminentemente católica, é possível encontrar inúmeras Igrejas evangélicas, bem como o candomblé, o islamismo, o espiritismo, o mormonismo, entre outras, as quais fazem parte da história desse povo. São definidoras do que é *sagrado* e *profano*, pois organizaram a vida do amazonense e ao mesmo tempo estabeleceram os deveres e os prazeres, fazendo parte do cotidiano dos moradores e garantindo-lhes, de certa forma, segurança, paz, diversão e alegria.

1.3 Catolicismo e Protestantismo Rural

Octavio Ianni (2000), em seu artigo *Tendências do Pensamento brasileiro* sustenta que o Catolicismo brasileiro é uma presença poderosa e constante no pensamento e nas formas de sociabilidade, desenvolvendo-se através da colônia, monarquia e república. Tem sido a mais importante “argamassa” intelectual, cultural e ideológica, sendo particularmente relevante em conjunturas críticas quando se ameaçam ou rompem estruturas de poder. Torna-se fundador e fundante de toda a história do país com a simbologia da “Primeira Missa”, quando se adotam os nomes: “Terra de Vera Cruz”, “Terra de Santa Cruz”, “Brasil”. Está presente na catequese das populações indígenas, participa da cultura do escravismo, está em geral à sombra do senhor da casa-grande e participa das esferas políticas do poder colonial, monárquico e republicano.

Desse modo, seja o rural ou o urbano, ambos estão carregados de signos e símbolos católicos. Segundo Maués (2011), o Catolicismo que se desenvolve na área rural apresenta assim, um componente lúdico que lhe é inseparável e que, a despeito das tensões que provoca na sua manifestação, permanece sempre presente.

O conceito de rural, do ponto de vista empírico, representa um sistema sociocultural observável com diversos graus de modificação em muitas áreas do Brasil. Neste sentido, pesquisas realizadas em áreas rurais fornecem inúmeras informações sobre as características do Catolicismo que predomina neste lugar (CAMARGO, 1973). Segundo estudos (Maués, 1995; Galvão, 1976; Camargo, 1973; Queiroz, 1968), que analisaram o Catolicismo na área rural do Brasil, denominaram essa religiosidade de Catolicismo Popular ou Catolicismo Rústico.

Quem primeiro estudou esse tema na Amazônia, do ponto de vista antropológico, foi Eduardo Galvão, em sua obra *Santos e Visagens* (1976). Galvão pesquisou o Catolicismo

Popular de populações tradicionais Amazônicas no Baixo Amazonas ((MAUÉS, 2011). Enquanto o estudo de Heraldo Maués, inspirado parcialmente nos estudos de Galvão, foi realizado numa área litorânea do Estado do Pará, a chamada região do Salgado e, mais particularmente, no interior do Município de Vigia, especialmente numa povoação de pescadores chamada Itapuá.

O Catolicismo Popular tem existência a partir da cultura luso-brasileira, fruto do trabalho missionário durante o período colonial. Porém, a fragilidade de seu controle permitiu que o Catolicismo criasse outras características. É um tipo de Catolicismo que se desenvolve no rural brasileiro, onde a população de colonos organizou por si mesma suas crenças e devoções (HOORNAERT, 1992). Ainda é possível observar no meio rural a escassez de liderança formal, pois os padres, muitas vezes responsáveis por grandes paróquias, visitam apenas periodicamente as localidades mais afastadas. Na falta de membros da hierarquia eclesiástica, a liderança religiosa local é assumida por leigos que organizam rezas, novenas e terços (CAMARGO, 1973).

Vejamos algumas características fundamentais do Catolicismo Popular:

[...] reuniões familiares para reza comum; maior obrigatoriedade de frequência à novenas, procissões e romarias do que as práticas do culto oficial; as práticas religiosas não dependem necessariamente da aprovação ou presença do sacerdote nem seguem o calendário litúrgico oficial; a religiosidade por conseguinte, é relativamente independente da Igreja, apresentando antes um caráter propiciatório do que expiatório (CAMARGO, 1973, p. 58).

Tais características são compreendidas como um modelo de sociabilidade entre os moradores de uma dada comunidade rural e demais habitantes que vivem mais distantes. Este modelo de religiosidade é marcado pela demanda de proteção do santo que apadrinha e os defende dos perigos e adversidades em todos os momentos de suas vidas, ou seja, a devoção a qualquer santo aproxima as pessoas, cria vínculos de vizinhança e de compadrio.

Para Camargo (1973), a marcante e generalizada influência do Catolicismo nas comunidades rurais pode também ser notada ao se observar as atividades ligadas ao lazer. Predominam as festas e diversões de caráter católico, realizadas por ocasião das folias do Divino em homenagem aos Santos padroeiros locais ou aos que são objeto de especial devoção para moradores da comunidade. Tais festas compreendem, muitas vezes, rezas, novenas preparatórias, quermesses, procissões e romarias.

Maués, em seus estudos sobre o Catolicismo Popular, percebeu algumas características peculiares no que tange a Amazônia: a pajelança rural e os “encantados”¹⁴. A pajelança rural tem como crença fundamental a concepção dos “encantados”. Os encantados, ao contrário dos santos, são seres humanos que não morreram, mas se “encantaram”. Conforme Maués (1995), essa crença tem certamente origem européia, estando ligada às concepções de príncipes ou princesas encantadas que ainda sobrevivem nas histórias infantis de todo o mundo ocidental. Mas foi influenciada por concepções de origem indígena, de lugares situados “no fundo”, ou abaixo da superfície terrestre e, provavelmente também por concepções de entidades de origem africana, como os orixás, seres que não se confundem com os espíritos dos mortos.

Da mesma forma como ocorre o culto particular dos santos, também os pajés realizam rituais particulares de pajelança. Os rituais mais importantes são aqueles feitos sob encomenda de um ou mais doentes, os quais constituem sessões públicas de cura. O pajé inicia a sessão fazendo orações católicas diante de imagens de santos e “entregando” seu espírito a Deus. Não é o xamã que cura, mas sim os encantados ou caruanas que agem, tendo seu corpo como instrumento. Mas, a pajelança cabocla é também influenciada pelo Cristianismo e pelas crenças e práticas de origem africana, assim como por concepções e lendas de origem européia. Os pajés, de modo geral, consideram suas crenças e práticas como parte integrante do Catolicismo que praticam, não se considerando como sacerdotes de um novo culto, ou um culto concorrente do Catolicismo (MAUÉS, 2011).

Quanto ao Protestantismo, este não se desenvolveu como queriam seus divulgadores nos centros urbanos. A mensagem religiosa protestante no Brasil não atingiu a classe dominante, fortemente imersa no Catolicismo por motivos não só religiosos, mas principalmente políticos, devido ao sistema do Padroado. Por isso buscou terreno para seu crescimento no ambiente rural. A religião presente no meio rural também era o Catolicismo, mas essa presença não se dava por uma escolha pessoal do fiel, mas sim, por uma tradição trazida pelo colonizador (RIBEIRO, 2009).

Neste sentido, no meio rural, o Protestantismo encontrou um povo arraigado às tradições Católicas, principalmente aos santos de devoção cultuados nas residências de seus donos e nas missas entre vizinhos, amigos e parentes em momentos de grandes festas em honra aos santos devotados.

O artigo *Protestantismo Rural: um Protestantismo genuinamente brasileiro*, de Lidice Ribeiro (2009), consiste em rica fonte de informações sobre esse movimento religioso na área

¹⁴ Os encantados são espíritos de pessoas mortas que moram no “encante” (profundezas dos rios Amazônicos; ou lugares onde não há moradias), tendo sido levados para lá por outros encantados (MAUÉS, 2011).

rural do Brasil. Por isso será nossa principal fonte nessa discussão, em razão da bibliografia ser escassa sobre esse assunto. A autora afirma que o Evangelho Protestante chegou ao meio rural brasileiro como uma proposta alternativa. Devido às desigualdades sociais e religiosas encontradas em cada área rural em que o Protestantismo chegava, apesar de ter ocorrido a aceitação da mensagem com uma relativa abertura, a forma como essa mensagem foi trabalhada dentro do sistema socioreligioso não foi a mesma em todos os locais.

Em alguns lugares, os elementos oficiais do Catolicismo eram extremamente escassos, se não ausentes, dessa maneira, podendo implantar-se de forma mais autêntica. Nessas localidades, a mensagem tradicional protestante recebida foi filtrada, reinterpretada e reinventada. Foi aí que se desenvolveu o Protestantismo rural. Neste sentido, o Protestantismo brasileiro tem raízes profundas da herança cultural rural.

Ribeiro (2009), enfatiza sobre algo importante em relação ao Protestantismo que chega ao meio rural brasileiro, o qual vem despido de simbologias mágicas. Os poucos símbolos e ritos que restaram ao Protestantismo histórico recebem uma nova roupagem no rural, ou seja, são reinterpretados: a *água batismal*, o *pão* na cerimônia de Santa Ceia, o *vinho* e o *templo*. Apesar de o Protestantismo não apresentar forte ênfase ao local de culto, o templo adquire a função de símbolo da presença divina e espaço sagrado.

Oliveira (2008), quando realizou a pesquisa sobre identidade ribeirinha na área rural do Município de Manacapuru (Am), percebeu no relato dos moradores que lhe narraram a história social das comunidades locais, o empenho dos moradores evangélicos na construção do templo para a realização dos cultos. O templo tornou-se o símbolo principal de pertencimento destes ribeirinhos à igreja e à comunidade. Foi uma forma de manter a identidade adquirida enquanto morador da comunidade protestante e do sentimento de pertencimento à localidade que tinha como principal tradição religiosa o Catolicismo.

Esses quatro elementos, água, pão, vinho e templo, que no Protestantismo histórico aparecem apenas como um sinal visível da ação de Deus adquire uma reinterpretação, assumindo características ausentes e até mesmo renegadas pela grande tradição protestante. Os rituais protestantes são reinventados, observando-se nos discursos dos fiéis, a existência de outros ritos além dos aceitos pela igreja oficial, que apresentam todas as características antropológicas para serem considerados como rituais de dois tipos: rituais coletivos e rituais individuais. Por rituais coletivos, entendem-se aqueles que necessitam de um grupo social reunido para que se desenvolvam, sendo esses o Batismo, a Profissão de Fé e a Santa Ceia. Os rituais individuais seguem uma estrutura fixa e formulada (RIBEIRO, 2009, p. 202-203).

No Protestantismo rural, observa-se que, mesmo após a conversão, segundo a autora, o morador do rural não perdeu seu significado mágico-religioso. Os rituais coletivos e individuais, o pão, o vinho e o templo fazem parte de um universo sagrado. A natureza é o veículo da força divina e também o seu meio de comunicação com os homens. Dessa forma, o homem rural protestante continua a “ler” nos eventos meteorológicos, nas manifestações de animais ou no canto dos pássaros as mensagens de Deus para os seus problemas cotidianos, como o dia para plantar, colher, para castrar a criação e até para calcular o parto das fêmeas em geral. As manifestações do sagrado na natureza têm a finalidade de serem transmissoras e comunicadoras do poder de Deus. Cabe ao protestante que vive no rural conhecer a linguagem de Deus na natureza.

O Protestantismo rural também determinou um estilo de ministério pastoral com características próprias e um protótipo de fiel disponível para o convívio e para receber a visita do pastor. Portanto, o modelo ministerial marcado pela cultura rural é um serviço para Deus e para a comunidade. Cabe ao pastor edificar, equipar e aperfeiçoar os fiéis para a missão de levar a “fé evangélica” aos demais que ainda não são protestantes (SILVA, 2003).

Para Silva (2003), foi a partir de 1910 e 1911, período em que o protestantismo estava em sua fase de expansão, bem como posteriormente por volta de 1950, quando se intensificou a vinda dos moradores do meio rural para a cidade, devido a industrialização, que o protestantismo foi levado a conviver com a chegada e a implantação do Pentecostalismo que alcançou sem medir esforços a vida urbana e a rural.

Alencar (2000), enfatiza que de um lado existia uma densa institucionalização religiosa da Igreja Católica e demais denominações protestantes tanto no urbano como no rural. Havia, portanto, um imenso campo religioso entre estas duas realidades. É neste momento que a Assembléia de Deus surge no Brasil para conquistar o meio urbano e o meio rural.

Hoje, o surgimento de uma Igreja Pentecostal popular perde-se no meio de tantas outras na cidade e nas áreas rurais da Amazônia. O movimento Pentecostal alcançou os menos desfavorecidos através de uma mensagem carismática que tornaram os leigos detentores do “poder pentecostal”, por isso esta igreja faz parte da vida social ribeirinha.

1.4 O campo religioso de Jaiteua de Cima: Catolicismo e Protestantismo, movimentos genuinamente brasileiros

No Estado do Amazonas, é possível perceber a influência que a Igreja Cristã exerceu sobre a vida de seus moradores, sendo fundamental no processo de organização social e cultural. As comunidades rurais organizaram-se em torno da igreja, em particular, da Católica. Por isso, quando se chega a um desses lugares é visível a presença desta instituição sempre localizada no centro da localidade. Localização geográfica entendida como estratégia de dominação, permitindo à igreja conhecer cada família, cada casa, cada pessoa locada nas redondezas. Além disso, tem como influenciar nos padrões de comportamento, na manutenção da paz e da ordem.

A localidade Jaiteua de Cima, área rural do Município de Manacapuru (Am), está dividida em comunidades, as quais se diferenciam uma da outra em relação às igrejas que representam a religião predominante em cada núcleo comunitário (Católica, Assembléia de Deus, Pentecostal Unida do Brasil e Assembléia de Deus Tradicional). A partir do local onde estas igrejas foram implantadas, as comunidades que, em sua maioria recebem o nome de suas igrejas, desenvolveram-se sob a ótica religiosa. De modo geral, essa é uma realidade da Amazônia, sendo que em algumas localidades, há apenas a capela católica. Enquanto que, em outras é possível encontrar diferentes orientações religiosas, como em Jaiteua de Cima onde se concentram a Igreja Católica e três igrejas do segmento Evangélico.

A igreja representa um importante instrumento de dominação e controle da população local, haja vista a aceitação dos dogmas cristãos por todos os moradores. Weber (1999), afirma que a dominação é um caso especial de poder por ser um dos elementos mais importantes da ação social. Todas as áreas da ação social, sem exceção, mostram-se profundamente influenciadas por complexos de dominação. Contudo, nem toda ação social apresenta uma estrutura que implica dominação, mas em muitas de suas formas, a dominação desempenha um papel considerável mesmo nas formas que não se supõe isto à primeira vista.

A igreja funciona como um dos mais importantes mecanismos de dominação, na medida em que atrai as pessoas e domina suas vidas sem que percebam, constituindo-se no que Bourdieu (2009) define por *poder simbólico*.

O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem *gnoseológica*: o sentido imediato do mundo (e, em particular do mundo social) [...]. Os símbolos são instrumentos por excelência da integração social: enquanto instrumentos de conhecimento e

de comunicação [...] eles tornam possível o *consensus* acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social [...] (p. 9-10).

As Igrejas Católica e Evangélica são, com efeito, esse poder invisível, o qual só pôde ser exercido com a cumplicidade dos sujeitos receptores dos novos elementos religiosos, trazidos por estas igrejas enquanto se estabeleciam em Jaiteua de Cima. Desse modo, não podemos negar que essas igrejas foram relevantes na organização desta localidade.

Estas igrejas assumiram funções ideológicas por permitirem “a legitimação de todas as propriedades características de um estilo de vida singular [...]” e por “inculcar um sistema de práticas e de representações [...]” associadas a uma posição determinada na estrutura social. Isto quer dizer que o campo religioso amazonense foi determinado pela capacidade de dominação, conforme a posição que cada igreja ocupou nesse cenário (BOURDIEU, 2009, p. 46-50).

Tais igrejas são instrumentos de conhecimento, de respostas para a vida social, de experiência com o sagrado, de identidade, de integração social, de comportamento, da maneira de ser e de agir, de padrões morais e éticos e de significado para a vida. Ambas ajudaram a compor este sistema simbólico que faz parte do cotidiano dos moradores ribeirinhos de Jaiteua de Cima.

Nota-se, que desde o “descobrimento” até a colonização, a Amazônia tem a marca Cristã. Toda a atuação da igreja estava comprometida com o projeto colonizador, cujos sistemas econômico e político juntaram-se ao religioso, por isto a expansão do Catolicismo foi tão intensa. Quanto ao movimento protestante, este representou um cisma do Catolicismo, desencadeado pela Reforma Protestante na Europa.

Enfim, diria Weber que, das instituições que atuam entre o povo Amazonense, a igreja é a que possui maior propagação, tornando-se depois da família uma das mais importantes instituições sociais para os moradores locais. Esta instituição permanece exercendo grande domínio no processo de formação de novos lugares e no modo de vida desta população, que regula e controla as relações sociais e a vida cotidiana do ribeirinho, garantindo uma relação de respeito e apreço às suas doutrinas.

Na localidade Jaiteua de Cima, onde vivem os ribeirinhos sujeitos deste estudo, tanto a Igreja Católica como a Evangélica propagaram o Cristianismo de maneira diferente. Ambas visavam levar essa religião àqueles que ainda não a conheciam. Em lugares ainda não cristianizados, ou seja, aonde a sociedade ainda não estava estruturada a partir da “cultura cristã”.

A propagação da teologia Católica e Protestante foi realizada pelos missionários (padres, pastores, propagandistas do Evangelho), principais agentes divulgadores dos dogmas de tais igrejas no campo religioso de Jaiteua de Cima. São autoridades que manipularam os sacramentos, as doutrinas, a Bíblia Sagrada, os cultos, as formas de casamento, os usos e costumes e interesses. Tal atividade empreendida por esses agentes consistia principalmente na “conversão” da população local, atividade considerada como missão.

No campo religioso estudado os missionários¹⁵ católicos e evangélicos utilizaram diferentes elementos para alcançá-los. Essa relação foi tensa. Não foi fácil impor, por exemplo, a “fê evangélica” na localidade, onde a Igreja Católica já predominava. Para Weber (2004, p. 23), toda luta denomina-se relação social somente “quando as ações se orientam pelo propósito de impor a própria vontade contra a resistência do ou dos parceiros”.

O primeiro olhar dos missionários católicos em relação à população amazônica foi de hostilidade, uma vez que os seus parâmetros religiosos não eram os mesmos do mundo dito “civilizado”. Desse modo, os missionários – padres, sacerdotes, bispos, freis – se embrenharam por entre os rios e pela floresta “desobrigando” essa população de seus pecados e de seus compromissos canônicos. Os missionários pensavam que os “nativos” por não terem as mesmas práticas religiosas estavam penderes com Deus e com a igreja. Por não serem batizados, casados conforme os parâmetros da igreja, por não saberem rezar as orações de Ave Maria e Pai Nosso, reuniam os indígenas em aldeamentos ou reduções, onde recebiam a catequese e os sacramentos.

Os missionários andavam de aldeia em aldeia batizando, celebrando missas e outros atos religiosos como as procissões, a reza do terço, os cultos aos mortos, a novena e as ladainhas em latim. A catequese foi o principal instrumento de evangelização utilizado pelos missionários. Por meio deste sistema foi possível a propagação da Teologia Católica.

A partir da perspectiva de Weber (2004), ao estudar a religião Evangélica em contrapartida ao Catolicismo, podemos observar que a conversão dos ribeirinhos de Jaiteua de Cima ao Protestantismo rompe com o Catolicismo através da internalização de novos valores éticos, os quais vão se configurar em um *ethos*. Para o autor, o Catolicismo ainda permitia ligar a vida cotidiana a mitos, enquanto que o Protestantismo levaria à individuação e à ação racional.

A inserção da Igreja Evangélica Assembléia de Deus na localidade abalou o domínio da Igreja Católica. No entanto, sua legitimação na região não foi fácil, em razão da forte

¹⁵ Este será o termo utilizado para nos referirmos ao agente especializado para atuar no campo religioso, segundo Bourdieu.

hegemonia católica na própria Amazônia. Em virtude disto, iniciou-se uma disputa não só religiosa como social e política entre católicos e protestantes. Os missionários pentecostais foram perseverantes, sendo que em certos momentos foram radicais no combate aos dogmas católicos.

A Igreja Evangélica Pentecostal combatia as práticas católicas como a idolatria, a confissão, o batismo de crianças, o sinal da cruz, o culto aos santos e à Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, condenados pelo protestantismo por tornar seus fiéis totalmente dependentes da igreja. O catolicismo acreditava que somente por meio da igreja ou do padre o indivíduo poderia ter seus pecados perdoados, por isso havia uma ligação muito forte ente a igreja e seus adeptos.

Por outro lado, o Protestantismo dizia que a conversão é individual, ou seja, o sujeito para alcançar a salvação não precisava de tantos rituais, ser dependente do padre ou da adoração aos santos para ter seus pecados perdoados. A salvação ocorreria pela consciência de culpa, culminado em um ato voluntário de aceitação do perdão divino. A conversão individual consistia no rompimento abrupto do indivíduo com seu meio cultural através da adoção de novos padrões de conduta opostos àqueles em que havia sido criado, como os padrões religiosos do Catolicismo. Os novos evangélicos se pautavam numa teologia da salvação e do protesto contra as práticas de devoção aos santos.

Outra forma de combater o Catolicismo era a distribuição e venda de Bíblias Sagradas não católicas. A distribuição deste livro era uma forma de levar conhecimento bíblico às pessoas e desmistificar muitos conceitos católicos que a própria Bíblia condenava, como a adoração de deuses feitos pela mão dos homens. Nesse caso, seriam as esculturas que representariam os santos católicos. A distribuição de literatura cristã era uma forma também de divulgar o Evangelho Protestante e combater o Catolicismo. Essa é uma prática que perdura até os dias de hoje, sendo chamada de “evangelização”. Os moradores que são evangélicos quando distribuía esses fascículos convidavam as pessoas para participarem dos cultos e da Escola Dominical, propagando um Deus que não necessitava ter intermediários para ouvir as pessoas.

Nesse ínterim, coube aos moradores locais (leigos) transitar entre estes dois pólos de acordo com os bens ofertados, os quais tenderam a se adequar as demandas dos “líderes religiosos” Católicos e Evangélicos que tinham a capacidade de exercer sobre os leigos uma ação propriamente simbólica de mobilização e sistemas de justificativas de existir. No campo religioso de Jaiteua de Cima, o Catolicismo e o Protestantismo resistiram à luta empreendida entre ambos. O Catolicismo ainda exerce sobre os moradores locais, intenso domínio através

da devoção as suas práticas religiosas. A Igreja Protestante se legitimou nesse campo e hoje é uma das maiores igrejas na localidade. A presença da igreja evangélica na localidade conta com uma estrutura econômica, administrativa e teológica em plena autonomia; é uma igreja que tem um pastorado “nativo”, com diretrizes fundamentadas na Bíblia Sagrada. Essa igreja, assim como a católica, é coordenada por moradores locais.

Para Bourdieu (2009) a religião cumpre funções sociais, pois os leigos¹⁶ não esperam dela somente “justificativas de existir capazes de livrá-los da angústia existencial da contingência e do sentimento ou mesmo da miséria biológica, da doença, do sofrimento ou da morte”, mas, contam com ela para que lhes forneça justificações de existir em uma posição social determinada. Por essa razão, a religião está predisposta a assumir funções ideológicas por permitir “a legitimação de todas as propriedades características de um estilo de vida singular [...]” e por “inculcar um sistema de práticas e de representações [...]” associadas a uma posição determinada na estrutura social, isto quer dizer que as condições de existir são determinadas pela religião de acordo com a posição que grupos ou classes ocupam (p. 46, 50).

Tanto o Protestantismo quanto o Catolicismo davam respostas aos leigos e justificavam sua maneira de viver, sua vida, seus problemas e dificuldades. Por isso, os diferentes indivíduos que compõe o campo religioso amazonense cultuam vários deuses. Estes não são religiosos. São dotados de uma espiritualidade, sendo a religião o meio para satisfazer suas necessidades espirituais. Justamente por não serem religiosos, tornam-se capazes de abrigar todas as religiões, seja ela Católica, Protestante ou Indígena.

Isso só foi possível, diria Weber (2004, p. 139), porque tanto a Igreja Católica quanto a Igreja Protestante procuraram “despertar e cultivar a crença em sua legitimidade”. Daí a flexibilidade do amazonense às religiões que se estabeleceram no Estado. Religiões que organizaram o universo de representações simbólicas a partir de elementos provenientes de diferentes sistemas religiosos. Dessa forma, o campo religioso amazonense é um campo diversificado, centrado em indivíduos como sujeitos autônomos capazes de escolherem diante de uma gama de alternativas religiosas postas em seu caminho. Mais do que evangelizar, a missão tanto Católica quanto Protestante provocou o contato cultural visando a tradução de elementos da religiosidade cristã para diferentes contextos socioculturais. Logo, os especialistas se legitimaram através de “conceitos teológicos” como também sua posição na estrutura social.

¹⁶ Objetivamente definidos por Bourdieu (2009, p. 43) “como profanos, no duplo sentido de ignorantes da religião [...]”.

O Protestantismo e o Catolicismo possuem diferenças que se exprimem na forma econômica, política, social e culturalmente a sociedade amazonense, efetivamente construída com base em tais segmentos religiosos. Esta observação pode ser relacionada ao que já fora percebido por Weber a respeito das diferenças elementares entre a moral católica e a protestante, as quais ainda influenciam as pessoas a conduzirem suas vidas a partir dos seus preceitos. Por conta disso, os amazonenses desenvolveram um novo estilo de vida provocado pela introdução destas igrejas no campo religioso amazonense, tornando o Cristianismo a religião predominante na região.

Portanto, o próximo capítulo dissertará de forma mais intensa sob a influência destes dois movimentos religiosos na organização social de duas comunidades rurais do Município de Manacapuru: Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e Assembléia de Deus, localizadas na região de Jaiteua de Cima.

II CAPÍTULO

A INFLUÊNCIA DA IGREJA NA ORGANIZAÇÃO SOCIAL DAS COMUNIDADES NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO E ASSEMBLÉIA DE DEUS

2 A INFLUÊNCIA DA IGREJA NA ORGANIZAÇÃO SOCIAL DAS COMUNIDADES NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO E ASSEMBLÉIA DE DEUS

Este capítulo descreve como as Igrejas Católica e Evangélica organizam a vida social nas áreas rurais do Estado do Amazonas. Aspecto que será estudado a partir das comunidades Nossa Senhora do Perpetuo Socorro e Assembléia de Deus. Dissertará em primeiro lugar sobre o modo de vida dos moradores da localidade Jaiteua de Cima: tipos de casa e de transportes, economia, educação, lazer, festas, conhecimento, entre outros.

Discorrerá sobre a influência que a Igreja Católica e a Igreja Assembléia de Deus tiveram na fundação das comunidades selecionadas, apresentando a organização da base eclesial que sustenta ambas as igrejas na localidade. Daremos ênfase sobre como essa nova conjuntura religiosa abriu espaço para a inserção de outras igrejas – Igreja Pentecostal Unida do Brasil e Assembléia de Deus Tradicional – que influenciaram na formação de outras comunidades como a Assembléia de Deus Tradicional e Santa Izabel.

2.1 A localidade Jaiteua de Cima

A Amazônia é composta por grupos sociais que possuem ricas infinitudes de costumes culturais, como os ribeirinhos que vivem em pequenas comunidades, em sua maioria, à margem dos rios, dos igarapés, dos lagos e dispersos em vários agrupamentos normalmente entre vinte a quarenta casas de madeiras construídas em palafitas, adequadas ao sistema de cheias.

Nas comunidades ribeirinhas, os moradores ganham a vida, educam os filhos, levam uma vida familiar, agrupam-se em associações, adoram seus deuses, tem suas superstições, seus tabus, sua economia, sua política e sua religião, formando, assim, um sistema geral de cultura (WAGLEY, 1988). Às margens dos rios é o lugar onde se manifestam estes elementos, os quais revelam que as populações ribeirinhas também são portadoras de tradições, de variações do modo de vida, de padrões de comportamento, de formas próprias de se relacionarem e de histórias particulares.

Jaiteua de Cima é uma das localidades do Município de Manacapuru/AM, organizada em comunidades. Sua população vive em ecossistema de várzea e de terra-firme e sobrevive da pesca e da agricultura. Esta localidade está situada nas circunscrições do lago Grande, ambiente cujas características mudam de acordo com o período hidrológico – enchente, cheia, vazante e seca (Figura 2). Durante o período da enchente e cheia, a água adentra os ambientes

de floresta, formando imensos igapós, igarapés e chavascais para onde os peixes se deslocam para desova ou para alimentação. No período da vazante e seca há uma diminuição nos ambientes aquáticos e maior concentração de peixes nos lagos e igarapés.

A localidade Jaiteua de Cima é uma região exuberante por causa da diversidade em fauna e flora que lá se concentram, estes recursos naturais são as principais riquezas dos moradores locais (Figura 3). Tudo o que este ecossistema produz é aproveitado de maneira eficiente.



Imagem 02 – Vista parcial do Lago Grande.
Fonte: OLIVEIRA, 2010.

Imagem 03 – Jaiteua de Cima no período da seca.
Fonte: PPG7, 2007.

Durante a pesquisa de Iniciação Científica (PIBIC/UFAM), um dos entrevistados, o senhor Abdias – antigo morador de Jaiteua de Baixo –, descreveu a estória sobre a origem do nome “Jaiteua”. É uma narrativa que não é confirmada pelos moradores de Jaiteua de Cima como história oficial da localidade. No entanto, penso ser interessante contá-la apenas como produto da criatividade de um morador local.

Segundo este morador, Jaiteua era um homem amado por três mulheres. Apaixonadas lutavam pelo seu amor, exigindo total dedicação somente a uma delas. Jaiteua mantinha certo relacionamento amoroso com estas mulheres e pretendia sustentar a paixão, o carinho e afabilidade que todas dedicavam ao mesmo. No entanto, para evitar disputa entre elas e com medo de perdê-las, elaborou um plano estratégico que não permitisse o afastamento de suas paixões. Determinou que elas fossem viver e morar separadas uma das outras.

Dividiu as terras nas mediações do Lago Grande, denominando cada espaço de Jaiteua de Cima, Jaiteua do Meio e Jaiteua de Baixo, os quais fazem referência a ele e representa cada uma de suas mulheres. Assim, Jaiteua conseguiu manter seu relacionamento amoroso, dividindo seu coração e seu tempo e evitando disputas e intrigas entre suas amadas.

Os moradores de Jaiteua de Cima afirmam que o nome Jaiteua significa mato-serrado, segundo a língua geral, o nheengatu. Essa informação, segundo os moradores, foi dada por um comerciante que andou por um tempo pela região.

Em Jaiteua de Cima se concentram quatro comunidades: Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Santa Izabel, Assembléia de Deus e Assembléia de Deus Tradicional, as quais convivem num espaço geográfico muito próximo uma das outras. Tais comunidades, acomodadas às margens do igarapé Tauari¹⁷, desenvolvem permanentemente uma estreita relação com esta localidade manifestada em diversos aspectos socioculturais do seu cotidiano.

Sobre os dois últimos lugares citados estes estão também organizados em comunidades: Boa Esperança (Jaiteua do Meio) e Santo Antônio (Jaiteua de Baixo).

2.1.1 A vida social em Jaiteua de Cima

As comunidades de Jaiteua de Cima possuem dinâmicas próprias e desenvolvem permanentemente uma estreita relação com o ambiente. Os fatores geográficos influenciam no modo de vida dos moradores. Conforme Araújo (2003, p. 29), “solo, clima, água, ventos, chuvas, flora, fauna determinam a conduta humana, os seus processos sociais, o nascimento das instituições e o desenvolvimento dos grupos sociais”. Desse modo, não há como deixar de estudar as populações da Amazônia sem observar tal propriedade, que atua sobre o tipo de roupa, casa, alimento, bebida e transporte do homem amazônico.

Isto quer dizer que, diretamente e indiretamente, os fatores geográficos podem influenciar na vida e nos fenômenos sociais de determinada área. A ligação que a população ribeirinha tem, em particular com o rio, exerce influência na constituição de sua cultura e na sua forma de vida social.

Essa relação se manifesta em diversos aspectos do cotidiano dos moradores que vivem nas comunidades de Jaiteua de Cima. Seus costumes, suas crenças, seus padrões de comportamento e sua arte são procedimentos específicos e diferenciados em conhecimento e

¹⁷ É o principal elo entre as comunidades, é como se fosse a avenida principal da localidade Jaiteua de Cima; é por onde os moradores conseguem chegar às comunidades vizinhas. Este igarapé também serve para a lavagem de roupas e dos utensílios domésticos, bem como para a atividade de pesca e de consumo da água.

cultura, ou seja, é a sua identidade. Neste contexto, sobretudo cultural, o modo de vida social, econômico e religioso das famílias que vivem nessa localidade revela a multiplicidade de relações (parentesco e vizinhança), saberes, práticas e valores que norteiam suas vidas.

Assim, a expressividade da vida ribeirinha também se traduz em seus tipos de moradia. As moradias das famílias da área de estudo são semelhantes; são casas de madeiras, cobertas de telhas de alumínio ou de palha, compostas de dois a quatro cômodos, uma do lado da outra, de frente para o igarapé Tauari. Na localidade, há poucas casas construídas de palha e não existem casas de alvenaria devido às poucas condições financeiras e a falta de transportes adequados para trazer tijolos e cimentos da cidade mais próxima à Jaiteua de Cima. Os moradores se apropriam dos materiais que a própria natureza oferece.

A maioria das casas são suspensas devido às inundações. Durante a seca, a parte inferior deste tipo de moradia serve de abrigo para os animais domésticos (Figura 4). Outro tipo de moradia comum no local são os flutuantes que se locomovem conforme o período hidrológico do rio. São habitações construídas sobre troncos de madeira açacu, que servem de bóias que flutuam, sustentando assim, a casa sobre a água (Figura 5).



Imagem 04 – Casas de madeira, tipo de moradia ribeirinha.

Fonte: OLIVEIRA, 2010.



Imagem 05 – Flutuante, tipo de moradia ribeirinha.

Fonte: OLIVEIRA, 2008.

A casa flutuante recebe este nome por ser uma alternativa de moradia durante o período da cheia. Moradores que possuem casa em terra-firme podem permanecer nela nessa estação. Quando as águas baixam, os moradores podem acompanhar o ritmo da vazante ou da

seca, sendo rebocadas por barcos a motor, mantendo-se nos caminhos mais profundos dos rios ou dos lagos. Esta prática facilita as atividades de trabalho durante os períodos extremos do ciclo das águas.

Nestas residências quase não existem móveis. Na sala de algumas casas há televisão, a qual é um meio de entretenimento quando toda a família está em casa para assistir somente o jornal e a novela à noite; todos se reúnem em torno da TV. Uns deitados na rede, outros deitados no chão ou sentados. Com a adequação de novos equipamentos, a sala também é utilizada para acomodação do motor de popa, da roçadeira e de outras ferramentas de trabalho. Nas paredes das salas está registrada através dos quadros, fotos com momentos que marcaram a vida dessa população, como a formatura de um filho, de parentes que já faleceram, a passagem de alguma autoridade política pela comunidade, festas, casamentos, etc. Além disso, há também espelhos, imagens de santos católicos e o calendário registrando a passagem do tempo (Figura 6).



Imagem 06 – Fotos fixadas na parede de uma sala.
Fonte: OLIVEIRA, 2011.

As salas, bem como os quartos, são utilizadas como dormitórios. Nos pequenos quartos, as redes são atadas somente nos momentos de repouso. Na cozinha é comum encontrar uma mesa grande, bancos de madeira, fogão a lenha ou a gás e panelas penduradas

ao lado do jirau¹⁸. Nos quintais das casas, encontram-se os animais domésticos, o canteiro da cebolinha suspenso para não sofrer ataques de galinhas e outros bichos.

As casas são iluminadas a partir das 18:00 até às 22:00 horas. Cada comunidade possui um pequeno gerador de energia, o qual é mantido pelos próprios habitantes. Após esse horário, as casas passam a ser iluminadas por lamparinas de querosene, confeccionadas pelos moradores.

As famílias que moram nestas casas são consideravelmente grandes, constituídas por cinco ou mais crianças. Numa residência, muitas vezes, se concentram mais de uma família, ligadas por laços de parentesco com a família principal. Estes grupos domésticos são do tipo nuclear ou elementar pelo fato de serem famílias numerosas, proporcionando, assim o aumento no número de residências na comunidade após o casamento.

Araújo (2003, p. 167), afirma que “a família é, na Amazônia, o grupo social mais profundo por excelência”. São famílias que possuem características próprias em sua estrutura e organização. Segundo o autor, o sentido de parentesco é muito grande, incluindo até mesmo padrinhos e os afilhados de batismo, de crisma e de casamento.

Em Jaiteua de Cima, os laços de parentesco se estendem por todas as comunidades. Através do casamento, as relações são firmadas criando um vínculo de afinidade entre as pessoas. Sistema social pelo qual as comunidades foram organizadas.

As comunidades estudadas se constituíram pelas famílias que já possuíam terras em Jaiteua de Cima. Estas famílias – que chamarei de família fundadora –, doaram uma parte de seu terreno para a fundação das comunidades, resultando assim, em uma tradição familiar que coordena e reside no lugar. As comunidades são habitadas por grupos familiares que deram início à organização local, formando, assim uma fileira de casas, cujos moradores pertencem aos mesmos laços consanguíneos.

Neste sentido, é possível perceber a divisão sexual do trabalho. As mulheres, em geral, são donas de casa, criam os animais domésticos, encarregam-se pela produção caseira de doces, carvão, beijus e o piracui¹⁹ e são também responsáveis pela educação e cuidado dos filhos. Além disso, as mulheres também ajudam seus maridos nas atividades do roçado e na manutenção de determinados utensílios, por exemplo, o caso dos remendos das malhadeiras.

Trata-se de mulheres que não se restringem apenas ao espaço de suas casas ou a ajudante de seus maridos. Elas adquirem profundo conhecimento sobre os recursos

¹⁸ Tipo de pia feito de madeira.

¹⁹ É a extração da carne do peixe, transformada em um tipo de farinha. O piracui faz parte da alimentação dos ribeirinhos como de toda população Amazônica, substituindo tanto a carne como o próprio peixe nas refeições.

pesqueiros, bem como as técnicas de limpeza e plantação do roçado. Po meio do conhecimento que adquirem, conseguem atuar para além de suas atividades domésticas.

A economia das famílias locais é de subsistência, direcionada para a pesca comercial, agricultura e extrativismo. Tais atividades econômicas são indispensáveis na renda familiar. Em suma, a maioria das famílias praticam tanto a pesca quanto a agricultura, de acordo com a estação do ano. Vejamos a narrativa abaixo:

Eu uso a pesca comercial, mas na época da cheia, na época do verão a gente tá cuidando do trabalho da roça e a gente não têm quase tempo para fazer a pescar comercial. Eu [exercito] [...] a pesca comercial na fase do mês de fevereiro até junho, julho é nesse mês que eu mais pesco. É por fase: no verão a gente utiliza mais a produção da roça, na época do verão eu tiro o meu sustento e da minha família, tiro da roça que é uma também das profissões que a gente usa aqui. E nesse período da seca [...] e devido o acordo de pesca que é feito aqui a gente não gosta de desobedecer às normas, daí a gente não pesca no mês de setembro, outubro, novembro, dezembro [...]. Agora pra comer a gente pesca direto de janeiro a janeiro. A pesca pro sustento, a gente pesca todo tempo (L., 45 anos, Jaiteua de Cima, 2010).

Observa-se que para cada estação (inverno/verão), o ribeirinho possui determinada atividade que garante o sustento de sua família. Por exemplo, durante a seca, a agricultura é a atividade mais praticada por este morador, em função das áreas de terras não estarem alagadas e mais férteis para o plantio. Nesse período, os moradores de Jaiteua plantam principalmente mandioca, macaxeira, cará, milho, maxixe, jerimum, banana, abacaxi, melancia e hortaliças em geral. No cultivo da mandioca para a produção da farinha, o puxirum é a prática mais comum. Este é um auxílio mútuo também chamado de troca de dia, realizado por um grupo de pessoas que se unem para desenvolver atividades como a limpeza de terrenos, a plantação do roçado, construção de casas, entre outros.

Nas comunidades de Jaiteua de Cima, o puxirum funciona dessa forma: quando alguma família necessita da ajuda de outras pessoas para limpeza ou plantio do roçado, convida e avisa parentes, vizinhos, compadres e amigos de quando será a realização de tal atividade. Nesse ínterim, as pessoas responsáveis pelo puxirum se organizam para garantir principalmente a alimentação de todo o grupo. Desse modo, o peixe e a farinha não podem faltar.

A família anfitriã, que promoveu o puxirum, automaticamente já está convocada para os futuros puxiruns de seus convidados. É como se fosse um contrato entre o grupo. Mauss (2003), em o *Ensaio sobre a Dádiva*, argumenta que a constituição da vida social é um constante ato de dar e receber; são obrigações em cada caso particular, ou seja, as trocas são

concebidas e praticadas em diferentes tempos e lugares em formas variadas. Dar e receber implica numa troca material e espiritual, pois ao dar, dou sempre algo de mim mesmo; mescla almas, permitindo a comunicação entre homens.

Nesse sentido, o puxirum é um contrato espontâneo e obrigatório. É uma sociabilidade criada pela dádiva que aproxima e torna semelhantes os participantes dessa atividade. Nesse processo, o princípio da reciprocidade ocorre quando determinado grupo de indivíduos são convidados para colaborarem em alguma atividade que exige a participação de muitas pessoas. Este contrato é selado a partir da primeira dádiva ou primeira participação no puxirum, pois o ato de não aceitar, acarreta a não participação do anfitrião no puxirum do convidado. Daí o termo também usado que define essa atividade: troca de dias. Ao mesmo tempo em que se deixa de trabalhar um dia no seu próprio roçado para doar sua força de trabalho no roçado do outro, já se imagina a participação do receptor ajudando no roçado do doador.

As formas “arcaicas” ou tradicionais de trocas, observadas por Mauss entre as sociedades chamadas “primitivas”, consistem em reciprocidade, tornando o ato de dar, receber e retribuir, uma obrigação tácita. Entre as sociedades da Amazônia, o puxirum é uma prática bastante valorizada pelo ribeirinho e designa exemplo de união entre todos os trabalhadores.

Durante a cheia, conforme a fala do morador acima, a pesca é a atividade realizada com mais intensidade por se dedicar a agricultura durante a seca. Entretanto, é no período da seca que os peixes ficam mais vulneráveis à pesca devido a baixa profundidade dos rios. Em geral, esse período é considerado pelos moradores a época em que há mais fartura de alimentos. A pesca se torna tecnicamente mais difícil ou mais fácil, conforme o ciclo das águas, o que requer do pescador um conhecimento sobre o comportamento dos peixes, das áreas mais piscosas e uma grande habilidade no uso dos apetrechos de pesca.

Na localidade, existe um acordo entre os pescadores locais que permite somente pescar determinados peixes para subsistência ou para fins comerciais seguindo não só o período da seca, como o da enchente, cheia e vazante. É uma iniciativa dos próprios moradores como uma forma de combater a extinção das espécies. Os pescadores locais são corresponsáveis na gestão dos recursos pesqueiros sem a intervenção do IBAMA.

Brito (2010), ao realizar um estudo sobre as modalidades de pesca no lago de Manacapuru, observou que a apropriação do pescado destinado ao consumo é feito de forma doméstica, sendo o trabalho familiar a unidade de trabalho. A pesca sazonal que é realizada

nestas circunstâncias pode ser denominada de bens de subsistência, pois uma parte é consumida e a outra é comercializada para comprar os bens que não produzem.

Assim, o principal problema que os pescadores da localidade enfrentam está relacionado à presença dos “pescadores de fora”, advindos principalmente do Município de Manacapuru, uma vez que sua atividade pesqueira é de caráter comercial. Não respeitam o acordo estabelecido entre os núcleos comunitários, fato que já causou vários conflitos no local (BRITO, 2010).

Os materiais utilizados para a captura do peixe são comprados na cidade e produzidos também pelos pescadores como: arco e flecha, azagaia, tarrafa, tramalha, malhadeira, caniço, arpão. Existem também algumas normas com relação ao tipo de material utilizado para a pesca instituída, para evitar a apreensão de peixes que estão em fase de reprodução.

O extrativismo vegetal ainda é uma atividade de grande significado para a economia local através da exploração de produtos como a pupunha, o tucumã e a madeira, utilizada em construções de casas, canoas e para venda. A pecuária se destaca pela criação de bovinos, equinos e suínos.

O regime de cheia e de seca determina uma mudança constante na vida destes indivíduos. Sobre isso, Corrêa (2008, p. 19), enfatiza que o modo de vida cíclico das populações ribeirinhas inverte “suas relações sociais, suas expectativas em esperanças, fartura, prestações sociais totais, como forma de uma revitalização dos regimes de troca nesses períodos”. Estudar estas populações observando este fator é fundamental para entender a dinâmica da vida social dos mesmos, pois são nesses períodos que estes grupos também se mobilizam como um todo.

Para se chegar a Jaiteua de Cima, a localidade dispõe de um único meio de transporte: o fluvial. Os transportes do tipo fluvial que vão para Jaiteua saem de Manacapuru, cidade mais próxima que possui uma frota composta de dois barcos de pequeno porte (ou “recreios”, como são chamados os barcos que transportam passageiros e mercadorias), que fazem o trajeto Jaiteua-Manacapuru. O tempo da viagem é de duas horas e a passagem custa em média oito reais. Durante todo o trajeto os barcos vão deixando passageiros e entregando mercadorias que abastecem os pequenos comércios das comunidades ao longo do rio.

Todos os dias há passageiros, os quais não possuem época fixa para viajar para Manacapuru, cidade que oferece certa infraestrutura que as comunidades não possuem como: banco, hospital, cartório, mercado e lojas. A maioria dos passageiros não viaja em grupo, mas os que o fazem vão com seus familiares, que escolhem viajar deitados em suas redes.

O tipo de transporte mais utilizado no deslocamento dos moradores para outros lugares e nas pescarias são as canoas a remo e o rabeta²⁰. O rabeta é o meio de transporte mais utilizado pela população local. Este é uma embarcação de pequeno porte com motor de popa. As canoas, os rabetas e os barcos de pequeno porte são fundamentais para a vida dos moradores, pois onde vivem há uma grande extensão navegável que determina que o transporte hidroviário seja sempre um referencial para o transporte regional.

A educação é outro fator de suma relevância na comunidade. O ensino ofertado corresponde ao Ensino Fundamental e Médio. Até o ano de 2008/2009 não havia o Ensino Médio como modalidade de estudo na localidade. Por meio do “Projeto Ensino Médio Presencial com Mediação Tecnológica”, desenvolvido pelo centro de mídias da Secretaria de Educação do Estado do Amazonas (SEDUC)²¹, a população teve acesso a este ensino via-satélite.

Somente duas comunidades possuem escolas: Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e Santa Izabel. Com a implantação desse projeto na localidade, as escolas que estavam em péssimas condições foram substituídas por um novo prédio de alvenaria. Cada escola possui uma pequena biblioteca, cozinha e três salas; sendo que uma das salas de aula está equipada com antena receptora, um kit tecnológico que inclui computador com acesso à internet, impressora, webcam, microfone, telefone, estabilizador e um televisor de LCD.

²⁰ É uma canoa, composta de um pequeno motor à gasolina. O rabeta bem equipado tem aparência de um barco comum, só que em proporção menor, são cobertos com palhas ou telhas para proteção do sol. Este transporte fluvial é muito utilizado pela população da Amazônia.

²¹ Projeto inaugurado em 2007 pelo Governo do Estado Amazonas. O Centro de Mídias de Educação é um programa inovador no Brasil e no mundo, por meio do qual são ministradas aulas diárias (em estúdio) e transmitidas em sistema via satélite para todos os municípios do Amazonas, abrangendo 1.500 comunidades rurais e atendendo, hoje, aproximadamente 30 mil estudantes. Integrados ao programa, os estudantes têm acesso às disciplinas do Ensino Fundamental e Ensino Médio nos locais mais distantes do Amazonas (SEDUC, 2011). Dos estúdios, em Manaus, as aulas são ministradas por professores especialistas e nas comunidades os estudantes são acompanhados por professores presenciais, moradores locais.



Imagem 07 – Escola Estadual José Augusto de Queiróz.
Fonte: OLIVEIRA, 2011.

Hoje, as escolas, em relação a tempos anteriores, apresentam melhores condições atendendo a um bom número de alunos em sala de aula (Figura 7). O horário de funcionamento das aulas compreende o período matutino e vespertino. Para os moradores, a implantação desse projeto em Jaiteua superou várias dificuldades, como a não permanência dos jovens em suas respectivas comunidades. Quando os adolescentes e jovens concluíam o ensino fundamental oferecido pelas escolas locais, era necessário a locomoção para outro lugar para dar continuidade aos estudos, migrando para Manacapuru ou Manaus.

Dessa forma, muitas famílias migravam para a cidade em busca de educação para seus filhos. A migração também é produto da escassez de emprego e das baixas condições econômicas. No entanto, estes mantêm seus laços com a localidade, voltando para passar as férias escolares ou para participar das festas promovidas pelas comunidades.

Os alunos vão para a escola de canoas, outros são levados pelo barco escolar, transporte que pertence à SEDUC. Para as comunidades rurais, esta instituição elabora um calendário especial que corresponde ao período do verão, devido o período das cheias. A merenda escolar é feita com muito trabalho e criatividade, atendendo as necessidades básicas de alimentação dos alunos.

Em relação ao nível escolar dos moradores vejamos o quadro abaixo:

Quadro 01 – Nível escolar dos moradores.

Comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro		%
1ª a 4ª Série		21,4
5ª a 8ª Série		42,9
Ensino Médio completo		7,1
Não lê e não assina o nome		7,1
Nunca estudou		14,3
Só assina o nome		7,1
Comunidade Assembléia de Deus		
1ª a 4ª Série		50,0
5ª a 8ª Série		33,3
Só assina o nome		16,7

Fonte: PPG7, 2008.

Conforme esses dados, o nível escolar dos moradores das comunidades Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e Assembléia de Deus corresponde, principalmente, ao Ensino Fundamental (1ª a 8ª série). A maioria dos moradores que possuem esta formação são jovens e adultos, os quais são casados e residem na comunidade desde a infância. Durante a infância e a adolescência somente puderam estudar até a 8ª série por não haver o Ensino Médio nas escolas da localidade.

Outra instituição importante para o funcionamento das comunidades é a Associação de Moradores, responsável pela organização local e outras questões de interesse comum. Cada comunidade possui a sua associação, juridicamente cadastrada com CNPJ (Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica) e suas reuniões são todas registradas em ata. O quadro abaixo mostra quais são as Associações e o seu tempo de existência no local.

Quadro 02 – Associações Comunitárias.

Comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro	
Associação de Pais e Mestres	14 anos
Clube de Mães	24 anos
Associação de Moradores	34 anos
Associação de Agricultores	6 anos
Comunidade Assembléia de Deus	
Associação de Moradores	7 anos

Fonte: OLIVEIRA, 2010.

Essas associações são resultado das motivações dos moradores que se reúnem para discutir politicamente as condições de infraestrutura junto à prefeitura Municipal de Manacapuru. A preocupação principal dos moradores é com a saúde e a educação. As associações também influenciam na organização social da comunidade, na coordenação e promoção de festas, no arrecadamento de recursos para ajudar algum morador, na reforma da igreja ou do centro social.

Quanto ao lazer, é comum encontrar as crianças sempre brincando de pular na água, nadar, mergulhar, pescar e remar à margens do igarapé (Figura 8). Diante disso, o rio é também o lugar onde são desenvolvidas suas atividades lúdicas. Nas comunidades, as crianças estão por todos os lados correndo, brincando de esconde-esconde e de bola (confeccionada por sacolas, panos ou cerrados).

Todas as vezes que eu chegava na comunidade Assembléia de Deus Tradicional, rapidamente formava-se um aglomerado de crianças curiosas e risonhas que queriam tirar uma foto e ouvir meu diálogo com os moradores mais velhos. Outras já faziam várias interrogações, ou simplesmente queriam saber quem era a pessoa que estava na comunidade (Figura 9).

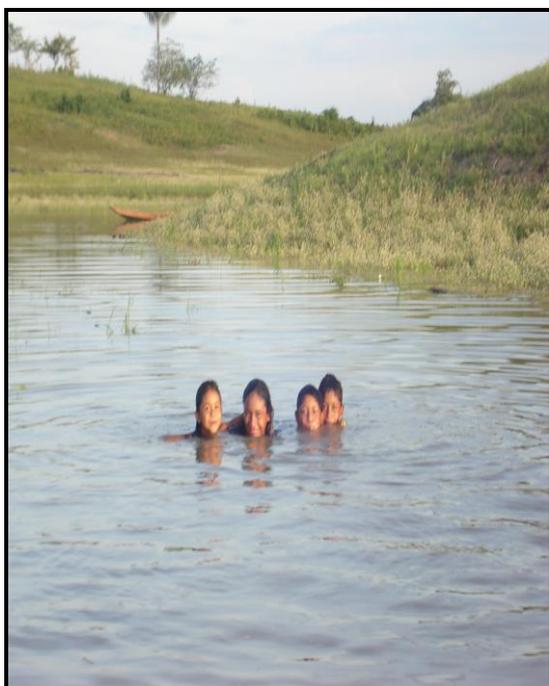


Imagem 08 – Crianças brincando no igarapé.
Fonte: OLIVEIRA, 2008.



Imagem 09 – Crianças da Com. Ass. de Deus Tradicional.
Fonte: OLIVEIRA, 2010.

O futebol é uma das atividades de lazer mais desenvolvida. Crianças – brincam depois que chegam da escola –, jovens e adultos se divertem na prática do futebol através de torneios

e peladas no final da tarde. Os moradores da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro realizam torneios, principalmente nos finais de semana, valendo refrigerantes, dinheiro ou bombons. Outras vezes, participam de torneios em comunidades vizinhas.



Imagem 10 – Momento de lazer.
Fonte: OLIVEIRA, 2011.

Nas demais comunidades como Santa Izabel, Assembléia de Deus Tradicional e Assembléia de Deus, por serem de procedência evangélica, o futebol não é tão forte como na comunidade Perpétuo Socorro. O futebol é praticado somente para diversão nos finais de tarde (Figura 10).

Outro aspecto relevante são as festas. Em relação à comunidade Assembléia de Deus a mais tradicional é o Congresso de Senhores e do Círculo de Oração²² no mês de agosto.

Os eventos que tem são o Congresso dos Senhores e das Senhoras que acontece em agosto. [...]. No congresso [...], a primeira noite foi o culto das senhoras, com a participação de outros campos [onde] grupos de senhoras vinham [...] [e] cantavam. No sábado é a participação dos senhores, toda a programação [do evento] já era com o grupo dos senhores, eram os homens que davam a direção da programação. [Para essa festa] vinham os irmãos da [igreja Assembléia de Deus] Tradicional, da [igreja Pentecostal] Unida [do Brasil]. Vieram algumas pessoas de Manacapuru, vieram pessoas de Manaus, da Assembléia de Deus Madureira. Os irmãos do Supiá vieram para o congresso (Diácono R. S., 26 anos, Jaiteua de Cima, 2011).

²² Grupo feminino que se reúne semanalmente para orar em horários esporádicos.

Durante o período da festa, caracterizada pelos cultos de adoração, louvores, sermão, e agradecimento a Deus, os moradores recebem visitas de outros grupos evangélicos advindos de outras comunidades e das cidades de Manacapuru e Manaus.

Na comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, a principal festa é da Santa católica, que dá nome a comunidade. Esse festejo em honra a esta padroeira não é realizado aproximadamente há dois anos. Os moradores contam que durante a festa, eram vendidas bebidas e comidas. Eram realizados bingos, torneios e a festa dançante.

Segundo informações, para essa festa, outros núcleos comunitários mais próximos eram chamados, os quais tinham que comparecer, porque na festa das comunidades convidadas, os moradores do Perpétuo Socorro também deveriam ter participação. Observa-se que , tanto nos festejos das comunidades evangélicas quanto nos festejos da comunidade católica, há uma troca entre moradores locais e moradores vizinhos, o que representa aliança, reciprocidade, tributo e dádiva, pois se postula um entendimento da vida social como um constante dar e receber (MAUSS, 2003).

As atividades de lazer, portanto, são procedimentos de sociabilização entre as pessoas de diferentes faixas etárias da comunidade. Posto que fortalecem os laços de amizade, vizinhança e solidariedade.

As populações Amazônicas sempre desenvolveram, à sua maneira, seus próprios conhecimentos a partir das relações e atividades do cotidiano, envolvendo desde as formas de conceberem o espaço até os processos de organização social. Através da observação do modo de viver da população ribeirinha, estudos científicos vêm revelando a dimensão e a importância do conhecimento que eles possuem. Seus conhecimentos acumulados são expressões de um “repertório” cultural, os quais são reproduzidos e ensinados em todos os momentos de suas vidas: na formação do indivíduo, na organização da comunidade, nos afazeres domésticos e na contribuição para com a igreja.

Neste sentido, o saber tradicional é uma forma específica de se praticar ciência. Daí o saber das populações ribeirinhas ser considerado algo profundo. Em Jaiteua de Cima, a transmissão de conhecimentos é realizada de pais para filhos. Por exemplo, o pai é o conhecedor dos pontos de pesca e do comportamento dos peixes. Sabe quando a terra está pronta para plantar. O filho que acompanha o pai nas pescarias e nas plantações observa e aprende. Desde muito cedo as crianças são ensinadas a nadar, pescar, plantar. Principalmente os meninos já saem para pescar enquanto o pai está realizando outras tarefas. Eles confeccionam malhadeiras e ajudam muitas vezes seus pais nas plantações e no cuidado dos animais domésticos.

Tal conhecimento aprofundado da natureza e seus ciclos refletem na elaboração de estratégias de uso e de manejo dos recursos naturais; da noção de território onde o grupo social reproduz-se economicamente e socialmente; da moradia e ocupação desse território por várias gerações; da importância das atividades de subsistência; da reduzida acumulação de capital; da importância dada à unidade familiar e às relações de parentesco ou compadrio para o exercício das atividades; da importância das simbologias; e da tecnologia simples; divisão social do trabalho. Esse conhecimento é transferido de geração em geração por via oral (DIEGUES, 1996).

Trata-se de um conhecimento que não é estático, ou seja, é um patrimônio cultural que se reconstrói e se modifica, pois não pertence a este ou aquele grupo social, mas a toda sociedade em geral. Estamos falando de algo “vivo”, constantemente recriado na medida em que incorpora novas experiências, enlaçado ao passado, presente e futuro.

A partir da observação realizada durante esta pesquisa, constatei que o saber dos moradores das comunidades estudadas não está somente relacionado ao conhecimento que os mesmos possuem sobre a natureza. São influenciados principalmente, pelo meio urbano, isto é, há uma interação entre o campo e a cidade. Tais fatores mostram que não são grupos sociais fechados, onde exclusivamente só se predominam suas tradições como mostram alguns estudos sobre comunidades Amazônicas.

A população local mantém uma interlocução tanto com o meio rural, pois é nesse contexto que suas relações sociais se reproduzem, quanto com o meio urbano, resultado de uma interligação com outro modo de vida. Estes vínculos se ampliam e se consolidam. E na medida em que há esta aproximação, suas relações não permanecem as mesmas e modificam-se continuamente com a introdução de novos aspectos culturais.

Aqui tem muitos irmãos que trabalham na Feira do Produtor [em Manaus] daí eles levam a goma, eles levam outros produtos que acompanham a farinha pra venderem na Feira do Produtor. Eu trabalho, mas com a farinha eu vendo direto pro Marreta, que pra trabalhar na feira tem que tirar pelo menos dois dias. Eu faço três, quatro, cinco sacos de farinha eu chego lá [Manaus] vendo logo, faço as compras que a gente está necessitado, daí a gente volta logo (L., 42 anos, Jaiteua de Cima, 2008).

A partir desta narrativa, percebe-se que é na cidade (Manacapuru e Manaus) que os mesmos vendem suas produções agropecuárias, vão ao banco, ao comércio, ao médico, pagam suas contas e divulgam suas festas. O centro de Manacapuru é o perímetro da cidade preferido por estar próximo do porto onde fica o barco de linha responsável pela locomoção

da comunidade para a cidade e aonde os produtos de que estão necessitando são mais fáceis de serem adquiridos. Logo, o ambiente deste grupo social não pode ser considerado somente como o lugar onde se manifestam seus costumes ou conhecimentos “tradicionais”, mas também onde o “moderno” está presente, como a introdução de instrumentos tecnológicos que contribuem para o próprio trabalho da população local.

2.1.2 A Comunidade

Os registros dos primeiros viajantes (século XVI) revelam que já havia uma visão simples e homogênea (GONDIM, 2000) sobre o modo de vida das populações Amazônicas. Essa ideia tem se difundido (na literatura, nos meios de comunicação em massa, nos projetos de políticas públicas, nos estudos sobre o lugar) desde o tempo em que a Amazônia foi ocupada no processo de colonização. Ainda hoje a Amazônia é tida como exótica e romântica, e que precisa ser colonizada e modernizada.

Neste sentido, alguns estudos sobre comunidade ao se apropriarem de conceitos que definem tal categoria sociológica como uma associação de indivíduos que possuem interesses comuns e estão sujeitos a regras específicas (Tonnies, 1944; Maciver & Page, 1955; Wagley, 1988), romantizam o modo de vida ribeirinho. São estudos que se ao apropriarem desta categoria, personificam “o homem amazônico” e pouco dizem a respeito de suas tensões sociais, de seus conflitos políticos, das suas relações sociais e de suas orientações religiosas.

Os estudiosos Elias & Scotson (2000) ao estudarem a comunidade Winston Parva chegaram à conclusão de que a “comunidade” não é mais uma estrutura simples, fixa e primitiva; é complexa, dinâmica, onde acontecem processos de exploração, conflito e cooperação, ou seja, não é o paraíso das relações harmoniosas onde todos são irmãos.

Bauman (2003), ao discutir o conceito de comunidade, ratifica que há uma ideologia pré-concebida em relação ao conceito, isso quer dizer que a concepção que se tem sobre comunidade é a ideia de “coisa boa”, de “paraíso”, de pertencimento a um grupo sem interesses individualistas. Idealiza-se que viver em comunidade está relacionado à ambientes confortáveis, livres e seguros.

“Uma parte integrante da ideia de comunidade é a “obrigação fraterna” de partilhar as vantagens entre seus membros, independente do talento ou importância deles” (BAUMAN, 2003, p. 56). A concepção que as pessoas, de modo geral, possuem sobre comunidade é a “comunidade imaginada”, o “paraíso perdido”. Por essa razão, segundo o autor, se imagina que a comunidade é o lugar que produz aconchego, todavia, ela não existe. A comunidade

realmente existente exigiria rigorosa obediência em troca de serviços, existe um preço a pagar pelo privilégio de viver em comunidade, posto que na comunidade há normas e cobranças e a ideia de ser “livre” acaba sendo frustrada.

As considerações de Bauman são relevantes, na medida em que problematizam o conceito e dão um novo significado aos estudos sobre comunidade. Portanto, foi a partir deste novo olhar que as comunidades selecionadas para este estudo foram pesquisadas. Partindo desta premissa, observei que nas comunidades de Jaiteua de Cima existe um sistema organizado de “regras” que todos devem seguir, além disso, existem conflitos, divergências de ideias e o desejo de obter uma vida melhor com a introdução de objetos tecnológicos adquiridos na cidade que colaboram para a sua sobrevivência.

Para os moradores locais, portanto, viver na comunidade não é somente ter uma vida no campo, usufruir dos produtos naturais, conhecer técnicas de produção tradicionais, mas viver na comunidade traz também outros benefícios.

Com certeza viver na comunidade traz benefícios. Depois que a pessoa nossa passa pagar a Associação dos Moradores todo o mês, se for pra aposento a pessoa vai receber até morrer, então ela tem direitos, por exemplo, ao auxílio materno é outra coisa [...], então a comunidade dá uma declaração, dá um pedaço de terra de um amigo pra essa pessoa no período de cinco meses [...] então nós exigimos que essa pessoa seja sócio da comunidade, mas pagando seu direito para que nós possamos correr atrás dos benefícios que eles querem, eu levo no sindicato, eu levo no INSS, eu tenho declarações prontas aqui do sindicato para qualquer benefício, como para tirar carteira de identidade, CPF. Eu passo pros comunitários tudo isso direitinho, já tudo declarado (V. A., 45 anos, Jaiteua de Cima, 2010).

Viver em comunidade, segundo os moradores, proporciona também serviços gratuitos, vantagens, ganhos, proveito, benfeitoria, melhoramento e direito, principalmente se estiver agregado à Associação Comunitária, pois é mais fácil para as pessoas que moram na área rural que se declaram agricultores ou pescadores conseguirem benefícios como: aposentadoria, bolsa família, adequação de terras e demais benfeitorias oriundas do Estado.

A realidade das comunidades ribeirinhas implica numa junção de benfeitorias, conflitos, política, ideologias, sagrado/profano, conhecimentos, mortes, doenças, tecnologias rústicas e modernas. Esse conjunto de fatores que caracterizam o modo de vida ribeirinho pode ser analisado com um novo enfoque, desmitificando o imaginário que se tem sobre essas populações.

Elias & Scotson (2000) recomendam que ao invés do pesquisador estudar a comunidade através de tipologias rígidas, deve-se analisar os processos históricos de

mudanças das relações sociais, verificando cada uma das características que o mesmo considere propriamente comunitário – relações de poder, interações e interdependências. Os autores estão alertando os sociólogos de que os estudos sobre comunidade devem ser conduzidos a partir da realidade da região que o mesmo pesquisará. Assim, durante esta pesquisa com as comunidades ribeirinhas do Município de Manacapuru, preferi seguir os conselhos destes autores.

Portanto, estes são alguns dos elementos que norteiam o dia a dia dos moradores da área de estudo. Seus valores, ações, costumes, crenças, comportamentos, lazer e conhecimento caracterizam-no e os diferenciam de outros grupos sociais.

2.2 A Igreja Católica na organização social da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro

Nossa Senhora do Perpétuo Socorro foi a primeira comunidade organizada na localidade Jaiteua de Cima. No período de sua fundação, na década de 1970, os moradores que pertencem hoje às demais comunidades existentes na localidade formavam somente uma comunidade. No entanto, após alguns conflitos entre famílias por questões territoriais, econômicos, políticos, administrativos e a chegada das igrejas evangélicas, os moradores se dividiram.

Fazem doze anos que a comunidade foi reconhecida juridicamente através da aquisição do Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ), pois antes a comunidade foi se constituindo sem estatuto e sem o reconhecimento de um registro oficial. “A gente sempre viveu em comunidade, mas [...] a gente passou a ser comunidade mesmo somente com toda a documentação certinha [...]. Se a gente não tivesse organizado o documento da comunidade seria difícil melhorar as coisas por aqui, porque aonde você vai [como] falar na prefeitura ou no banco tem que tá com a comunidade toda documentada, se não, não consegue nada” (R. V., 48 anos, Jaiteua de Cima, 2008).

A referida comunidade recebeu esse nome em virtude da construção de um templo da Igreja Católica no local. O terreno onde foi erguida a Igreja era a fazenda do Senhor Valdir Queiróz, devoto da santa católica Nossa Senhora do Perpétuo Socorro que, ao enfrentar uma forte tempestade quando estava vindo da cidade de Manacapuru para sua fazenda, imaginando que seu barco viesse a naufragar e até mesmo levá-lo à morte, fez uma promessa à esta santa católica com a intenção de superar tal dificuldade pela qual estava passando. Por devoção

peçoal à Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, sua promessa consistiu na construção de uma igreja em homenagem à santa.

Por ter alcançado a “graça divina”, superando o temporal, construiu parte da Igreja com seus próprios recursos financeiros. A devoção a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro na localidade foi incentivada por este fazendeiro e fundador. A partir da inauguração do prédio os moradores que viviam nas redondezas da fazenda passaram a frequentar as celebrações católicas, participando de outras atividades que a Igreja organizava.

A imagem de Nossa senhora do Perpétuo Socorro na altura da capela local, trata-se de uma pintura do século XII, de estilo bizantino (Figura 11). Na pintura, esta santa tem um semblante melancólico e triste, trazendo no braço esquerdo o menino Jesus. Os anjos Gabriel e Miguel apresentam a ele quatro cravos e uma cruz. Ela é considerada a senhora da morte e a rainha da vida, o auxílio dos cristãos, o socorro seguro e certo dos que a invocam.

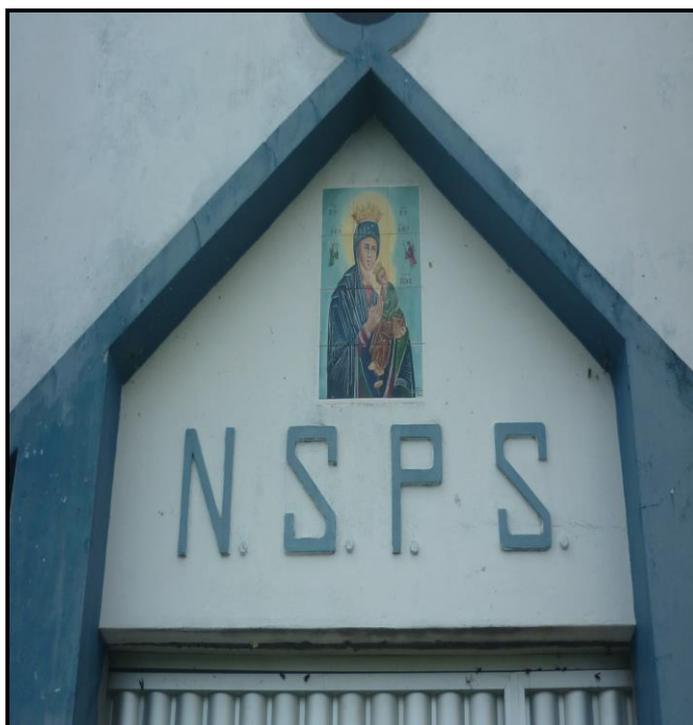


Imagem 11 – Imagem de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro no alto da capela local.
Fonte: OLIVEIRA, 2011.

A devoção à Nossa Senhora do Perpétuo Socorro deve-se à ação dos missionários Redentoristas que difundiram esta prática em suas áreas de atuação, por isso esta santa também é conhecida como a mãe dos Redentoristas.

Sob a ótica de Durkheim (1996), os indivíduos que compõem esta coletividade sentiram-se ligados uns aos outros pelo fato de terem uma fé comum, levando este grupo

social a praticar esta religião e os ritos que lhe são solidários. Além disso, os moradores que habitavam a extensão do igarapé Tauari aliando-se a igreja através de um sentimento coletivo e religioso, passaram a afirmar que faziam parte de uma comunidade enquanto organização social.

Segundo as narrativas, antes da chegada da Igreja, o local era mais conhecido pelo nome do time de futebol, Ideal Clube – atualmente nome do centro social da comunidade. Nessa época, de acordo com o seu Valdemar, o lugar não era conhecido ou chamado de “comunidade”. Somente com as eleições de 1982, através da construção da primeira escola é que esta organização social foi reconhecida como comunidade pela Prefeitura de Manacapuru.

O time da sociedade era ideal, aí o Zaquel Silveira veio e ganhou em 82 as eleições, então eles tiveram essa atitude de criar comunidade pra dar assistência ao povo, pro grupo, então eles criaram, o grupo escolar na Perpetuo Socorro, antes [a comunidade] era [conhecida pelo nome do] time (V. C., 85 anos, Jaiteua de Cima, 2010).

Essa comunidade se criou por intermédio daquela igreja ali [entrevistado aponta para o terreno onde está localizada a igreja], padroeira do local Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Aí a comunidade cresceu sendo Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (B. S., 54 anos, Jaiteua de Cima, 2010).

Sabe-se que os moradores da área rural da Amazônia passaram a se organizar como “comunidade” através das atividades desenvolvidas pelo Movimento de Educação de Base (MEB), fundado em 1961 pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), cujo objetivo era alfabetizar pela educação de base, principalmente as áreas rurais do Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Formar lideranças comunitárias e orientar os moradores quanto ao novo formato de comunidade. Isso se deu em função das moradias, às margens dos rios, estarem distribuídas muito afastadas umas das outras. Esta orientação levou as paróquias e as prelazias a transformar a prática da desobriga²³ em visita pastoral. A catequese sacramental estava agora voltada para o aspecto comunitário, por causa do surgimento e organização de pequenas comunidades (SILVA, 2008).

Silva (2008), em seu estudo *O resgate do catecumenato na formação dos cristãos na prelazia de Coari* destaca que em 1937, Dom Basílio Manuel, quinto bispo da Diocese do Amazonas, visitou a pastoral de Manacapuru, Codajás e Coari, e reconheceu a necessidade urgente da presença de missionários nesses Municípios. A intensificação da presença religiosa através da chegada de ordens religiosas na área que a prelazia abrangia foi importante para o

²³ Implicava num plano de visitas, onde os padres realizavam os sacramentos da Igreja Católica, desobrigando ou libertando as pessoas de seus pecados.

desenvolvimento da fé cristã e para a fundação de povoados ou comunidades. De Manacapuru a Coari, a presença missionária foi intensificada e novas propostas de fundações de missão foram feitas, visto que muitas comunidades já estavam sedimentadas e organizadas.

A presença missionária nos Municípios, a organização das paróquias da prelazia de Coari²⁴, o atendimento constante, a formação cristã e a assistência social, que antes eram “coisas raras” junto às populações mais desprovidas de assistência religiosa, passaram a um estágio satisfatório, conforme queria o bispo de Manaus (SILVA, 2008). Apesar da intensificação do trabalho pastoral em Manacapuru. Como este autor descreve, infelizmente, não existem documentos que registrem ações da paróquia Nossa Senhora de Nazaré junto à comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, mesmo tendo essa paróquia 102 anos de fundação no Município.

A Igreja Católica de Jaiteua de Cima é coordenada pela paróquia de Caapiranga²⁵, vinculada à prelazia de Coari. Os moradores afirmam que a Igreja local está ligada à esta paróquia, visto que os padres de Manacapuru são poucos, os quais são responsáveis por um determinado número de comunidades, onde devem dar “assistência religiosa”; outra justificativa são os dízimos que a Igreja recebe mensalmente, os quais ajudariam no trabalho missionário da Congregação Redentorista do Santíssimo Redentor, ordem religiosa responsável pela paróquia de Caapiranga – presente também em Manacapuru e Coari.

A presença dos padres Redentoristas na comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro não é algo frequente. Eram os próprios moradores que organizavam as missas aos domingos. Dificilmente aparece algum padre ou freira nesse lugar. O Presidente da comunidade selecionava as famílias que estariam na coordenação das novenas, das rezas, das celebrações em geral. É visível o quanto estes moradores estão desejosos de receber a visita de missionários católicos.

Conforme a senhora Martinha, um das moradoras mais antiga do lugar, informou que o Sr. Valdir Queiróz, responsável pela construção da pequena capela, era comerciante e proprietário de um flutuante onde vendia mercadorias em geral. Ele também comprava os

²⁴A Prelazia de Coari abrange sete municípios: Coari, Manacapuru, Codajás, Beruri, Anori, Anamã e Caapiranga. A área da Prelazia de Coari foi desmembrada da Arquidiocese de Manaus em 13 de julho de 1963. Criada pelo Papa Paulo VI, instalada no dia 11 de março de 1964, tendo como o seu primeiro administrador apostólico, Dom João de Souza Lima, Arcebispo de Manaus. Na cidade de Coari fica a sede da Prelazia e da coordenação pastoral. A Prelazia é composta por seis paróquias e duas áreas missionárias: Paróquia de Santana e São Sebastião, em Coari, fundada em 1774; Paróquia Nossa Senhora das Graças, em Codajás, fundada em 1870; Paróquia Nossa Senhora de Nazaré, em Manacapuru, fundada em 1909; Paróquia Imaculada Conceição, em Anori, fundada em 1975; Paróquia Nossa Senhora de Nazaré, em Beruri, fundada em 1980; Paróquia; área missionária São Pedro em Coari, fundada em 2000; área missionária São Francisco do Anamã, fundada em 2003. Há 501 comunidades rurais católicas em toda a Prelazia (SILVA, 2008).

²⁵ A paróquia de São Sebastião, no Município de Caapiranga, foi fundada em 1983 (SILVA, 2008).

produtos que os moradores produziam na agricultura e no extrativismo: “a gente comprava e vendia tudo o que a gente queria, aí então não tinha que ir pra Manacapuru comprar nadinha porque aí tinha, comprava de tudo mesmo, trazia de tudo pra casa” (M., 76 anos, Jaiteua de Cima, 2010). Era possível encontrar desde remédios e até botijas de gás no flutuante.

A presença deste comércio na localidade tornava desnecessária a ida dos moradores até Manacapuru. Além disso, os moradores que compravam e vendiam para o dono do flutuante tinham crédito para levar qualquer produto do comércio para ser pago na próxima vez que voltassem para vender algum produto ou pagar sua dívida.

Anos depois, os donos da fazenda deixaram a localidade e um dos seus empregados, o Sr. Raimundo, mais conhecido como “seu Velhote”, assumiu a administração da fazenda. Este senhor assegura ser dono das terras do Sr. Valdir, pois as considera como pagamento, em virtude dos seus patrões e donos legítimos destas terras não o renumerarem pelos serviços prestados na fazenda.

Tal situação ainda hoje é motivo de muita discussão e tensão entre os moradores. Segundo informações, um dos principais motivos de altercação gira em torno destas terras, uma vez que não há nada que assegure o seu pertencimento à comunidade. Os moradores que antes pertenciam a esta comunidade criticam os moradores de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro de não quererem abrir mão do lugar onde é o centro desta comunidade.

Todavia, o Sr. Velhote se tornou uma pessoa influente na comunidade, ocupando a função de Presidente – “líder institucional” – da comunidade por um período de dez anos. Durante sua administração foi construído um centro social e uma casa para os professores que vinham dar aula durante o ano letivo. Ele e sua família também eram os responsáveis pelas atividades da igreja durante a semana.

O terreno onde estão instaladas as principais instituições sociais da comunidade é o local onde era a antiga fazenda Nova Esperança. A casa de Sr. Velhote é a única residência que está instalada no mesmo local onde estão estas instituições (Figura 12). Fato que destaca o poderio deste morador e sua influência sobre a comunidade. As casas dos demais moradores estão localizadas numa outra parte da localidade (Figura 13).

A partir do centro social, até a igreja são terras da comunidade, deixando de ser a fazenda do Sr. Valdir quando o mesmo foi embora.



Imagem 12 – Centro da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.
Fonte: PPG7, 2007.



Imagem 13 – Vista parcial de como se configura o território de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.
Fonte: PPG7, 2007.

A comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro é composta por aproximadamente 50 famílias. Sua infraestrutura é constituída por um centro social, uma casa para os professores que serve como moradia durante o ano letivo, uma escola, um campo de futebol, um motor de luz, um barco para levar e buscar alunos que moram mais afastados e as Associações de Moradores, de Pais e Mestres e Agricultores.

As principais atividades econômicas estão voltadas para agricultura e para a pesca de subsistência e comercial. O cotidiano dos moradores é também expresso pelas atividades de lazer, os quais se divertem principalmente na prática do futebol. A comunidade tem um time, formado por alunos, que participam de torneios em comunidades vizinhas. Em 2011, foram vice-campeão do XXI Jogos Estudantis de Manacapuru.

Há organização de bingos para arrecadação de recursos para a associação de moradores, momento considerado também de lazer. Ocorrem festas de final de ano. A comunidade tem um grupo de quadrilha que se apresenta na época de junho. Há também a promoção de festas do dia das mães e dos pais, geralmente organizadas pela escola.

O evento principal é a festa da padroeira – Nossa Senhora do Perpétuo Socorro – realizada no mês de maio, mobilizando toda a comunidade. A festa permite o fortalecimento da identidade local por intermédio da ajuda mútua nos seus preparativos. A venda de doces, bebidas, comidas e bingos durante os dias de festa são destinados para a manutenção e complementação da infraestrutura da comunidade.

Na comunidade de Itá, Wagley (1988, p. 214) observou que “a festa de seus santos [...] proporcionavam motivos de importantes incentivos individuais e coletivos”. Isso mostra que “a recreação está intimamente ligada à sua religião e à organização de sua comunidade”. Por exemplo, o bingo realizado muitas vezes no final da festa de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, se constitui em um momento de alegria e descontração, sendo que a renda arrecada era destinada para a comunidade. Durante o leilão eram sorteados pratos de comida como frangos assados e bolos. O brinde maior que sempre era um boi se deixava para o final do bingo.

Quanto à escolha do Presidente, dá-se através de eleições que acontecem de quatro em quatro anos. Porém, nos últimos dez anos, as eleições não aconteceram a contento, ocorrendo apenas acordos que legitimavam o antigo presidente a se manter no cargo. Todavia, em 2010 houve eleições, as quais elegeram o senhor Brás Soares para o cargo de “Presidente Comunitário”.

Segundo o Sr. Brás, tornou-se presidente por questões políticas. As terras da comunidade são uma área sem registro no Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), órgão que tornará as terras da comunidade em um assentamento, por isso estão passando por uma avaliação. Tal avaliação gerou alguns conflitos. A família do Sr. Valdir Queiróz – falecido há dez anos – sabendo da possibilidade das terras, onde era a fazenda e onde está concentrado o centro da comunidade, se tornar um assentamento, após dez anos retornou ao local, exigindo seus direitos sobre a mesma. Como o Sr. Velhote sempre disse ser dono destas terras, mas sem documento algum que o respalde como proprietário foi expulso da casa onde mora, por isso resolveu deixar o cargo de presidente para evitar futuros conflitos.

Além deste problema, os moradores estão se sentindo prejudicados, pois os mesmos não estão indo à igreja local para a realização das missas e catequese. Assim como a casa do Sr. Velhote, a igreja está implantada nas mesmas terras, por isso foi fechada, sendo deteriorada durante este conflito.

Todavia, os moradores estão confiando que conseguirão o título definitivo já que nem a família do fazendeiro que se dizia confiante possui este documento.

Portanto, é visível que qualquer manifestação de planejamento ou mudança social passará certamente por esta teia de relações sociais que se configuram em relações de poder dentro e fora da comunidade.

2.3 A Igreja Evangélica Assembléia de Deus na organização social da comunidade Assembléia de Deus

A Igreja Católica e as Igrejas históricas Protestantes já dominavam o campo religioso brasileiro quando a Igreja Evangélica Assembléia de Deus surgiu no país. Trata-se de uma igreja vinculada ao movimento religioso Pentecostalismo. A fundação da Igreja Assembléia de Deus no Brasil repercutiu profundamente, principalmente na região Amazônica. A partir de 1918 o “avivamento pentecostal” expandiu-se e dominou a vida religiosa dos Amazonenses.

Alencar (2000), esclarece sobre o crescimento que a Igreja Assembléia de Deus obteve como um novo segmento religioso sem nunca ter tido um órgão nacional de estratégia, mas que alcançou o país em vinte anos. Nunca teve organização, mas é a maior igreja evangélica do país. Nunca teve teólogos e/ou eruditos, mas foi a que mais cresceu. No período de sua fundação, não havia nenhuma escola de formação de pastores, mas proliferou mais que qualquer outra. Sempre foi periférica e marginal, mas alcançou os pobres e simples como nenhuma outra.

Seu crescimento no Amazonas coincide com a própria expansão demográfica das cidades e com o surgimento de novas comunidades rurais ao longo dos rios amazonenses. Um exemplo de como essa forma de religiosidade vem se expandindo é a sua influência na fundação e organização da comunidade Assembléia de Deus em Jaiteua de Cima.

[...] o pessoal que fundaram [a comunidade] já eram evangélicos, já foi fundada como Assembléia de Deus mesmo. Eu quero dizer que aqui no Jaiteua, nessa área foi o primeiro evangelho que foi pregado, após a denominação católica, então depois deles que foi empregado no Jaiteua o evangelho da Assembléia de Deus, daí que foi fundada a comunidade. Outras pessoas de fora plantaram a palavra, o evangelho e depois foram embora e assim ficou, só fizeram cuidar (V. A., 45 anos, Jaiteua de Cima, 2010).

Observa-se que a Igreja Evangélica tem influenciado no processo de formação de novas comunidades rurais no Estado do Amazonas, reproduzindo novas práticas de evangelização e colonização. Evangelização direcionada, como enfatiza Alencar (2000) para as classes mais “simples”, como os ribeirinhos. Estes grupos sociais foram alcançados através de pastores, missionários e adeptos que dedicaram suas vidas para a expansão da igreja Evangélica Assembléia de Deus em todo o Estado. A “fé evangélica” chegou á Jaiteua de Cima a bordo de uma canoa – parafraseando a declaração abaixo. Vejamos a narrativa:

A gente tava aqui quando chegou uma pessoa, um senhor bem idoso já, numa canoa bem grande, com uma toldazinha, tipo uma empanadazinha por cima daquela canoa, mas [era] uma canoa bem grande, alta e larga, tipo um batelãozinho. Ele, a mulher, uma filha e um filho, quatro pessoas chegaram, remando de voga, encostou aí no porto de casa, subiu, era um pastor. Ele chegou e se identificou, procurou saber o nome da gente, da mamãe. Então, ele deu o nome dele, da família dele. [O nome dele era] João Meira, o nome dela era [...] mais conhecida por Nenê. Nome da filha é Nice e do filho era Joãozinho. [...]. Ele falou que ele andava evangelizando, que ele já tinha vindo do Sacabú e Castanho. [...]. Nessa época a gente ainda não era evangélico, ele perguntou pra mamãe, pro papai se aceitavam [que ele dirigisse] um culto, que ele andava numa missão evangelizando, então se aceitassem ele dirigir um culto à noite, ele perguntou se podia e aí a mamãe disse que podia sim. Nessa época, nós já tínhamos um irmão da mamãe que já era evangélico, nós já tínhamos tios que já eram evangélicos, só que eles não estavam morando aqui [...]. Nós convidamos as pessoas de lá de dentro, a mamãe mandou meu irmão ir lá convidar. A gente aqui se reunimos [à noite]. [...]. Foi o primeiro culto dirigido, foi nesse terreno ali, na nossa casa [...]. Colocamos banco no terreiro, a mesa lá pra ele [o pastor], e a lamparina, e dirigiu o culto. Então, daí em diante o evangelho foi se expandindo aqui. Ele passou uns dias aqui com a gente, aí teve cultos, ele mandou convidar novamente [para outros cultos]. [...]. Aí, eu sei que o pastor foi embora, marcou outra data que ia voltar, ele sempre ficou vindo. Vinha aqui pro rio Manacapuru, quando voltava ele passava aqui de novo, tratava de dirigir cultos. Aí, as pessoas começaram a frequentar. Com pouco tempo, com um ano mais ou menos que ele tava dando a frequência aqui, evangelizando, meu tio, que hoje ele é pastor, estava em Barroso tinha ido embora pra Manaus, casou e foi pra Manaus. Quando nós nem esperávamos, ele chega aqui. Quando ele veio já era evangélico [...]. Aí, eu sei que quando ele chegou aqui, ficou em casa, era crente [...]. Ele começou visitar a família e nesse período começou o evangelho crescer. Aí começou dirigir culto, logo com uma semana ele fez uma casa [...]. Eu sei que começamos a nos reunir, fazer oração, convidar as pessoas. Aí a primeira família que aceitou logo a Jesus foi a família do irmão Edivaldo [...]. Aí veio um, vinha outro, foram os jovens que começaram a aceitar. Da família da mamãe a primeira quem aceitou foi eu, esse meu irmão que é o vice presidente da comunidade, e uma irmã, nós três aceitamos [...]. Até que graças a Deus foi passando de um pra outro. Aí começou crescer, fizemos uma igreja, [...] a Assembléia de Deus. Eu sei que aceitou muita gente, era uns cento e tanto crente, de jovens, de criança (V. C., 55 anos, Jaiteua de Cima, 2010).

Esta narrativa descreve como os pastores e missionários atuavam na propagação da “fé evangélica” no Amazonas. Eles iam de comunidade em comunidade, de cidade em cidade realizando cultos, batizando e distribuindo exemplares da Bíblia Sagrada sempre a bordo de um pequeno barco. Esse novo movimento religioso foi incorporado pelos moradores de Jaiteua de Cima, influenciando em suas vivências e práticas, assumindo uma nova identidade de natureza religiosa, antes não existente em seu meio.

Essa descrição deixa claro que mesmo com a vinda do pastor João Meira, as doutrinas, os costumes e as práticas referentes a este segmento religioso foram vividos e propagados

também pela família de um dos moradores mais antigos do local, o Sr. Valdemar. Sua família só aceitou fazer parte dessa igreja, ao serem evangelizados por um de seus parentes que morava em Manaus, vindo para Jaiteua para este objetivo. O trabalho missionário do cunhado do Sr. Valdemar, Raimundo Custódio, dava ênfase à crença no Espírito Santo, perdão dos pecados, leitura diária da Bíblia Sagrada, combatia os “valores mundanos”²⁶ e o catolicismo. Além disso, anunciava uma igreja salvadora.

Primeiro foi meu filho, meu filho caçula. Ele aceitou a Jesus, aí foi que o pai [não aceitou a decisão do filho] ficou meio assim, mas depois ele se conformou. Aí foi o tempo que ele adoeceu, apanhou derrame, ele andou mesmo pelo vale da morte. Ai os filhos fizeram um voto se ele ficasse bom ele aceitava a Jesus. Aí ele tava muito doente, levamos ele pra Manacapuru [...]. As irmãs foram orar um dia de tarde, elas perguntaram se ele queria fazer um pacto com Deus, ele disse que queria, aí ele aceitou Jesus. Eu inda não era, passou uns meses, aí teve um culto grande [da Assembléia de Deus] [...] fui lá numa das noites com os meninos [seus filhos], ai chegou a hora de aceitar a Jesus como meu Salvador, e graças a Deus tou feliz por isso. Agora todos os meus filhos, graças a Deus, são da igreja (F. A., 63 anos, Jaiteua de Cima, 2011).

Esta narrativa evidencia que o trabalho missionário entre parentes foi primordial para o crescimento da Igreja Assembléia de Deus na localidade. Através dos laços familiares, a igreja se fortaleceu, resistindo aos conflitos e permanecendo até os dias de hoje.

Com a conversão da família do Sr. Valdemar Custódio e a inclusão de novos adeptos nesta perspectiva religiosa, foi surgindo a necessidade de se construir um templo da referida Igreja Evangélica – prédio onde o ensinamento da Bíblia e a realização dos cultos evangélicos pudessem ocorrer –, bem como a formação de uma nova comunidade, em função dos novos símbolos e costumes religiosos inseridos no cotidiano desses moradores, os quais deveriam conduzir suas vidas em conformidade com o evangelho de Jesus Cristo.

Todavia, não foi tão fácil assim organizar a comunidade Assembléia de Deus. Os moradores que queriam estabelecer uma comunidade fundamentada nos princípios evangélicos, tiveram que enfrentar a resistência dos demais moradores (os católicos) que não concordavam com a criação de uma nova comunidade, uma vez que surgiriam novos líderes políticos e a comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro talvez deixasse de ser o único centro de referência junto a Prefeitura Municipal de Manacapuru.

Os novos evangélicos através de suas concepções religiosas, resistiram a esta tensão e organizaram a comunidade Assembléia de Deus em Jaiteua de Cima. Para Durkheim (1996)

²⁶ Termo bastante usado pelos evangélicos. Os valores mundanos são aqueles – bebida, festas, tipos de roupas, estilo musical, comportamentos – praticados pelas pessoas que ainda não comungam da fé evangélica.

quando as crenças religiosas são compartilhadas por um determinado grupo social temos o que o autor chama de igreja. “Uma igreja não é simplesmente uma confraria sacerdotal; é a comunidade moral formada por todos os crentes de uma mesma fé, tanto os fiéis como os sacerdotes” (p. 30).

É a comunidade moral que vai classificar o que é sagrado e profano, levando os adeptos da nova religião inserida na área de estudo a organizarem uma comunidade, onde pudessem seguir seus ritos e crenças, abandonando antigas atitudes consideradas agora como profanas. Sagrado e profano para Durkheim (1996) é uma construção social de acordo com a cultura, ou seja, é parte da dinâmica social. É uma realidade tensa, mas complementar.

Após um acordo entre a família Custódio e o Sr. Joel Batista – antigo fazendeiro no local – a parte de trás da comunidade, atualmente denominada de Assembléia de Deus Tradicional²⁷, passou a pertencer a este fazendeiro e os filhos do fundador da comunidade ficaram com as terras do lado da comunidade. Como as terras vendidas eram heranças da mulher de seu Valdemar, a terra adquirida passou a pertencer aos filhos da família fundadora.

O Sr. Joel Batista, ao tornar-se evangélico, sabendo da necessidade de se ter imediatamente uma Igreja Evangélica em Jaiteua de Cima, doou uma pequena parte de suas terras para a igreja. A igreja foi construída através dos recursos (ofertas e dízimos) e da força de trabalho dos moradores locais. Do lado esquerdo da comunidade está concentrada a família dos filhos do Sr. Valdemar e do lado direito demais famílias foram construindo suas casas ao redor da igreja.

Com a construção de uma congregação evangélica²⁸ na localidade, os moradores, adeptos do Pentecostalismo se desmembraram da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e fundaram a comunidade Assembléia de Deus, dividindo o território em duas comunidades com diferentes práticas religiosas. Para estes moradores, era necessário a organização desta comunidade onde pudessem compartilhar e viver em todas as esferas da comunidade os preceitos dessa igreja. Assim, ao redor da igreja formou-se um aglomerado de casas de “ribeirinhos evangélicos”.

Para Weber (1999), a religião é uma das fontes também causadora das mudanças sociais. Neste caso, os sujeitos da pesquisa ao adotarem novos parâmetros religiosos

²⁷ A comunidade e a igreja Assembléia de Deus foram transferidas para um novo território em 2000, ocupando o seu antigo espaço a comunidade e a igreja Assembléia de Deus Tradicional, daí as terras de Joel Batista estarem concentrada na comunidade Assembléia de Deus Tradicional, local onde sempre estiveram suas terras. Sobre essa mudança discutiremos no tópico 1.4 deste capítulo.

²⁸ Termo usado pelos moradores, o qual se refere a um prédio que congrega ou onde se reúnem os fiéis da Igreja Evangélica Assembléia de Deus.

romperam com a comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, provocando mudanças significativas em todas as esferas sociais da localidade.

Por conseguinte, hoje a história da igreja e da comunidade Assembléia de Deus é outra. Ambas passaram por mudanças radicais, ocasionando uma nova configuração no território de Jaiteua de Cima. No ano de 2000 a Convenção Estadual das Assembléias de Deus no Amazonas (CEADAM)²⁹ aderiu um novo projeto de evangelização, cujo objetivo visava alcançar mais fiéis e o crescimento da igreja no Estado.

No entanto, determinado grupo de pastores não concordaram com o projeto chamado “Visão Celular”, pois trazia novos costumes para a igreja, as quais não condiziam com as doutrinas seguidas durante os noventa anos de sua existência no Amazonas. Trata-se da inserção de uma nova liturgia na condução dos cultos; os grupos de crianças (antes chamado de departamento infantil), de jovens (mocidade) e de senhoras (círculo de oração) foram nomeados de redes; as mulheres estariam “livres” para usarem maquiagem e calça cumprida; e a evangelização passava a ser realizada através de células.

Tanto a igreja como a comunidade Assembléia de Deus foram afetadas por essa divisão entre pastores, acarretando a transferência do templo assembleiano para outro espaço do território de Jaiteua de Cima. Com a mudança, os fiéis resolveram organizar a comunidade onde atualmente está localizado o prédio da igreja.

A nossa denominação evangélica ela teve um problema com a Assembléia de Deus Tradicional, teve uma divisão. [...]. Nós éramos daquele lado onde é a Assembléia de Deus Tradicional [...]. Nós éramos de lá, ai nós passamos pra esse lado e nós deixamos o pessoal que não ficou do nosso lado e ficou do lado deles [da Assembléia de Deus Tradicional] [...] (V. A., 45 anos, Jaiteua de Cima, 2010).

O espaço cedido pela família Assis, que após difícil entendimento – alguns membros desta família não concordavam com a implantação da igreja no terreno por ser herança de família – cederam um pequeno terreno para a (re)construção da congregação (Figura 14). Assim, um novo presidente foi eleito; as expectativas destes sujeitos em relação à comunidade foram redimensionadas; a base eclesial da igreja foi reorganizada – do porteiro da igreja ao dirigente da congregação envolvia a família Assis –; suas relações sociais se modificaram;

²⁹ A Convenção tem a finalidade de administrar a parte espiritual e material da Igreja no Estado; autorizando ou consagrando novos obreiros, orientando pastores, definindo metas, administrando a criação de novos campos, mantendo o registro e o cadastro do obreiro, do campo e de todos os acontecimentos que ocorrem nas Igrejas no Estado. Hoje, em todo o Amazonas são mais de 890 pastores, 502 campos eclesialísticos e mais de 3000 templos, todos filiados e cadastrados na CEADAM (www.ieadam.com.br/ceadam/#).

e a família do seu Valdemar passou a não ter tanta importância na história de fundação da comunidade, prevalecendo nesse ínterim a família Assis.



Imagem 14 – Comunidade Assembléia de Deus.
Fonte: OLIVEIRA, 2011.

Hoje, a comunidade está organizada através de 22 famílias aproximadamente, sendo que parte de seus moradores moram em flutuantes localizados nos furos e nos igarapés da localidade. Sua infraestrutura é composta de uma Associação Comunitária, onde os associados (moradores) contribuem com uma mensalidade de R\$ 2,00 (dois reais) e suas reuniões são realizadas na congregação. A comunidade não possui escola. Os filhos dos moradores estudam nas escolas das comunidades Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e Santa Izabel.

Sua principal atividade econômica baseia-se, sobretudo na agricultura e na pesca de subsistência. As atividades de lazer são o futebol – mesmo com menor intensidade –, geralmente praticado no final de tarde, e eventos promovidos pela igreja, como sorteios de brindes, cujo dinheiro arrecadado vai para a tesouraria da igreja. No domingo pela manhã a igreja organiza brincadeiras para as crianças durante a Escola Bíblica Dominical.

A eleição para a escolha do “Presidente Comunitário” acontece de quatro em quatro anos. O atual Presidente é o Sr. Valdenir Assis. Ele está no cargo há sete anos, é “auxiliar do trabalho”³⁰ e líder do grupo de senhores na congregação evangélica.

³⁰ Homem que realiza as tarefas de tirar oferta, distribuir a Santa Ceia. Às vezes ele é o porteiro, pessoa incumbida de abrir e fechar a congregação e receber as pessoas (ALENCAR, 2000).

Um dos eventos mais importantes é a comemoração do aniversário da igreja no mês de Abril. Essa festa movimenta toda a comunidade. Meses antes da festa os grupos de senhoras, de jovens e de crianças ensaiam de dois a três hinos para serem cantados durante a festa. Os fiéis também se preocupam com a comida que será servida durante o dia do evento para pastores e demais irmãos³¹ convidados. Outro evento importante é o culto de celebração aos domingos, onde os fiéis se reúnem para se confraternizarem.

A igreja local está vinculada à Assembléia de Deus do Município de Manacapuru. A CEADAM dividiu os municípios em áreas para melhor administração. Cada Município é um centro de apoio, onde o pastor deste centro é chamado de “pastor-presidente”, responsável por administrar os “pastores-coordenadores” que estarão trabalhando nos locais onde estão instalados prédios da referida igreja. A igreja de Jaiteua de Cima faz parte da área Solimões três, administrada pelo pastor Zedequias da Silva, o qual é coordenado pelo pastor Antônio Alves – pastor presidente do centro de Manacapuru.

O “dirigente da congregação”³² – “líder religioso” – é o diácono³³ Valmir Assis, pessoa responsável na organização das celebrações da igreja durante a semana. A função do diácono é auxiliar o pastor, ou seja, o seu trabalho é o de supervisionar as atividades da igreja, bem como conduzir os membros da congregação, saber de suas necessidades materiais e espirituais. Suas tarefas devem ser cumpridas sob a autoridade do pastor-coordenador.

O quadro abaixo mostra como está organizado a hierarquia eclesiástica da igreja Assembléia de Deus em Jaiteua de Cima.

Quadro 03 – Base eclesial da igreja Evangélica Assembléia de Deus de Jaiteua de Cima.

Dirigente da Congregação	Valmir Assis
Diáconos	Valdenir Assis e outros
Pastor-Coordenador da Área Rio Solimões três (Jaiteua de Cima e Jaiteua de Baixo)	Zedequias Silva
Pastor-Presidente do Centro de Manacapuru	Antônio Alves

Fonte: OLIVEIRA, 2011.

O dirigente da congregação é o principal responsável pelas atividades eclesiásticas da igreja, por isso aparece como primeiro nome neste quadro, mesmo que esse cargo não tenha o

³¹ Termo de tratamento usado pelos evangélicos quando se referem ou se dirigem uns aos outros.

³² Pessoa selecionada pelos líderes da igreja Assembléia de Deus de Manacapuru para organizar e executar as atividades religiosas. Seu trabalho consiste em dirigir os cultos, visitar os membros, e a evangelização. São as mesmas funções de um pastor, no entanto como não há pastores para atenderem a demanda da igreja foi feita a seleção de diáconos para o cargo de dirigente.

³³ A palavra “diácono” é a tradução direta da palavra grega *diakonos*, que significa “servo” ou “ministro”. Na igreja Assembléia de Deus tem a mesma função pastoral de dirigir uma igreja.

mesmo reconhecimento como o cargo de pastor. Todavia, o dirigente assume a função de pastor pela ausência dos pastores responsáveis pela igreja local.

Em suma, a maioria dos moradores é fiel desta igreja, sendo que há uma relação de parentesco muito forte entre os mesmos. A família Assis é o grupo de parentesco que mais se destaca. O presidente da comunidade é também diácono e ajuda nas atividades eclesiais da congregação, é irmão do tesoureiro da igreja, sobrinho do porteiro, e assim por diante.

Todos os meses, pastores e dirigentes das congregações são responsáveis por um relatório, apresentando em números o crescimento e as atividades da igreja. Segue abaixo o relatório dos meses janeiro e fevereiro/2011 da igreja em Jaiteua de Cima:

Quadro 04 – Atividades realizadas pela igreja Assembléia de Deus de Jaiteua de Cima.

ATIVIDADES ECLESIASTICAS		
Decisões: 1	Batismo com Espírito Santo: 1	Reconciliações: 1
MEMBRESIA		
Diáconos: fem 4; masc 5	Infantil:46 crianças	Adolescentes: membros 9; congregados 13
Jovem: membros 10; congregados 13		Adultos: membros 38; congregados 17
Total: membros 57; congregados 38		
ATIVIDADES CONGREGACIONAIS		
Cultos públicos: 15		Cultos de oração: 11
Escola Dominical: 8		Crianças apresentadas: 2

Fonte: Igreja Evangélica Assembléia de Deus de Manacapuru/AM.

a) Atividades Eclesiásticas

Decisão: o quadro acima mostra que entre os meses de janeiro e fevereiro, a Igreja Assembléia de Deus de Jaiteua de Cima conseguiu agregar somente um indivíduo ao seu contexto religioso. Decisão ou conversão é a “experiência da salvação”. A conversão expressa principalmente a nova posição do convertido para com o mundo, ou seja, uma mudança radical de comportamentos e condutas.

É comum entre os assembleianos datarem o dia do seu encontro com Cristo ao o aceitarem como seu único salvador. Conforme Alencar (2000), esta é uma questão complexa

dentro da Soteriologia³⁴, porque a salvação embora tenha sido realizada, segundo os crentes, no momento da expiação realizada por Jesus na cruz, o dia da salvação se dá – também – no momento do encontro do pecador com seu salvador. Ou seja, a salvação já se realizou, mas se realiza para cada indivíduo que decide mudar de vida no “dia da decisão”.

Batismo com Espírito Santo: o relatório mostra que durante esses meses uma pessoa foi batizada com Espírito Santo. Salvação e Batismo com Espírito Santo são dois elementos complementares no Pentecostalismo. O Pentecostes não é apenas um evento histórico datado e fixo no passado. Ele pode e deve ser repetido fenomenologicamente em cada indivíduo, da mesma forma como a experiência da salvação, ou o “dia da decisão” (ALENCAR, 2000).

Meses após a conversão/decisão o “novo convertido” experimenta e testemunha sobre o seu batismo com o Espírito Santo. Ser batizado por meio da ação do Espírito Santo no Pentecostalismo é a confirmação de que a salvação foi realmente alcançada, que os pecados foram perdoados. Por isso, salvação e batismo com Espírito Santo são complementares, que consistem numa mistura de experiências a partir do momento que a pessoa decide ser evangélico/crente.

Reconciliação: é a volta do fiel que estava afastado dos parâmetros da igreja. Trata-se do processo pelo qual o “desviado” encontra-se separado de Deus. O fiel que opta em se afastar da igreja tem como consequência a interrupção da salvação. Ao arrepender-se a comunhão entre Deus e o mesmo é restaurada, isto é reconciliou-se com Deus.

Há teólogos que divergem sobre essa questão. Na teologia calvinista este conceito não existe. Aquele que uma vez foi salvo jamais se perderá. A salvação é algo tão profundo que o eleito jamais abandonará a vida cristã. Dessa forma, se os “salvos” e os “perdidos” já foram eleitos então não há reconciliação, uma vez que para a teologia calvinista a partir do momento que acontece a salvação, esta salvação é para sempre.

Já o Pentecostalismo refuta esta doutrina. O fiel é advertido sobre o pecado, tentações, mal, isto quer dizer que o indivíduo está sujeito ao erro ou ao pecado. Mas, alerta que é necessário resistir, orar, vigiar para que não se perca a salvação. A perda da salvação é a consequência dos pecados. “Vigiai e orai para que não entreis em tentação” (Mateus 26.41) para que não volte a praticar o mesmo comportamento anterior à sua conversão.

A decisão de uma pessoa e a reconciliação de um antigo membro que estava afastado é resultado do trabalho missionário da congregação local de Jaiteua de Cima. Para os fiéis, a decisão destes indivíduos em fazer parte do rol de membros da igreja em primeiro lugar

³⁴ É uma parte da Teologia Sistemática que estuda a doutrina da Salvação.

representa a voz do Espírito Santo convocando-os para virem para Deus por livre e espontânea vontade.

b) Membresia

O relatório divide a congregação entre *membros* e *congregados*. No que tange aos membros, são fiéis que passaram pelo ritual do Batismo nas Águas³⁵. Somente após esse ritual de passagem que o indivíduo é considerado membro efetivo da igreja, tendo o direito de participar da Ceia do Senhor ou Eucaristia. Tem acesso gratuito às cerimônias litúrgicas de: batismo; apresentação de crianças, cerimônia de matrimônio e atos fúnebres; receber orientação e assistência espiritual; participar dos cultos e demais atividades desenvolvidas; contribuir voluntariamente com bens materiais, para despesas gerais da congregação; participar de reuniões que discutem sobre o trabalho da igreja; ser nomeado para qualquer cargo.

Desse modo, os congregados são aqueles que fizeram sua confissão de fé, estão todos os dias na igreja, participando de suas atividades, mas não são batizados em águas, por isso não podem tomar o “vinho” e nem comer o pão durante a ceia. Em sua maioria, os congregados são crianças, adolescentes e os jovens.

Diaconisas: nota-se que na estrutura eclesiástica desta igreja há quatro mulheres que exercem a função de diaconisa, as quais sua função é análoga a do diácono. A igreja local selecionou estas mulheres que se destacaram no envolvimento das atividades religiosas. São mulheres que lideram o círculo de oração, o grupo de crianças, o grupo de jovens e cuidam da limpeza da congregação.

A consagração de mulheres ao diaconato na Assembléia de Deus é recente. Antes somente os homens compunham a hierarquia eclesiástica da igreja. É um avanço no reconhecimento de que as mulheres podem ajudar a igreja na propagação da “fé pentecostal”, mesmo ainda não havendo a consagração de mulheres como pastoras. Essa mudança advém desde o início deste século, antes a mulher na Assembléia de Deus era reconhecida somente como “mulher de oração”.

c) Atividades Eclesiásticas

Crianças apresentadas: A igreja Assembléia de Deus não costuma batizar crianças. A criança é levada até a congregação para ser apresentada a Deus através do pastor ou do dirigente da congregação. Através de uma oração a criança é dedicada a Deus, neste momento

³⁵ Batismo, palavra originada do grego *baptismō* (βαπτισμω) que significa “entrar em ou ser imerso”. Foi a doutrina pregada por João Batista descrita em Mateus 3.1-6; Marcos 1.1-6.

se pede sua bênção sobre ela. Dessa forma, durante esse período foi apresentado uma única criança na igreja.

Para esta igreja uma criança não é digna de ser batizada porque não fez uma declaração de fé consciente e firme por não entender o que é pecado, por isso não tem consciência de que é necessário se arrepender de seus erros para serem perdoados.

É um ritual simbólico em analogia a apresentação de Jesus no templo de Jerusalém. Oito dias após o seu nascimento, Jesus foi levado por seus pais para cumprir o ritual judaico, que impunha que todo primogênito deveria ser levado ao templo para ser oferecido a Deus.

Os cultos públicos³⁶ acontecem aos domingos no período noturno, a Escola Bíblica Dominical se realiza no período matutino e os cultos de oração são as principais atividades da igreja local. Os cultos de oração são também chamados de cultos de doutrina, onde os fiéis oram por um período e são ensinados sobre as doutrinas da igreja, fundamentadas na Bíblia Sagrada. Essa forma de culto acontece nos dias de terça e quinta-feira.

A reunião dominical é o momento em que faixas etárias são reunidas separadamente para um estudo bíblico com material didático preparado pelas Casas Publicadoras da Assembléia de Deus, CPAD.

Mas o que realmente contribuiu para a unidade doutrinária da AD foi a EBD – Escola Bíblica Dominical. Em todos os lugares em que a AD ia se formando também se estabelecia, dominicalmente, uma reunião de estudo bíblico para todos os membros. Ou seja, num dado domingo, em todo o Brasil, todos os membros desta nascente igreja estavam estudando o mesmo assunto, dentro da mesma visão. Nem a divisão da igreja em Ministérios lhe tirou esta unanimidade (ALENCAR, 2000, p. 159).

A chamada Escola Bíblica Dominical nada mais é do que a repetição material e literal dos textos bíblicos. Os assembleianos, conforme Alencar, desde o início tiveram a preocupação com o estudo da Bíblia, e esse estudo lhe propiciou uniformidade doutrinária.

Os dados deste relatório juntamente com minhas observações em campo revelam que mesmo com as mudanças nos parâmetros tradicionais da Assembléia de Deus, a igreja da comunidade de Jaiteua de Cima permanece realizando os cultos de oração durante a semana – substituído pelas redes –; a liturgia dos cultos permanece da mesma forma; os hinos da Harpa Cristã³⁷ ainda são prioridades no início das celebrações; nas manhãs de domingo os estudos da Escola Bíblica Dominical são realizados, substituída em muitos lugares pela escola de

³⁶ Descrição feita no terceiro capítulo desta dissertação (p. 118).

³⁷ É o hinário das Assembléias de Deus; contém 640 hinos de autores brasileiros e estrangeiros.

líderes; o ritual da Ceia do Senhor ainda acontece no primeiro domingo de cada mês; e as mulheres ainda possuem os cabelos cumpridos, as quais não deixaram de usar saias.

Ao observar a configuração do campo religioso de Jaiteua de Cima, percebi que tais rituais também são da mesma forma desempenhados pelos fiéis da Assembléia de Deus Tradicional. Diante desse cenário, minhas impressões mostram que a diferença entre os irmãos da Assembléia de Deus e da Assembléia de Deus Tradicional não estão nas suas práticas e crenças, mas no espaço onde estão localizadas em Jaiteua, determinando a divisão territorial dessa localidade. Isso não significa que não houve adesão ao novo sistema religioso da Assembléia de Deus, esclarecendo que não foi a inserção dos novos costumes que levou estes fiéis a permanecerem em sua respectiva igreja, mas na promoção de uma nova forma de ver o mundo, onde seus costumes e crenças são construídos, desconstruídos e reconstruídos, influenciando, assim na dinâmica da própria comunidade.

2.4 A nova conjuntura religiosa e suas implicações para formação de novas comunidades em Jaiteua de Cima

A chegada das igrejas católica e evangélica abriu espaço para a inserção de outras igrejas no campo religioso de Jaiteua de Cima, como a Assembléia de Deus Tradicional e a Pentecostal Unida do Brasil.

A Assembléia de Deus Tradicional, fundada no Estado do Amazonas, é fruto de divisão por questões doutrinárias. Alguns pastores não satisfeitos com a “visão celular”³⁸ optaram por organizar uma igreja que permanecesse seguindo os dogmas tradicionais propagados por Daniel Berg e Gunnar Vingren, quando fundaram em Belém do Pará a Igreja Evangélica Assembléia de Deus, em 1911. Daí o nome “Assembléia de Deus Tradicional”, fundada no dia 14 de outubro de 2000.

Essa divisão acarretou muitos conflitos, como a disputa pela infraestrutura que a Assembléia de Deus já tinha consolidado. Em Jaiteua de Cima não foi diferente, os fiéis que optaram ficar do lado da Assembléia de Deus Tradicional – os quais não aceitaram o projeto – resolveram lutar pelo templo onde antigamente congregavam como membros da Assembléia de Deus. Destarte, o senhor Joel Batista, que cedeu uma parte de suas terras para a

³⁸ A *visão celular* é um projeto da Igreja Evangélica Assembléia de Deus do Estado do Amazonas, que visa a multiplicação de seus membros. A evangelização é feita em grupos pequenos (células), formado por doze pessoas. Cada integrante do grupo deve ganhar mais doze pessoas, denominadas pela igreja de discípulos. Quando cada discípulo conquista doze pessoas, se forma uma nova célula, assim, doze ganha doze que deve ganhar mais doze e assim por diante. A implantação deste projeto alterou vários costumes da igreja como: vestimentas, ritmos, músicas, eventos, entre outros.

implantação da igreja Assembléia de Deus, preferiu ficar do lado dos Tradicionais, exigindo que o prédio ficasse para a Assembléia de Deus Tradicional, pois não havia como provar por meio de documentos que o terreno cedido pertencia a igreja Assembléia de Deus.

A terra da Assembléia de Deus que era lá, é do nosso amigo Joel Batista, ele não queria que esse pessoal da Assembléia de Deus ficasse mais em cima da terra dele. Na época dessa fundação tinha uma doação por palavra, não era com cartório, assinatura de alguma coisa, assim carimbada, então por palavras você sabe que a gente perde [...], então foi isso que aconteceu com a Assembléia de Deus e o Joel Batista, porque a terra era dele. [Joel Batista disse:] aí bem, vocês ficaram do outro lado, agora vocês ficam com o que é de vocês levam o que vocês querem e eu fico aqui em cima da terra que a terra é minha, e foi assim que aconteceu (V. A., 45 anos, Jaiteua de Cima, 2010).

Dessa forma, sem opção, os membros da Assembléia de Deus resolveram buscar um espaço na localidade onde pudessem novamente desenvolver as atividades dessa igreja, uma vez que durante esse conflito as celebrações foram suspensas.

A saída em definitivo da Assembléia de Deus para outro local acarretou também a saída de alguns moradores para outro lugar e os que não tinham pra onde ir tiveram que ficar, pois não puderam abandonar suas casas, por isso resolveram aderir ao sistema religioso da Assembléia de Deus Tradicional.



Imagem 15 – Igreja Assembléia de Deus Tradicional.
Fonte: OLIVEIRA, 2010.

Hoje, a Igreja Assembléia de Deus Tradicional está localizada onde a Igreja Assembléia de Deus foi fundada (Figura 15). Logo, os moradores da antiga comunidade Assembléia de Deus também resolveram mudar o nome da comunidade para o mesmo nome de sua nova igreja, que surgiu a partir das divergências entre fiéis que queriam continuar com os mesmos costumes em relação aqueles que queriam seguir um novo “projeto de vida”.

Surgiu uma divisão na igreja [...], então nós não aceitamos algumas coisas que sugiram dentro da igreja que a gente não tinha aquela prática, aqueles costumes, pra vir outros costumes diferentes nós não aceitamos, aí foi o caso da gente ficar aqui, e criamos a igreja aí. Eles tiraram a Assembléia, que tem ali, eles mudaram pra lá. A gente ficou aqui. Então, aí eu comecei a conversar com o pessoal [sobre a reorganização da comunidade]. Nas reuniões na prefeitura [de Manacapuru para as comunidades rurais] a gente começou tá por lá, deu pra gente receber alguns benefícios [...], aí conversamos com o pessoal, aí os irmãos por parte da igreja resolvemos formar nossa comunidade evangélica aqui que é melhor pra gente (V. C., 55 anos, Jaiteua de Cima, 2010).

Tal narrativa é muito ilustrativa, pois descreve o processo de criação de tal comunidade, resultado do desmembramento recente entre evangélicos da Igreja Evangélica Assembléia de Deus (IEADAM). Essa divisão como se viu estimulou tanto os fiéis da Assembléia de Deus, quanto os da Assembléia de Deus Tradicional a lutar pelos seus direitos, na medida em que ambos resolveram “reinventar” suas respectivas comunidades, num sentido não somente religioso como político.

A organização da comunidade Assembléia de Deus Tradicional e a reorganização da comunidade Assembléia de Deus fortaleceu politicamente os moradores dessas respectivas comunidades, mesmo em meio a tensões e contradições. Trata-se de grupos de interesses, onde também ocorrem disputas em busca de vantagens para o crescimento social e religioso da comunidade.

Outra Igreja presente no campo religioso de Jaiteua de Cima é a Pentecostal Unida do Brasil. Esta igreja está afiliada à Igreja Pentecostal Unida Internacional (IPUI)³⁹. A doutrina básica e fundamental desta organização é o padrão bíblico de salvação completa, o que significa o arrependimento. O batismo por imersão em água em nome do Senhor Jesus Cristo e o batismo do Espírito Santo com o sinal inicial para falar em outras línguas de acordo com a direção do Espírito.

³⁹ Em 1945, a Igreja Pentecostal Incorporada e as Assembléias Pentecostais de Jesus Cristo se fundiram e formaram a Igreja Pentecostal Unida. No Brasil a Igreja Pentecostal Unida teve início no ano de 1957 na cidade de Porto Alegre, sob a responsabilidade do missionário Samuel Baker, enviado pelo Departamento de Missões Internacionais, EUA (www.ipub.com.br).

A Igreja Pentecostal Unida do Brasil foi instituída no Amazonas em 1965. Em Jaiteua de Cima, é o segmento religioso da comunidade Santa Izabel. De acordo com as declarações, a comunidade se denomina Santa Izabel por causa de uma professora que atuava na escola do local, considerada como alguém muito querida por ter prestado bastante auxílio aos moradores. Coube a ela escolha do nome Santa Izabel, sendo que a escola local também recebeu o nome de Princesa Izabel, nome dado à comunidade e à escola como forma de emancipação política, social e territorial em tempos pretéritos.

A comunidade não adotou a Igreja Católica como igreja oficial. A Igreja que predomina no local é a Evangélica Pentecostal Unida do Brasil (Figura 16). Os moradores que organizaram essa comunidade eram moradores da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. No entanto, nunca houve celebrações católicas no lugar e os moradores jamais tiveram a pretensão de construir um prédio desta igreja na comunidade.

De acordo com informações, a comunidade foi consolidada depois da compra do terreno onde está concentrada. Esta legitimação se deu com a aquisição de recursos monetários de uma festa que se realizava todos os anos na comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Ação que partiu de um dos coordenadores da festa, proporcionando alteração entre os moradores. Os moradores de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro dizem que o terreno onde está a comunidade Santa Izabel deve este recurso aos mesmos, uma vez que nunca foi devolvido aos promotores da festa, os quais usavam tal recurso para investir na comunidade promotora do evento.



Imagem 16 – Igreja Pentecostal Unida do Brasil.
Fonte: pesquisa de campo, 2010.

Para Weber (2002), o fato de desejar valores sagrados (doutrina) que as religiões transmitem é fortemente influenciada pela natureza da situação de interesses externos. Isso significa que esses valores sempre determinados religiosamente são decisivos na medida em que uma racionalização ética predomina, no que tange à influência exercida. A religião é um fator muito forte entre estes sujeitos que acreditam piamente em seus princípios cristãos. Seus valores sagrados (doutrinas referentes a cada igreja concentrada no local), como Weber chama, regem sua vida social, cultural e política.

Portanto, são as igrejas (evangélica e católica) que delimitam a divisão territorial em Jaiteua de Cima. De acordo com os moradores, o principal motivo para a divisão foi à chegada das igrejas evangélicas no local, que influenciaram a mudança de religião.

Nesse campo religioso, existe um grupo especializado na produção dos bens religiosos. São “líderes religiosos”, conhecidos como obreiros, que coordenam as atividades religiosas de suas respectivas igrejas. São líderes que estudaram até o Ensino Fundamental. São agricultores e pescadores que à luz de suas interpretações bíblicas e de suas experiências com Deus através do Batismo com o Espírito Santo, das atividades religiosas que os mesmos promovem como congressos do Círculo de Oração, de senhores, aniversário de fundação de suas respectivas igrejas, campanha de oração, cultos evangelísticos, a festa da padroeira Nossa Senhora do Perpétuo Socorro entre outros, tentam manter e “atrair” os leigos à sua igreja.

Desse modo, os leigos (convertidos e não convertidos) neste campo religioso produzem excedente econômico que sustentam os “líderes religiosos” – grupo especializado – que, em troca, produzem o “sustento espiritual”. Aos leigos cabe transitar entre estes pólos de acordo com os bens ofertados, os quais tendem cada vez mais se adequar às demandas dos especialistas religiosos (BOURDIEU, 2009).

Neste sentido, em Jaiteua de Cima, existem pessoas que residem numa comunidade e fazem parte da associação, mas não são da igreja que representa o segmento religioso de sua comunidade, ou seja, congregam na igreja de outra comunidade. Atraídos pelos bens de salvação da igreja que conseguiu alcançar suas “necessidades espirituais”.

O fator religioso também é um elemento relevante para a interpretação das diferentes configurações territoriais das sociedades amazônicas. O campo religioso amazonense é organizado por um campo de forças em constantes transformações que precisa ser investigado por sociólogos, antropólogos e historiadores.

Assim, no próximo capítulo será sistematizada de forma mais clara a experiência individual e coletiva dos sujeitos da pesquisa. As mudanças causadas com a inserção da Igreja Evangélica na localidade, sob os motivos de fundação das comunidades, as relações

sociopolíticas e os tipos de líderes que coordenam a igreja e a comunidade através de um perfil religioso e político, caracterização que mostra como a religião é um sistema que permanece influenciando a vida das pessoas, sendo refúgio para os momentos difíceis da vida ribeirinha.

III CAPÍTULO

DIMENSÕES DA VIDA RELIGIOSA RIBEIRINHA

3 DIMENSÕES DA VIDA RELIGIOSA RIBEIRINHA

A partir de uma leitura histórica das comunidades Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e Assembléia de Deus, pretende-se neste capítulo verificar as mudanças ocorridas na localidade Jaiteua de Cima, uma vez que religião é um dos fatores que vem causando transformações no espaço territorial, na crença, nos comportamentos e nas decisões políticas. É uma análise sociológica comparando dois movimentos religiosos de suma relevância para a formação do campo religioso Amazônico: o Catolicismo e o Pentecostalismo. Assim, serão abordados os aspectos políticos que levaram os líderes fundadores a construir as igrejas que representam a fé do ribeirinho e a comunidade na qual está inserido, bem como a sua experiência individual e coletiva dentro destes movimentos. Por fim, focalizo a relação entre estas igrejas e as famílias locais, concluindo que as relações de poder permanecem através dos tipos de líderes que coordenam a comunidade e são influenciados pela igreja.

3.1 A religião como motivação para a experiência individual

A sociedade moderna, caracterizada pelo individualismo e pelo excesso de informação tem produzido transformações significativas na vida social. Nesse processo, a instituição igreja, em particular o Cristianismo, tem passado por muitas mudanças, enquadrando-se também nos moldes da sociedade moderna. Isso mostra que a religião é um fenômeno social que permanece influenciando os fundamentos da sociedade atual.

A crença de que a modernidade levaria a religião ao total declínio não foi observado ao longo de seu desenvolvimento, é claro que este fenômeno perdeu seu poder de persuasão sobre várias esferas sociais, mas manteve-se presente e atuante nas sociedades. Desse modo, foi necessário que o Cristianismo passasse por reformulações doutrinárias, sacramentais e litúrgicas que atendessem as necessidades individuais, culminando no surgimento de diferentes igrejas, as quais romperam com os dogmas do Catolicismo.

“Assim, como há uma secularização da sociedade e da cultura, também há uma secularização da consciência”. As igrejas “têm conseguido manter” sua posição social “por terem-se tornado elas próprias altamente secularizadas [...]” (BERGER, 2009, p. 118-121). A secularização é um processo em curso que perpassa tanto pela esfera social quanto pela consciência do indivíduo. A igreja por estar inserida em diferentes contextos sociais precisou acompanhar as mudanças sociais, e por não ser estática tem marcado a história das sociedades.

Neste processo secularizador, religião e indivíduo são dois fatores que não operam separados, existindo entre ambos uma forte ligação. As pessoas quando assumem sua religiosidade escolhem a igreja, conforme suas expectativas individuais, se identificando com aquela que corresponde aos seus anseios materiais e espirituais. A instituição igreja, então se debruça sobre os dilemas pessoais, harmonizando-os através das promessas messiânicas ou bíblicas.

Esta análise tem como ponto de partida a ideia de que “[...] não se deve considerar que o fator religioso opere isolado dos outros fatores, mas sim que ele se mantém numa contínua relação dialética com a [...] prática da vida social [...]” (idem, p. 123). Portanto, não há como construir um projeto de moral individual desligado da moral religiosa.

A análise de Weber (2004) mostra que a crença e a vida prática religiosa orientavam o comportamento de determinados indivíduos, influenciando no seu modo de vida e no seu modo de ser. Por meio de uma conduta ética, orientada por princípios religiosos, era possível no mundo da vida cumprir os deveres profissionais e manter uma relação direta com Deus. “[...] o único meio de viver que agrada a Deus não está em suplantiar a moralidade intramundana pela ascese monástica, mas sim, exclusivamente, em cumprir com os deveres intramundanos, tal como decorrem da posição do indivíduo na vida [...]” (p. 72). A influência do estilo de vida puritano no cumprimento dos deveres do mundo secular promoveu uma nova moral religiosa que atendeu os interesses econômicos da burguesia em ascensão. A redenção estava centrada na ideia de vocação, promovendo o desenvolvimento de uma vida religiosa e econômica mais racional.

Alcântara (2008) destaca outras causas da secularização na vida religiosa do homem moderno, como a possibilidade de uma interpretação pessoal dos textos sagrados; desencantamento dos indivíduos em relação às questões sagradas, onde a salvação poderia ser alcançada longe dos rituais religiosos. Isso não significa que a religião deixou de ser algo indispensável. O avanço tecnológico e científico em vez de proporcionar a solução de todos os males da sociedade mostrou-se incapaz de superar as contradições da convivência social, resultando em um “vazio moral” e não na solução do problema do sofrimento humano.

Weber (2002) faz referência quanto às promessas da razão e da ciência, mostrando ser pessimista a ponto de suspeitar dos iluministas que acreditavam que a ciência fosse fonte de salvação, que pudesse solucionar as dúvidas e os problemas da humanidade. Para este pensador esse tipo de racionalização levaria a modernidade a uma jaula de ferro, ou seja, a uma prisão.

É mediante o sistema religioso fundamentado nas incertezas da vida, as quais se tornam mais evidentes em momentos de crise – casamento, adolescência, enfermidade, fome, morte, entre outros – que os homens tentam conquistar ou dominar através da oração, dos cantos, das oferendas e dos sacrifícios. A área de seu universo simbólico que a ciência ou a tecnologia não conseguiram responder (MARCONI, 2001).

Dessa forma, a necessidade de encontrar respostas para o sofrimento levou os indivíduos a um novo reencontro, isto é, à uma reconciliação com o sagrado, originando assim, uma nova identidade religiosa onde o próprio indivíduo pode realizar rupturas em determinada religião. É nesta direção que Weber estuda a esfera religiosa, onde o indivíduo é capaz de formar atitudes ou rejeitar determinados estilos de vida ou criar novos. É o caso da ética protestante, como afirma a autora:

[...] rompia com diversos padrões do catolicismo medieval. Além de redirecionar a ascese, o protestantismo nega vários sacramentos, a devoção aos santos questionando seus milagres. Ao mesmo tempo em que diminui a quantidade de rituais, rejeita a prática de promessas e rezas tradicionais, estimulando a leitura e interpretação da Bíblia por todos. Era assim uma religião menos ritualista, mais intelectualizada, mais ética, menos encantada, menos “mágica” (MARIZ, 2010, p. 76).

Mudanças como estas foram decisivas para garantir que a instituição religiosa permanecesse influenciando o curso dos acontecimentos sociais, garantindo a sua perpetuação e expansão de seus dogmas. Devido os problemas humanos, os quais mudam conforme as transformações sociais, é na igreja que o homem religioso muitas vezes sente-se seguro, onde projeta seus problemas para uma ordem simbólica, tornando-se, portanto um lugar de refúgio para muitos.

Alguns recorrem às igrejas evangélicas, outros participam de novos segmentos do catolicismo, como é o caso dos carismáticos, ou ainda permanecem frequentando cultos fora do Cristianismo tradicional. Numa realidade em que as pessoas já não temem tanto em assumir suas preferências, o indivíduo se vê como alguém capaz de recriar suas crenças, de fazer suas montagens místicas, ou seja, a partir de seu inconsciente dar à sua religiosidade o recorte que melhor lhe aprouver (MELO, 2006, p. 14).

O indivíduo ao buscar a instituição religiosa com o intuito de amenizar seus conflitos pessoais e emocionais, é levado a adotar certos comportamentos ou atitudes que podem ajudá-lo a resolver seus problemas e a mudar sua vida, tornando-se referência também para outras pessoas. Weber (2002), destaca que em meio a tantas transformações advindas com a

modernidade, o protestantismo foi crucial para determinar condutas que passaram a ser vividas na vida prática de todos os dias, principalmente nos domínios da economia. Essa vivência ética e religiosa interveio na consolidação do capitalismo, uma vez que “a admissão a uma congregação era considerada como uma garantia absoluta de qualidades morais, especialmente as qualidades exigidas em questões de comércio” (p. 350). O pertencimento a uma igreja protestante simbolicamente apontava características de qualidades morais, que significavam pontualidade nos pagamentos e cumpridores do seu dever profissional. Portanto, características pertencentes a um *ethos* típico desses indivíduos.

Para Melo (2006), o que leva um indivíduo a recorrer a uma instituição religiosa na maioria dos casos, é o próprio problema individual, fruto de questões que perpassam pelas diversas esferas da sociedade. Segundo a autora, o problema é econômico, quando a angústia é causada pelo desemprego; é político, quando o sistema oficial de saúde não atende às expectativas, ou seja, a busca da cura está atrelada à vontade divina; é social, quando um grande contingente de fiéis se vê desamparado diante da ineficácia do Estado em minimizar as sombrias expectativas de vida a que está sujeita uma grande parcela da população.

O trabalho religioso então é moldado para que o indivíduo conquiste seus ideais através da orientação da igreja, cuja instituição passa a ter mais significado na vida dos mesmos quando os problemas são resolvidos e os sonhos alcançados. Sendo que esta conquista ao ser atribuída à igreja por ter sido a principal incentivadora, é uma forma também de manter seus membros.

Na região amazônica, segundo Melo (2006), a ideologia individualista, característica da sociedade ocidental, foi portadora de diversos fatores conflituosos enfrentados pelos nativos como o combate a existência da magia. A vivência com o sagrado de maneira plena, o mistério e o oculto conferido à religião pela prática ritualística consequentemente gerando no inconsciente dos mesmos a falta de referência no sentido espiritual.

Mas, até que ponto a secularização religiosa do ocidente afetou o universo mítico/religioso dos povos da Amazônia? Berger (2009, p. 120), chama a atenção de que “embora a secularização possa ser vista como um fenômeno global das sociedades modernas, sua distribuição [...] não é uniforme. Cada grupo da população tem sido atingido de modo diferente”.

A vida religiosa dos indivíduos que vivem nessa região está fundamentada em certo tipo de religiosidade que mistura tradições indígenas, europeias, africanas e eu diria

americana⁴⁰. Esse conjunto de crenças criou uma realidade dotada de significados que dá sentido à vida local. Trata-se de um universo conquistado, reconstruído e mantido por este povo por terem sobrevivido aos ataques dos colonizadores e à imposição religiosa dos mesmos. Fato recorrente em toda a sociedade brasileira em função da vinda de várias nações durante a colonização.

Melo (2006) afirma que através dos conflitos, pressão da instituição religiosa e dos próprios colonizadores que os moradores locais individualmente adotaram seus representantes do sagrado na terra. Sendo que, aos poucos, entre massacres e destribalizações, a integração do negro – este, em menor escala – e do branco na cultura amazônica, criou-se o indivíduo deste espaço. Cada um se reconhecendo como tal e fazendo suas próprias escolhas místicas ou religiosas, daí a diversidade desta cultura, observada tanto na cidade quanto ao longo dos rios.

A vida religiosa da população que habita a localidade Jaiteua de Cima é um universo de significados e práticas. É um sistema que também influencia para mudanças dentro desta própria sociedade. Através da religião, os ribeirinhos constroem sua própria realidade, isto quer dizer que estes sujeitos não reproduziram simplesmente os costumes religiosos trazidos com a inserção da igreja cristã em sua sociedade, mas desenvolveram o seu próprio modo de serem católicos ou evangélicos.

Neste sentido, a igreja é um elemento de identificação, reconhecendo-os como católicos apostólicos romanos ou pentecostais tradicionais⁴¹. Isto está implícito no nome atribuído às comunidades selecionadas para este estudo e nos comportamentos, em função da prática religiosa adotada pelos moradores. Cada grupo religioso possui sua especificidade, e ao seu modo justifica a si mesmo e repugna o “outro” a partir de seus valores cristãos. Tem-se, mesmo que não aparente, uma relação conflitante entre católicos e evangélicos. Dessa

⁴⁰ Vimos no primeiro capítulo que as concepções da Missão Metodista na Amazônia se fundamenta na ideologia do “destino manifesto”, onde os Estados Unidos aparece como paradigma de uma sociedade perfeita, escolhida por Deus, com a importante missão de levar ao mundo o seu modo de vida. Os primeiros missionários protestantes que vieram para a Amazônia, os quais eram metodistas, julgavam ser povo de Deus para estabelecer o Cristianismo no mundo todo (OLIVEIRA, 2010; VILHENA, 2008). Outra influência religiosa americana é o Pentecostalismo, o qual surgiu em Los Angeles no início do século XX; o viés pentecostal negro norte-americano foi trazido para a Amazônia pelos missionários suecos – Daniel Berg e Gunnar Vingren – de tradição batista, os quais conheceram esse movimento religioso quando foram morar nos Estados Unidos (ALENCAR, 2000). É óbvio que o Pentecostalismo, proveniente dos Estados Unidos não pode ser igualado ao Pentecostalismo brasileiro, pois este foi direcionado para atender uma nova e diferente demanda de pessoas. É a partir destas informações que afirmamos que a cultura americana tem sua parcela de contribuição na formação deste campo religioso, através dos primeiros missionários da igreja Metodista e da igreja Evangélica Assembléia de Deus, que trouxeram outros costumes e uma nova visão de mundo.

⁴¹ O termo católico apostólico romano dá ênfase a uma igreja universal (católico), fundamentada nas doutrinas dos apóstolos (apostólica), organizada quando o imperador romano Constantino se converteu ao Cristianismo. Pentecostal tradicional ou clássico, se refere às igrejas que iniciaram esse movimento religioso no Brasil (Congregação Cristã do Brasil, 1910; Igreja Evangélica Assembléia de Deus, 1911), conhecido também como “Pentecostalismo Clássico”, que abrange o período de 1910 a 1950.

forma, a atividade religiosa ou missionária de cada uma destas igrejas tem como finalidade criar condições simbólicas e materiais para que sua mensagem influencie e estructure diferentes contextos sociais.

A compreensão de Weber (2004) sustenta que através da religião os indivíduos adotam certos tipos de conduta racional, determinando seus comportamentos que passam ser vividos cotidianamente. Essa moral torna-se um conjunto de normas, princípios ou maneiras de pensar que guiam as ações de um grupo em particular, sendo que é através desse conjunto de preceitos que o homem tende a se realizar. Weber reconhece a autonomia das ações do homem religioso, por entender a ação social como objeto de investigação sociológica, por isso afirma que para entender o mundo religioso é necessário investigar especificamente as ações do homem religioso.

Melo (2006), destaca que as ações ou práticas religiosas do “homem amazônico” não se extinguíram mesmo com os problemas sociais advindos com a modernização, ao contrário mostram-se mais viva do que nunca. Há ainda a procura pelo templo, pela busca do “alimento” que reafirma a fé. O deslocamento de casa à igreja é importante para reafirmar seu pertencimento à crença, porém o sentido desta procura adquiriu outras conotações.

Quando não há presença dos líderes religiosos responsáveis pelas atividades eclesiais da igreja, os fiéis mantem a leitura diária da Bíblia Sagrada, dos cultos, das rezas, das novenas, dos festejos realizados muitas vezes em suas residências ou na própria igreja ,que acaba sendo coordenada pelos mesmos. Esse é o caso das populações ribeirinhas que vivem na área rural da Amazônia. Em Jaiteua de Cima, antes da vinda dos primeiros missionários evangélicos e da construção de uma pequena capela, cada família era devota de um determinado santo, os que mais se destacavam, devido o tamanho das festas realizadas em sua homenagem, eram São Tomé, Santa Luzia, Nossa Senhora Sant’Ana, São Sebastião, São Raimundo, Imaculada Conceição de Maria.

[...] aqui na minha casa, no tempo da minha sogra, ela festejava Nossa Senhora Sant’Ana. Era todo ano, dia 25 de julho. Era uma festa muito grande, eram de três a quatro dias de festa. [...]. Ela [sogra] fazia novena de semana em semana, todo o tempo era assim. Consideravam muito Nossa Senhora Sant’Ana. Ela tinha muitos santos: [Santa Luzia, Sant’Ana e] São Tomé [...]. É em dezembro dia de São Tomé [...]. No tempo da festa [de São Tomé], todo mundo juntava tudo quanto era alimento, traziam pra cá desde tapioca [...]. E quando era no dia mesmo, ai traziam pirarucu, era tambaqui, era toda qualidade de peixe. E tinham as pessoas pra fazer as coisas com gosto. Saco de farinha era ai mesmo. Todo mundo comia a hora que queria. E comia fruta, tomava café e comiam tudo o que havia. Passava o dia, ai de noite todo mundo ia orar, tinha novena e iam até àquela hora orando e

cantando ao redor do santo. Quando terminava dessa cantoria, daí todo mundo ia dançar na frente do santo [...] até amanhecer o dia [...]. Era muito bonito (M. F. O., 78 anos, Jaiteua de Cima, 2011).

A narrativa acima descreve a devoção a Nossa Senhora Sant'Ana e São Tomé, cultuados em momentos de grandes festas, promovidas pelos moradores que os devotavam. Estes e outros santos pertenciam a determinados moradores, no entanto eram venerados por todos os católicos de Jaiteua de Cima, durante o festejo em sua homenagem. Além disso, todos cooperavam através da doação de alimentos, da disposição em ajudar gratuitamente na preparação das comidas, bem como com a organização da festa em geral. Antes de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro tornar-se padroeira local, era comum os moradores organizarem festas em honra aos seus santos de devoção em suas próprias residências.

Uma das moradoras mais antigas, a senhora Sebastiana, mais conhecida como dona Sabá, guarda com muito apreço o quadro de Santa Luzia e a imagem de São Tomé, os quais pertenciam a sua avó, a qual era a sogra de dona Martinha. A senhora Martinha ao tornar-se evangélica, entregou o quadro e a imagem de São Tomé para dona Sabá, os quais já tinham sido doados para a mesma, antes da morte de sua avó. O quadro de Santa Luzia, pelo tempo, está em processo de deterioração, já a imagem de São Tomé, feito de madeira, perdeu vários acessórios que o compunham, como roupa e coroa, queimados devido a um incêndio na casa desta moradora (Figura 17).



Imagem 17 – Moradora, e os seus santos de devoção (Santa Luzia e São Tomé).

Fonte: OLIVEIRA, 2011.

Observei durante a conversa que tive com dona Sabá, o cuidado da mesma em manter viva essa tradição, de comemorar o dia de São Tomé. Para ela há uma ligação tão forte entre São Tomé e sua avó, recorrendo a ele ao fazer-lhe uma promessa em razão das circunstâncias que sua família e toda a comunidade estavam passando.

Esse voto que eu fiz foi porque em um ano, eu tinha só um filho ainda, deu uma peste aqui nesse lugar, uma peste na roça [...]. Aí eu disse vou fazer um voto com São Tomé e se ele fizer não morrer mais as roças, porque a gente tava passando uma crise, que o pessoal por onde já tinham arrancado (a mandioca), o pessoal pediam pra ir catar aqueles pés que ficavam. Ah meu Deus! [...] Aí eu fiz esse voto que se parasse [a peste e] todo o ano eu mandava dirigir um culto pra ele, em louvor dele [...]. Desde lá não deu mais essa crise, graças a Deus. Aí o voto que eu fiz era que todo o ano, enquanto estivesse com vida, eu mandaria dirigir um culto. E todo o ano eu mando dirigir (S. L., 64 anos, Jaiteua de Cima, 2011).

Por está passando por uma fase difícil, em relação às suas plantações, esta senhora fez essa promessa, dando continuidade à tradição de comemorar o dia deste santo que sua avó já festejava. É uma festa que permanece viva, que mobiliza a família desta senhora, mesmo com as dificuldades que ela já enfrentou para realizá-la – por exemplo, momentos de doenças.

As comemorações em homenagem a São Tomé é a única festa que permaneceu, antes de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro ser devotada por toda a comunidade. Desse modo, os demais moradores pagam suas promessas, levantam o mastro, participam de procissão, entre outros rituais que são praticados em coletividade, somente quando é comemorado o dia da padroeira local ou na festa de São Tomé. Isso não significa que eles não tenham o seu santo de devoção, no entanto não o festejam como dona Sabá.

Ao iniciar esta pesquisa, não pude presenciar os dias de festa em comemoração ao dia de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, que tanto os moradores falavam, devido à Igreja estar fechada aproximadamente há dois anos. Como a igreja foi erguida nas terras do fazendeiro que incentivou a sua construção, a comunidade não possui nenhum tipo de documento que lhes dá direito sobre o lugar. Essa situação deu margem à esposa deste fazendeiro, que após um longo período sem aparecer na comunidade, ao retornar exigiu seus direitos sobre as terras onde era a fazenda de sua família. Sem acordo entre esta senhora e os moradores, a mesma resolveu fechar a igreja, quebrando a imagem da padroeira, mudando as janelas e portas da igreja para que ninguém pudesse entrar. A igreja está abandonada e deteriorada, pois alguns moradores tentaram entrar na igreja, quebrando os vidros e as portas, impedindo o seu fechamento.

Para terem acesso novamente à capela, os moradores estão esperando que aquelas terras legalmente pertençam à comunidade, através da ação da justiça, intermediada pelo ex-prefeito, Jamil Seffair, já que a igreja foi construída na época em que ele foi prefeito de Manacapuru. Os moradores o procuraram, o qual se dispôs em ajudar, no entanto não sabem de uma previsão definida de quando poderão retomar as atividades da igreja.

Diante desta situação, resolvi investigar de que forma os moradores de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro mantêm os sacramentos ou os rituais da Igreja católica, pois não existe a presença de padres nessa localidade, eram os moradores que se responsabilizavam em promover as missas semanais na pequena capela, e sem a imagem da padroeira e com a igreja fechada pensei que seria mais difícil permanecerem praticando tais rituais.

Essa igreja tá fechada aí, nós não tivemos mais missa aí. Já tem ano. Aí cada qual faz nas suas casas mesmo, cada qual sabe de suas obrigações. Mais nunca mais nos reunimos. Ninguém ligou mais para isso, então foi o jeito cada qual fazer nas suas casas. Mas, estamos pelejando, pois tem gente pedindo que aconteça [novamente as missas na igreja] (R. F., 68 anos, Jaiteua de Cima, 2011).

A igreja tá fechada, não teve mais missa. Hoje nós estamos parados, a gente às vezes se reúne, assim entre três, quatro [pessoas] ali na casa da dona Sebastiana. Ou então são os filhos, as filhas que estão na casa da gente mesmo lendo (a Bíblia), estão cantando, cada qual faz na sua casa mesmo. Até porque a gente pede mesmo quando vai se abrir esta igreja, a gente precisa ir pra a igreja. [...]. A Igreja católica representa na minha vida por ser uma religião que nunca me desamparou em nada (B. S., 58 anos, Jaiteua de Cima, 2011).

A primeira referência de que a tradição católica permanece influenciando as relações socioreligiosas destes sujeitos, são os mecanismos que cada família ou cada morador criou para cumprirem suas “obrigações” em relação ao sagrado, evidenciando certo comprometimento com a igreja e com Deus. De maneira muito particular cada indivíduo exerce sua espiritualidade, conceitos fundados na própria experiência religiosa, o que torna essa forma de religiosidade peculiar a esta cultura. Esses mecanismos estão distribuídos na devoção aos santos, daí a reunião na casa de dona Sabá por obter o quadro de Santa Luzia e a imagem de São Tomé, bem como as orações de terço em casa, o acender de velas ao redor da igreja e a entrega do dizimo na paróquia de Manacapuru, pois “ainda tem uns que ainda pagam o dizimo, os católicos pagam em Manacapuru, que nem ali o tio Mundinho, toda vez que ele recebe [aposentadoria] ele vai lá deixar, a mulher dele também” (B. S., 58 anos, Jaiteua de Cima, 2011).

Segundo, Maués (1995) é comum entre as populações que vivem na área rural da Amazônia se prestar culto particular, nas residências, onde sempre existe ao menos uma estampa de santo. Em algumas casas existem oratórios com várias imagens, diante delas as pessoas fazem suas orações. Essa maneira de ser católico, mostra que é mais importante orar diante das imagens de seus santos particulares do que ir às igrejas assistir às missas ou outras cerimônias públicas, patrocinadas pelos sacerdotes ou pelas diretorias de festividades.

Os donos desses santos costumam rezar diante deles, oferecendo-lhes velas, flores e fitas coloridas. Esses santos são para uso privado e seus donos se mostram muito orgulhosos da quantidade de santos que possuem em suas casas, desejando frequentemente aumentar o seu número. [...] há também determinados santos que, embora pertencendo a donos particulares, assumem uma importância especial, por se tornarem mais milagrosos, ou por serem usados em festas comunitárias (idem, p. 173).

Individualmente estes sujeitos cultuam seus santos, sem o controle sacerdotal da instituição religiosa que dizem pertencer. Em casa fazem suas orações, cantam, rezam o terço, fazem promessas e até mesmo celebram em momentos de festividade seus santos.

Dada às especificidades da realidade religiosa da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, observamos também que esse cenário promoveu novas tensões internas entre os líderes que coordenam a comunidade e demais moradores. Os moradores dizem que falta interesse do presidente comunitário para a organização das missas, das orações ou das novenas durante a semana, e por não tomar imediatamente uma decisão para a abertura da igreja, pois da mesma forma como foi fechada poderia também ser reaberta.

Em contrapartida outro aspecto analisado destaca o recorte religioso que o morador de Jaiteua de Cima dá à sua religiosidade que está fundamentado no Pentecostalismo. Mas, de que forma essa modalidade religiosa se estabeleceu neste espaço, modificando a maneira como estes ribeirinhos se relacionavam com o sagrado?

Alencar (2000) esclarece que no Pentecostalismo “o exercício do “falar em línguas estranhas”, o permitir que qualquer um (analfabeto, negro ou mulher) tivesse sua própria Bíblia e a ensinasse, pregasse ou desse testemunho público, [...]” era algo novo para uma sociedade que tinha acesso ao sagrado através da mediação de outros elementos religiosos – como os santos e o próprio padre. Foi “exatamente a “mensagem libertária popular” de receber todos indistintamente, dando-lhes a oportunidade de falar de sua “experiência”, que encantou/converteu as pessoas” (p. 41).

O Pentecostalismo conduziu seus seguidores para um mundo contemplativo e pessoal, onde a adoração e a salvação são mediadas pelo próprio indivíduo, numa relação que envolve somente Deus e o “convertido”. Além disso, tornar-se evangélico/crente inclui arrependimento e conversão, processo que determina um novo estilo de vida que se opõe à vida de outrora.

A inserção da igreja Assembléia de Deus em Jaiteua de Cima não foi fácil, teve de enfrentar principalmente os dogmas do Catolicismo. A luta entre católicos e evangélicos modificou as estruturas sociais deste campo religioso, ressignificando o lugar com a criação de mais uma comunidade – Assembléia de Deus –, bem como o surgimento de novas motivações religiosas.

Essa luta “reside no *monopólio do exercício legítimo do poder de modificar em bases duradouras e em profundidade a prática e a visão do mundo dos leigos*, impondo-lhes e inculcando-lhes um *habitus religioso* particular [...]” (BOURDIEU, 2009, p. 88-90). A mensagem profética da igreja evangélica foi capaz de modificar a conduta de vida e a visão de mundo dos moradores locais, perpetuando-se neste campo religioso através de uma ação transformadora, imposição e inculcação de novas experiências religiosas ou *habitus religioso*.

Uma das mudanças mais evidentes está relacionada às festas de devoção. Os moradores afirmam que um dos motivos de não haver mais este tipo de festividade, realizada praticamente por todas as famílias da localidade, foi a conversão ao Pentecostalismo. O senhor Napoleão antes de tornar-se evangélico festejava Imaculada Conceição de Maria, no dia oito de dezembro. Segundo alguns informantes, antigos moradores, a festa que este senhor promovia era de tamanha proporção que vinham pessoas de outros lugares para participarem das atividades durante o festejo.

A apropriação dos princípios religiosos da Igreja Evangélica Assembléia de Deus acarretou, de certa forma, o rompimento com o universo tradicional do catolicismo. A pertença pentecostal dividiu Jaiteua de Cima em dois grupos, onde o grupo católico “vive em um mundo no qual o sagrado é mediado por uma série de canais – os sacramentos da Igreja, a intercessão dos santos, a erupção recorrente de “sobrenatural” em milagres – uma vasta continuidade de ser entre o que se vê e o que não se vê”. O grupo evangélico se relaciona “com o sagrado ao canal, excessivamente estreito [...]”, acentuando com bastante propriedade através da Bíblia uma única divindade, o Deus que se movia em favor do povo de Israel (BERGER, 2009, p. 124).

Os novos “crentes” passavam a levar consigo a fé pentecostal e sua Bíblia. A igreja Assembléia de Deus conferia aos novos fiéis outros valores e um novo sentido para sua vida e

uma nova experiência religiosa – como a prática dos cultos nos lares, o jejum, a oração, a leitura diária da Bíblia, entre outros. Para os ribeirinhos, adeptos do Pentecostalismo, somente a fé poderia lhes garantir a salvação⁴², no entanto a redenção é alcançada por um caminho difícil e estreito, devido à negação dos prazeres que o mundo profano oferece. Isto é, na busca da salvação, os fiéis precisam resistir às tentações, rejeitar o mundo e obedecer aos mandamentos divinos.

[...] o crente surge, muitas vezes, como modelo de procedimento correto e adequado, enquanto o católico não se comporta com o respeito devido, preocupando-se mais com a diversão e a bebida alcoólica do que os atos de culto e devoção. As duas categorias privada e liberta expressam bem a concepção [...] a respeito das duas religiões (MAUÉS, 1995, p. 169).

Os “crentes” devem adotar uma postura de rejeição e afastamento do mundo, perspectiva que evidencia uma relação direta com Deus, por ser o seu corpo templo do Espírito Santo (I Cor 6. 19). Neste sentido, é necessário evitar os prazeres mundanos, pois é nesse corpo que antes praticava tais atos pecaminosos que Deus habitará.

Novaes (2001) define o evangélico pentecostal em oposição ao católico. “Ser crente” significa [...] abandonar devoção aos santos, interromper ciclos de promessas e, em contrapartida, sentir-se “escolhido por Deus” (p. 51). Para Maués (1995) o Catolicismo popular, praticado na Amazônia, não tem restrições, isso permite o comportamento folgado das pessoas no cotidiano e quando festejam seus santos. Além das rezas, ladainhas, missas, e procissão não podem faltar a festa dançante, brigas, namoros, bebidas e tudo mais que compõe uma festa de santo. É uma religião que não adota um estilo de vida rígido. Diante dos novos princípios religiosos os novos crentes de Jaiteua de Cima, se viam “obrigados” a condenar a devoção e as festas que comemoravam o dia da padroeira local e outros costumes católicos desta sociedade.

[Os crentes] falavam todo tempo que isso aí era errado [a devoção a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro] [...]. Eu fico na minha [religião], eu não sei ler nem escrever, mas eu sei que nós não estamos errados, errado estão vocês, porque numa parte eles não adotam santo, porque nós somos santo, porque Deus quer que todos nós sejamos santos como Ele é, mas nós não podemos porque somos pecadores. Aí então, não quiseram aceitar isso. Eles falavam contra a Igreja católica porque a pessoa fuma, bebe, dança, joga bola e outras coisas assim, então não se pode praticar isso aí. Mas, tem muitos que falam

⁴² O verbo salvar – *sozo*, no original grego – é encontrado 111 vezes no Novo Testamento, e o substantivo salvação – *soteria* – 45 vezes.

[os católicos] que jogar bola não é pecado e beber você pode evitar, fumar também. (R. F., 68 anos, Jaiteua de Cima, 2011).

Vejamos outra narrativa que evidencia a resistência de alguns moradores que não queriam se tornar evangélicos por causa do combate de algumas práticas que para os mesmos era lazer e diversão.

Da minha família primeiro quem aceitou foi eu, meu irmão [...], e uma irmã, nós três aceitamos. E a mamãe e o papai nada ainda e nem os outros [integrantes da família]. Aí eles se revoltavam com a gente porque o papai gostava de bola, de andar nas festas. Mas, nós fomos levando devagarzinho, até que graças a Deus foi passando de um para o outro (V. C., 55 anos, Jaiteua de Cima, 2010).

Os ribeirinhos recém-convertidos ostentavam uma renovação de vida e conduta que contrastava com as práticas religiosas católicas, o que não deixava de impressionar outros indivíduos. Seus esforços para comunicar a sua nova fé aos parentes e vizinhos se direcionava na orientação da conduta individual, condenando-lhes os vícios, como o álcool e o fumo. Além destes esforços, procuravam inculcar outras restrições quanto aos usos e costumes, lazer, festas, música e casamento. Todos estavam imbuídos do dever de propagar o “Evangelho Pentecostal” aqueles que não o conheciam. Responsabilidade fundamentada na passagem bíblica “Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura” (Mat. 16. 15).

Eu sempre ia apreciar e escutar o que eles falavam [os crentes], eu mesmo tive aquela vontade [de se converter]. Eu bebia muito com os companheiros, aí foi que eu abandonei. Quando o pastor me chamou eu disse antes do senhor pedir eu já estava pedindo. Hoje era o dia eu disse pra ele e não estou arrependido e ainda estou até aqui. Depois que fui pra igreja eu fui porteiro, mas o pastor viu que não tava bom porque eu fui casado primeiro no católico. Então exigiram muito, aí eu casei no civil. [...] (Hoje) eu quero ver todos os meus filhos no Evangelho (V. M., 89 anos, Jaiteua de Cima, 2010).

A ideia de um contato direto com Deus, produziu no pentecostal de Jaiteua de Cima, alguém que tem um relacionamento diferenciado, cuja experiência com Deus é única e intransferível, ou seja, segundo a crença foi o próprio Deus que chamou seu Valdemar à conversão e não o pastor quando estava ministrando seu sermão. Segundo Alencar (2000) é a experiência do fiel que legitima a regra teológica da igreja Assembléia de Deus e não o contrário, na tradição pentecostal, a conversão é individual, e a mudança de vida também, a qual servirá de exemplo para outras pessoas que são alvos da evangelização.

A secularização multiplica os universos religiosos. Dessa forma, a secularização e a diversidade religiosa estão associadas diretamente a um mesmo processo histórico, possibilitando que as sociedades existissem e funcionassem sem precisar estar fundadas sobre um único princípio religioso organizador (STEIL, 2001). Esse processo afetou diretamente o campo religioso brasileiro, onde novos movimentos religiosos surgiram, aumentando a concorrência entre novas e antigas igrejas pentecostais. De modo geral, as Assembléias de Deus no Brasil “[...] mostram-se mais flexíveis e dispostas a acompanhar certas mudanças que estão se processando no movimento pentecostal [...]” (MARIANO, 2010, p. 30). Diante deste contexto, a igreja Assembléia de Deus do Estado do Amazonas teve de acompanhar as transformações do campo religioso que está inserida, tentando ajustar-se às novas demandas.

Através da inserção da “visão celular” como um dos projetos de evangelização, determinados costumes assembleianos foram literalmente modificados. Os evangélicos de Jaiteua de Cima não ficaram imunes às discussões acerca deste projeto, contudo observei que os mesmos permanecem nos mesmos princípios que sustentam a primeira onda pentecostal.

A estratégia da Igreja Assembléia de Deus em adotar este projeto de evangelização visava a promoção de seu crescimento, já que outras igrejas na cidade de Manaus estavam crescendo por abraçar este e outros modelos de discipulado. A visão celular era incompatível ao sistema tradicional desta igreja, todavia para que o novo sistema fosse implantado necessitou passar por um período difícil de transição. As consequências foram irrevogáveis, como a saída de muitos membros e de alguns pastores que optaram em permanecer na prática dos mesmos costumes.

Associado à visão celular a Igreja Assembléia de Deus aderiu determinados costumes antes combatidos e uma nova teologia, mesmo que superficialmente: a teologia da prosperidade. A Igreja e a comunidade Assembléia de Deus em Jaiteua de Cima também enfrentaram as consequências da implantação deste projeto, no entanto

esse trabalho em célula aqui não é desenvolvido, a Assembléia de Deus nesse local mantém a tradição. Os irmãos são bastantes conservadores, aquele pessoal vamos dizer assim que mantém as tradições. Aqui eu encontrei um povo que mantém a tradição, então eu posso definir assim. A questão da nova visão como chamam ainda não chegou aqui. Aqui permanece como antes (Diácono R. S., 26 anos, Jaiteua de Cima, 2011).

Quando o entrevistado acima afirma que os fiéis mantêm as tradições, não está dizendo que no interior desta instituição conservam da mesma forma todos os elementos instituídos desde quando a mensagem evangélica foi implantada na localidade, mas está

enfatizando que a identidade assembleiana como antes era conhecida permanece neste local, pois ainda é possível ter este olhar. Este comportamento é justificado pela busca de afirmação da identidade de ser crente diante dos católicos locais. Esta narrativa revela que esta religião ainda oferece bases sólidas para permanecerem dentro dos mesmos aspectos da doutrina cristã assembleiana. São aspectos incorporados nas trajetórias pessoais e na vivência espiritual, ou seja, a história da Assembléia de Deus faz parte da história deste povo.

À primeira vista pode parecer que a igreja local parou no tempo, do ponto de vista das mudanças ocorridas, pois a organização litúrgica dos cultos, dos sermões, dos louvores, dos usos e costumes se comparada com outras Assembléias de Deus que já adotaram o sistema da visão celular – nesse caso, a cidade onde este projeto está mais consolidado.

Hoje dentro das Assembléia de Deus, eu falo isso com temor à Deus, hoje o que a gente tem visto é um povo que pula, um povo que grita, um povo que parece que tá num estádio de futebol, mas um povo vazio, sem a presença de Deus. Um povo que não sabe nem como adorar a Deus (Diácono R. S., 26 anos, Jaiteua de Cima, 2011).

Neste sentido, o que mudou foi a forma e as estratégias de conquistar fiéis. Mudança que pode ser vista na forma como as pessoas adoram a Deus nos cultos. Se compararmos a igreja Assembléia de Deus em Jaiteua com a de Manaus é notável a diferença, no que tange a liturgia dos cultos, nos tipos de roupa, louvores, evangelização.

Para Alencar (2000, p. 37) a Igreja Assembléia de Deus “se pluralizou, se modificou e hoje, com exceção da doutrina da contemporaneidade dos dons do Espírito Santo, não tem quase nada que lembre a antiga igreja. Foi alterada, fundamentalmente, por demandas sociais”. A observação deste estudioso destaca que as estruturas eclesiais estão sujeitas à mudanças ou a conservação de acordo com as aspirações das demandas sociais.

Diante disso, posso afirmar que a Igreja Assembléia de Deus de Jaiteua de Cima ainda é uma igreja homogênea, coesa, arraigada aos seus antigos princípios, em virtude de estar inserida dentro de um grupo tradicional que tem o interesse de conservá-la. Sua estrutura eclesial se formou por meio de ribeirinhos leigos que se mostram resistentes às mudanças advindas com o projeto “Visão Celular”. Contudo, é importante frisar que esta postura pode mudar quando esta “demanda social” sentir que é preciso atuar em sua sociedade de acordo com as necessidades do grupo e das novas gerações.

Destarte, o sentimento religioso do ribeirinho está intimamente ligado com as especificidades do lugar onde vivem, estes conseguem apreender a revelação de Deus na natureza, em sua sociedade e no interior de cada um. Busca-se a ajuda de Deus através da

promessa ou do voto e das orações quando suas plantações não dão fruto, quando passam por alguma tempestade no rio, quando estão doentes, no período de escassez durante a seca e cheia. Esta população guarda laços profundos com o tempo, com a família e com a igreja. A religião existe na particularidade de cada indivíduo, cuja tradição católica e evangélica continua atuando, conforme a subjetividade de cada pessoa.

Independente da relação que católicos e evangélicos têm com o sagrado, foi relevante observar o olhar que o ribeirinho de Jaiteua de Cima tem sobre sua religiosidade/espiritualidade. “Uns bastante conscientes, outros nem tanto. O que importa é que, de maneira [...] pessoal, [...] íntima, cada um exerce esta espiritualidade seja dentro dos cânones da Igreja oficial ou não, tenha respaldo por parte das autoridades eclesiásticas ou não. A busca pelo apoio espiritual, pela explicação dos fatos julgados inexplicáveis [...], sejam vistos e analisados pelo conjunto que constituem” (MELO, 2006, p. 18).

3.2 A vivência religiosa na coletividade

A religião é uma manifestação coletiva, é parte da vida de um povo. É um dos sistemas que compõe o *ethos* de um grupo social, definindo seu caráter, seu estilo de agir e suas disposições morais e estéticas (GEERTZ, 1978). “Enquanto cultura, envolve não só as crenças mas também as condutas”. A conduta religiosa é um dos sistemas que estruturam a vida coletiva, pois ela indica como o indivíduo deve se comportar no interior da sociedade (MACEDO, 1991, p. 11).

As características, apontadas no tópico acima, sobre o recorte que o ribeirinho dá a sua vida religiosa estão atreladas à vida coletiva da comunidade, pois a religião é tomada como verdade primeira, que abrange a existência individual e social. O sagrado é alvo desse investimento individual, fato expresso na imagem de um Deus benfeitor, protetor que garante recompensa pela vida de retidão durante sua existência na terra; na reza do terço e na devoção de um santo protetor. No entanto, compartilha de seus problemas com o grupo, ou seja, sua fé também é fortalecida na coletividade. Há uma comunicação permanente entre estes dois mundos.

Segundo, Berger (2009, p. 17-24) “o homem não pode ser concebido como algo em si mesmo, numa esfera fechada de interioridade [...]. O ser humano é exteriorizante por essência [...]”. A tese bergeriana sustenta que o homem por ser um animal social vive em coletividade, o que “significa compartilhar com outros de um mundo particular de objetividades”.

“É trabalhando juntos que os homens fabricam instrumentos, inventam línguas, aderem a valores, concebem instituições, e assim por diante” (idem, p. 20). O uso desta tese no campo religioso faculta perceber que o homem religioso cria, recria e exprime sua fé, através de ações que estão fundamentadas nos cumprimentos, no modo de falar, nos costumes, nos interesses, entre outros. Trata-se de um sistema de símbolos, os quais são compreendidos e compartilhados com outros indivíduos.

Durkheim (1996) enfatiza que a religião é um sistema de crenças e práticas relacionadas às coisas sagradas, tendo por finalidade unir em uma mesma comunidade moral todos aqueles que decidem fazer parte dela, pressupondo que a religião é algo eminentemente coletivo. Além disso, a busca por uma razão nos princípios éticos e morais da religião é fundamental para sustentar as relações, condutas e representações da vida cotidiana, isto quer dizer que a religião cumpre uma função social em favor do “corpo social”.

Em se tratando de um campo religioso específico tanto o Catolicismo como o Pentecostalismo se desenvolveram a partir de uma perspectiva comunitária em Jaiteua de Cima, onde as práticas e os saberes relacionados a cada um destes movimentos constituem formas particulares de expressão que refletem a orientação religiosa do ribeirão. É na vida prática de todos os dias que é possível notar essa influência, isso está relacionado ao fato de pertencerem a um grupo com o qual compartilham pensamentos, sentimentos e valores comuns e próprios a formas particulares de vida.

São representações que estão imbricadas na vida social através de gestos e expressões – como o Compadre, o A Paz do Senhor, o Irmão –, recriando referenciais de sentido para a existência social dos indivíduos que a ela pertencem como membros (DURKHEIM, 1996). Essa compreensão ajuda-nos, a saber, como a religião molda comportamentos, gerando certa identificação entre os fiéis.

No interior da Comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, o compadrio é um tipo de reconhecimento entre os moradores, derivado de votos de compromisso realizado pela Igreja Católica. A relação de compadrio é observada por Corrêa (2008), como uma relação que se dá, por um lado, entre pais e padrinhos e por outro lado, entre padrinhos e afilhados, ritual que obedece a direitos e deveres definidos pela igreja, firmando “[...] assim, um dos vínculos mais significativos para a vida da família” (p. 110).

Através do batismo realizado pela Igreja Católica se multiplicam os laços de parentesco, haja vista que laços de solidariedade entre padrinhos e afilhados e entre compadres propicia meios de socialização, gera vínculos de cumplicidade entre as famílias. No ato do batismo, a figura do padrinho representa uma espécie de “pai espiritual”,

assumindo o papel de representante da criança na cerimônia, seu guardião e protetor, desfrutando de uma posição de respeito e prestígio junto à família do batizando.

Como o batismo na igreja é a principal maneira de se estabelecer os laços de compadrio, até certo momento da pesquisa não foi possível perceber se os moradores o mantinham, pois os mesmos não demonstravam ter este tipo de relação social. A existência de compadres e comadres só foi possível percebê-los entre os moradores mais antigos, citados somente quando falaram sobre suas relações de trabalho, e sobre a história do lugar.

Há estudos (WAGLEY, 1988; GALVÃO, 1976; CORRÊA, 2008) que evidenciaram a questão do compadrio, onde o batismo era o único sacramento respeitado por estar associado às relações de poder. As pessoas mais importantes sempre eram convidadas para serem padrinhos ou madrinhas, vínculos estabelecidos para a vida toda. Esta rede de relação social está bastante fragmentada na região desta pesquisa, não desapareceu totalmente, todavia existem outras formas de manutenção das relações sociopolíticas.

Sendo, o batismo a única maneira reconhecida pelos moradores para o estabelecimento dos laços de compadrio, este ritual há algum tempo não é realizado, devido à falta de padres, os quais são considerados como os únicos responsáveis para batizar as crianças; o fechamento da igreja; a não realização da festa da padroeira, principal momento que acontecia o batismo. Todos esses problemas relacionados à Igreja católica, segundo os moradores, estão vinculados à distância da paróquia de Caapiranga que deveria coordenar as atividades no lugar.

Tá muito difícil pra nós. O padre disse pra nós que: Caapiranga não tem condições de ajudar vocês lá, porque não existe trabalho lá. E não tem mesmo. Porque que vocês não trazem de lá pra cá? E pode? Pode sim senhor pertencer a Manacapuru (R. F., 68 anos, Jaiteua de Cima, 2011).

Existe um sentimento muito forte dos moradores de quererem estar na igreja, conforme o morador citado, a própria paróquia de Caapiranga deixou claro que a mesma não pode ajudá-los com as atividades no lugar, uma vez que a igreja está fechada e sem previsão para ser reaberta. A única saída, enfatizada pelo morador, é a igreja local ser vinculada à paróquia de Manacapuru. Mas, essa mudança ainda vai ser discutida com a comunidade, com as paróquias de Manacapuru e Caapiranga e com a Prelazia de Coari.

Esta observação foi feita para evidenciar uma situação que vem revelando a perda de espaço da Igreja católica na área rural da Amazônia. Abrindo caminho para a substituição do catolicismo popular pela linha pentecostal. Neste sentido, este campo religioso vem sendo ocupado pela atuação permanente das igrejas evangélicas. Isso é um indicativo importante das

transformações que estão ocorrendo no campo religioso da Amazônia rural, uma vez que os moradores do rural são mais católicos dos que estão no urbano, onde são as próprias famílias que se mobilizam na organização das celebrações católicas.

Em Jaietua de Cima a igreja evangélica tem crescido e com as dificuldades que os católicos estão enfrentando, pode-se dizer que a relação entre “irmãos em Cristo” ou “irmãos na fé”⁴³ está promovendo outra forma de relação social. Com a adesão de um novo estilo de vida, os ribeirinhos recém-convertidos são automaticamente reconhecidos como “irmãos”, pois com a pertença pentecostal são imediatamente assim nomeados, assumindo determinado lugar social em um grupo que crê e se comporta de modos definidos. O uso do termo irmão entre os próprios fiéis simboliza que são “irmão na fé”, criando uma rede de sociabilidade que transcende o meio evangélico.

Trata-se de experiências coletivas, socialmente construídas e organizadas. [...]. As práticas religiosas [...] expressam e reforçam a solidariedade de cada grupo, tornando todos os seus membros conscientes da lealdade entre si. O sentimento religioso serve, por assim dizer, para acimentar a união do grupo [...] (MACEDO, 1991, p. 22).

A experiência da conversão apesar de ser individual entre os evangélicos é reconhecida por todos os fiéis. É nesse momento que o sentimento do grupo pode ser vislumbrado ao expressarem que são filhos de Deus, portanto, quando eles se encontram tratam o outro como “irmão”, pois todos fazem parte de uma mesma família, a igreja. Essa prática, como afirma Macedo (1991), reforça os laços de solidariedade entre ambos.

Laços que se tornaram ainda mais fortes através do evangelismo entre parentes, convertendo famílias inteiras, transformando-se também em irmãos na fé. Parente evangeliza parente através de um apelo religioso nos lares, ou seja, a divulgação de novos comportamentos aos familiares que os levarão à conversão. Neste sentido, constatei que por darem valor à vida em família os evangélicos estimulem que se procure um cônjuge entre as pessoas que comungam dos mesmos princípios religiosos, isto é o casamento deve ser entre os irmãos na fé – os quais se tornam parente na prática somente pela filiação matrimonial.

“Ter um parente que não é membro, mas o pai, a mãe, então o tio é, de alguma forma é influenciado porque tem alguém na família que é crente” (Diácono R. S., 26 anos, 09 dez. 2011). Isto quer dizer, que a expansão do Pentecostalismo nesta região dá-se por meio das famílias locais, uma vez convertido algum integrante do núcleo familiar os demais aos poucos

⁴³ Jargão evangélico, termos típicos do mundo evangélico.

hão de compartilhar da mesma religião. É “mais uma rede de sociabilidade, a “comunidade de irmãos” para a ajuda mútua”. O que “não significa romper com a família e a vizinhança, que na prática constituem as redes mais imediatas de grande importância como clientela para [...] evangelização” (NOVAES, 2001, p. 51).

Na história da constituição da comunidade Assembléia de Deus destacam-se duas famílias – os Custódios e os Assis – que se destacam como o “pulmão da comunidade”. A partir delas se deu não só o crescimento da comunidade, como também a expansão da igreja evangélica. Ao ser constituído este grupo inicial, parte da população local converteu-se. No entanto, este não é o único mecanismo de evangelização, a fé Pentecostal também é estendida aos amigos, vizinhos, compadres, e às pessoas que passam pela comunidade.

Outra relação social se destaca pelo uso do termo “A Paz do Senhor”⁴⁴ pelos irmãos não é somente um simples cumprimento entre os membros da igreja Assembléia de Deus, evidencia reconhecimento, companheirismo, reciprocidade, concórdia, harmonia, relacionamento e fraternidade. Dizer “A Paz do Senhor” entre os ribeirinhos é uma ação carregada de sentido, de significado, promotora de relação social, uma vez que esta saudação/cumprimento é uma referência que indica reciprocidade entre os moradores locais. Mas, o caráter recíproco da relação social não significa uma atuação do mesmo tipo por parte de cada um dos agentes envolvidos, apenas quer dizer que uns e outros partilham a compreensão do sentido das ações, todos sabem do que se trata (WEBER, 1999), é o caso dos evangélicos que estão na cidade, estes se cumprimentam usando este termo, no entanto a interação entre os mesmos é diferente, posto que muito destes não se conhecem, e o encontro entre estes evangélicos se dá na maioria das vezes somente quando vão à igreja.

Uma relação social pode ter um caráter inteiramente transitório, bem como implicar permanência, isto é, que exista a probabilidade de *repetição* contínua de um comportamento correspondente ao sentido (considerado como tal e, por isso, esperado). [...]. O conteúdo do sentido de uma relação social pode ser *combinado* por anuência recíproca. [...]. Podem ser observados na ação social, regularidades de fato, isto é, o curso de uma ação repete-se sempre com o mesmo agente ou é comum entre muitos agentes, com *sentido* tipicamente homogêneo (WEBER, 1999, p. 17).

A relação social é determinada pelos efeitos que pode causar ao outro, mas isso só acontece quando a ação tem algum sentido. E quando os envolvidos atribuem importância na

⁴⁴ O vocábulo surge primeiramente no Antigo Testamento, *shālôn*, que significa algo completo, saúde, bem estar. É utilizado quando alguém deseja o bem-estar de outrem, podendo também designar prosperidade material ou espiritual. No texto, ela está associada com a retidão e com a verdade, mas nunca com a impiedade. Demais textos bíblicos que fundamentam esta saudação: João 14.27; I Coríntios 1.3; Efésios 6.23.

ação pode-se observar a promoção de um relacionamento entre os agentes da ação. Weber (1999) compreende que para haver uma ação social é necessário que haja relação social, que nada mais é do que uma relação entre várias pessoas. O processo de interação entre os indivíduos gera significados partilhados é o que este estudioso chama de ação social.

Essa leitura possibilita focar como ocorre a relação entre os ribeirinhos a partir de uma das representações do mundo evangélico. A tradição evangélica sempre ensinou que aqueles que compartilham de uma mesma fé devem se cumprimentar, todavia não existe qualquer diretriz na Bíblia que aponte uma forma verbal correta, ou seja, não existe nas Escrituras Sagradas “A Paz do Senhor” como forma de cumprimento.

Nesse caso, a frase pode ser até considerada uma repetição sem significado. Mas, é usada como um modo de identificar o verdadeiro fiel. E o fiel ao ser reconhecido como tal se expressa da mesma forma, daí o uso deste termo ter sentido e promover relação social dentro de um determinado grupo, estendida também muitas vezes àqueles que não são evangélicos. Por exemplo, algumas vezes fui abordada pelos moradores da comunidade Assembléia de Deus com este cumprimento quando nos encontrávamos no porto de Manacapuru, ou no barco de linha que ia para as comunidades e até mesmo quando eu realizava as entrevistas e andava pelas comunidades.

Dessa forma, suponho que esta saudação deve ter seu fundamento em Lucas 10.5-6: “Na casa onde entrares, dizei primeiro: Paz seja nesta casa. E se ali houver algum filho de paz, repousará sobre ele a vossa paz; e se não, a paz voltará para vós”. A palavra *paz* se refere à salvação e bênção, seu significado vai além do que uma saudação amigável. A *casa* representa as pessoas que ali moram e não a construção. A expressão *filho de paz* refere-se a um cristão, pois se não houvesse fé e algum cristão, a bênção seria ineficaz.

É interessante observar que essa saudação consiste em afirmar o que foi recebido (salvação e paz) entre aqueles que também já fizeram sua confissão de fé. Mesmo que a salvação seja individual deve ser levada a todos, sendo reconhecida por outros que já receberam, ligando o grupo nesse ideal, num mesmo sentimento religioso. Por meio dessa expressão sabe-se que a pessoa é evangélica, ou seja, que ela compartilha de uma mesma fé, de uma mesma conduta religiosa. Essa expressão identifica, em tese, o morador da comunidade Assembléia de Deus, isto é o grupo social e religioso que o mesmo está inserido.

Tais práticas “não são apenas admitidas, a título individual, por todos os membros dessa coletividade, mas são próprias do grupo e fazem sua unidade”. É nestas práticas “que está a fonte da religiosidade”, pois aproximam os indivíduos, tornando o contato entre eles ainda mais forte (DURKHEIM, 1996, p. 28-210). A crença religiosa que norteia a vida do

ribeirinho tem uma relação significativa com a vida prática, pois não se manifesta apenas na subjetividade, aparece na linguagem cotidiana, nos cultos, na educação, na família, na ênfase doutrinal, e nas tomadas de decisões, procedimentos que são vividos e partilhados com seus semelhantes.

Não se trata apenas de dizer que estas práticas religiosas mantêm os laços de solidariedade nas comunidades de Jaiteua de Cima, mas é mostrar que são os próprios ribeirinhos que atribuem sentido a estas práticas, daí elas promoverem esta aproximação entre os mesmos. Tais práticas não podem ser encaradas como mecânicas, mas como promotoras de relações sociais, são convicções religiosas refletidas em seu comportamento social, onde “[...] a aproximação de um certo número de homens associados numa mesma vida tem por efeito liberar energias novas que transformam cada um deles. [...]” (DURKHEIM, 1996, p. 226-227).

Durkheim, então sinaliza para a produção de um estado de efervescência coletiva, momento de muito prazer, emoção e alegria. O sociólogo aponta as emoções criadas quando as pessoas se juntam. Tal efervescência só pode ser produzida no aglutinar das pessoas, cujo sentimento é produzido pela vida grupal. O grau de satisfação e alegria que os fiéis da igreja Assembléia de Deus sentem durante e após o culto os fortalecem para o retorno no dia seguinte às suas atividades corriqueiras. Ao deixarem a igreja sentem-se renovados, fortalecidos e suas relações comunais mais estreitas.

É comum no domingo o ribeirinho que é evangélico deixar seu sítio, sua roça, seus animais e a pescaria para estar junto com seus “irmãos em Cristo” na Escola Bíblica Dominical e no culto de celebração, mesmo com as dificuldades enfrentadas durante o período da seca e da cheia para chegar até o lugar do culto. “No período de seca é muito difícil. Então no período da seca há um certo afastamento das pessoas, mas tem uns que tão vindo. Nesse mês quando a água tá chegando, graças a Deus os irmãos tão vindo” (Díaco R. S., 26 anos, Jaiteua de Cima, 2011).

Estes ribeirinhos são capazes de remar uma ou mais horas todos os domingos para se dirigirem até a casa de oração evangélica. De onde vem todo este fervor? Diria Durkheim (1996) de uma força moral que desperta um sentimento que liga o fiel ao seu culto, pois este participa do culto cantando, pregando, “glorificando”. Resumindo, pode-se dizer que o culto é uma reunião dedicada à adoração e ao louvor a Deus mediante o canto e testemunhos pessoais dos fiéis. É uma ocasião para falar com Deus por meio da oração e de ouvir a Deus pela exposição da Bíblia Sagrada; de estar em comunhão com Deus e com os demais fiéis. O culto é um misto de emoções que incluem louvor, confissão do pecado,

choro, testemunho, milagres, oração, e gestos. A presença de igrejas pentecostais com seus cultos e festividades próprios é uma das formas de religiosidade que também permeia o universo sagrado e profano do ribeirão.

Entre os moradores da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro existe um forte sentimento em relação às missas que eram realizadas dentro da igreja, logo a abertura da igreja é primordial, pois as impressões sentidas durante as reuniões da Igreja Católica deixaram marcas na vida destes moradores que se organizavam para que durante a semana as atividades da referida igreja acontecessem de acordo com suas expectativas.

Através destes encontros o mutirão e a pescaria eram acertados, bem como o momento de rever parentes e vizinhos que moram distantes do centro da comunidade. Na igreja também aconteciam as reuniões mais importante da Associação de Moradores, palestras, aulas, entre outros. Hoje estes moradores por sentirem a necessidade de irem à igreja, muitas vezes vão à igreja evangélica participar dos cultos da igreja Assembléia de Deus.

De fato, quem quer que tenha praticado uma religião sabe bem que é o culto que suscita essas impressões de alegria, de paz interior, de serenidade, de entusiasmo, que são para o fiel, como a prova experimental de suas crenças. O culto não é simplesmente um sistema de signos pelos quais a fé se traduz exteriormente, é o conjunto pelos quais ela se cria e se recria periodicamente (DURKHEIM, 1996, p. 460).

Neste sentido, Durkheim sinaliza para os fortes laços entre religião e festas, ou, se preferirmos os seus termos, as estreitas ligações entre os ritos representativos e as recreações coletivas. Saraiva & Silva (1997) ao estudarem o espaço das festas de santo em comunidades ribeirinhas compreendem que as atividades realizadas durante a festa constituem momentos onde o espaço ganha contornos diferentes, esse momento está ligado à fé e devoção que está presente no festejo, sendo resultado da cultura e do modo de vida dessas populações.

Para os evangélicos existem dois tipos de culto, o particular e o coletivo/público. O culto particular é feito em casa, entre os familiares ou individualmente, onde se estuda a Bíblia. O público é a reunião de todos os fiéis num lugar chamado de congregação ou casa de oração⁴⁵; o lugar do culto é considerado sagrado, pois é onde se busca ter comunhão com Deus.

São nos momentos das celebrações que os moradores fortificam ainda mais seus laços de vizinhança, de compadrio e de parentesco. E no interior da igreja após os cultos ou das missas que os moradores organizam o puximum, convidam um companheiro para a pescaria,

⁴⁵ É uma “igreja-filha”, ligada financeira e administrativa a igreja sede, localizada em Manacapuru.

ou para a construção de uma casa de um novo morador, organizam as eleições para o presidente comunitário.

“Sobre este enfoque, a religião consiste na solidariedade de expressão e na crença coletiva, maneira de fortalecer os laços sociais” através das crenças e dos rituais (MARCONI, 2001, p. 173). As manifestações mais visíveis das crenças religiosas no cotidiano das pessoas são os rituais. Isto quer dizer que o rito é o mito em ação. É a consagração do “pensamento religioso” no meio social. São os dogmas que estabelecem entre os religiosos suas ações, ou seja, seus rituais (comportamento) na vida coletiva (MACEDO, 1991).

Os ritos podem ser encarados como cerimônias, formalidades ou como diria Durkheim (1996) “modos de ação determinados” ou “maneiras de agir”. Dessa forma, só se pode definir o rito após ter definido a crença, pois esta precede o rito, isto é, o ritual é o estabelecimento da crença. Agir no dia a dia por meio de comportamentos estabelecidos por uma religião formaliza e marca dogmas e rituais na vida social de um grupo ou de um indivíduo.

Van Gennep (1978) mostra que os ritos assumem um significado importante. As formas de comportamento ritual, portanto, são variadas e estabelecem sempre um significado. Para cada comportamento religioso existe um significado latente em sua conduta. Neste sentido, a religião não está relacionada somente a um sistema de crenças, mas em ações que orienta modos de conduta a partir do sistema religioso que o indivíduo se enquadra.

Para Durkheim (1996) os cultos podem ser um exemplo desta influência que a religião tem na vida das pessoas, na medida em que constitui um conjunto de símbolos que traduzem a fé e que fazem com que ela se recrie constantemente. Assim, faremos alusão ao culto público dos evangélicos e a festa de São Tomé por serem momentos de efervescência coletiva motivada pela crença que representa as comunidades Nossa Senhora do Perpetuo Socorro e Assembléia de Deus.

3.2.1 O culto evangélico

Na comunidade evangélica participei do culto de domingo que inicia às 19:00 horas e se estende até às 21:00 horas. Este encontro é chamado de “culto de celebração”, que consiste na transmissão da Palavra de Deus através dos textos bíblicos às famílias e às pessoas não evangélicas que poderão estar no culto, é também um momento de adoração, de celebração á Deus.

O culto inicia com oração, depois há os louvores⁴⁶, momento em que os fiéis cantam as músicas da Harpa Cristã – são melodias que falam da relação entre Deus e o indivíduo, salvação, fé, pecado – que dura aproximadamente meia hora. Em seguida o diácono escolhido para ler a Bíblia juntamente com os membros que estão presentes, faz menção de alguns versículos dos Evangelhos, fazendo a oração de agradecimento pela leitura da Palavra de Deus. Logo após, os visitantes são apresentados e cumprimentados pela igreja em geral. O visitante⁴⁷ é alguém importante, pois este pode ser uma pessoa que ainda não se converteu, e pode ser motivado durante o culto para tal acontecimento.

O momento das ofertas⁴⁸ constitui parte importante do culto. Canta-se um hino enquanto os fiéis dizem e ofertam. Esta parte do culto é considerada momento em que se devolve a Deus tudo o que Ele tem dado, como a família, a saúde, o alimento, o trabalho, a vida, o descanso, a força e a paz. O ato de dizer e ofertar já são um tipo de rito no contexto evangélico, ao depositar o dízimo ou a oferta na igreja se está depositando confiança e esperança de que o sustento do fiel vem de Deus.

Após o louvor, durante as ofertas – o qual pode ser cantado por algum fiel ou pelos grupos: “Círculo de Oração”, grupo de Jovens, dos Senhores e Crianças –, são cantados mais três hinos que levam os fiéis a um grande entusiasmo emocional (choros, gritos de Aleluia e Glória a Deus), os hinos também são acompanhados com palmas e outros gestos. Nesse momento, as pessoas compartilham atitudes, ou seja, quando alguém começa a alterar a voz, imediatamente outra pessoa passa a falar em língua estranha⁴⁹, outro grupo repete aleluias e amém várias vezes. O dirigente da igreja que coordena a liturgia do culto incentiva estas demonstrações de fé ao longo desta celebração.

A igreja evangélica local usufrui de equipamentos musicais que tornam os hinos ainda mais impactantes, como guitarra, contra-baixo, bateria, caixas de som, microfones e pandeiro (Figura 18).

⁴⁶ É um termo que no hebraico está relacionado às palavras *Halal*, *Yadha* e *Zamar*; e significam alegria manifestada diante de Deus, de diversas formas através de cantos, gestos e instrumentos.

⁴⁷ São as pessoas que pertencem ou não a esta igreja.

⁴⁸ Momento do culto em que os membros fazem suas doações financeiras que podem ser ofertas (doação esporádica) e dízimos (10% dos salários) (ALENCAR, 2000).

⁴⁹ Glossolalia, falar em línguas estranhas como resultado do batismo com o Espírito Santo (ALENCAR, 2000).



Imagem 18 – Equipamentos musicais, da igreja Evangélica Assembléia de Deus.
Fonte: OLIVEIRA, 2011.

Segundo Novaes (2001, p. 43), de maneira geral, “os pentecostais se expressam religiosamente através das palmas, do falar em línguas estranhas (glossolalia), dos rumorosos louvores e evocação e dos peculiares movimentos corporais dos exorcismos. Os “testemunhos” são muito importantes em seus cultos”. Esse é o momento em que os fiéis compartilham de suas bênçãos e tribulações⁵⁰, afirmando a vitória sobre a luta, que consiste na solução encontrada para os problemas pessoais: a superação da dificuldade encontrada durante o cultivo de suas plantações, a tempestade vencida durante a pescaria, o nascimento de um filho, doenças, morte, a conquista de algum equipamento que os ajudará no trabalho. Nesse momento é exaltado o poder que a fé tem sobre a vida das pessoas, afirmando que quem confia em Deus não precisa ter preocupações com alimentação, saúde, dinheiro, porque tudo isso é dado por Deus. A única condição imposta é a constante obediência aos mandamentos da Bíblia e tudo o que acontece na vida dos fiéis é porque Deus permite (doenças, morte, nascimento, prosperidade).

Finalmente, é chegado o momento do sermão/pregação. Parte central do culto onde alguns textos bíblicos são interpretados. Aquele que a expõe é considerado o porta-voz da mensagem, que irá suprir alguma necessidade humana. Observa-se que o mensageiro, a partir da leitura de um versículo bíblico, lembra que aquele que “aceita Jesus como seu salvador” deve ter uma conduta moral rígida, evitando beber, fumar e adulterar . Ser um bom

⁵⁰ A ideia de tribulação é de aperto, sufoco, problema. A força das circunstâncias provoca a tribulação.

trabalhador e cumprir com seus deveres, não transgredir as leis e sempre estar disposto a ajudar na divulgação do Evangelho.

No final do sermão faz-se o apelo, chamando as pessoas não evangélicas à conversão, faz-se uma oração; os avisos são dados, informando a congregação sobre as atividades durante a semana da igreja. Uma oração final é feita, despedindo os fiéis para suas casas. No final do culto as pessoas se cumprimentam, se abraçam, e conversam.

Os trajes de homens, mulheres e crianças que vão ao culto são padronizados, conforme as regras da igreja; as mulheres se vestem com saias e vestidos abaixo do joelho e blusas de manga, os homens só podem usar camisas e calças compridas, sendo que a hierarquia eclesiástica se diferencia dos demais fiéis por usar a gravata, como acessório que compõe a roupa dos líderes da igreja; as jovens não usam bijuterias nem pinturas.

Alencar (2000) enfatiza que o padrão do culto assembleiano é bem fechado e definitivo, onde o ritual no púlpito é previsível, no entanto – em Manaus essa forma de culto foi abolida – é um ritual espontâneo com a possibilidade de qualquer pessoa dar um testemunho, falar ou pregar, ou seja, todos tem liberdade em qualquer momento do culto de expressar sua fé, seja por meio dos termos de “exaltação a Deus” – amém, aleluia, glória a Deus – dos testemunhos, dos hinos, dos choros, risos, línguas estranhas e das pregações. Dessa forma, é na frequência dos cultos que os evangélicos de Jaiteua de Cima compartilham das mesmas atitudes e reafirmam seu pertencimento a uma comunidade “de irmãos na fé”.

3.2.2 A festa de São Tomé

Na comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, se realiza uma festa na casa de um casal de moradores que comemoram o dia de São Tomé. As celebrações em honra a este santo católico são conduzidas pela família responsável pelo evento e pelos demais moradores. São Tomé possui grande importância para esta família ribeirinha, visto que a festa é uma manifestação de fé, de agradecimento pelos benefícios alcançados por intermédio deste santo benfeitor.

Dessa forma, esta festa possui sua especificidade e razão de existência. É um evento em menor proporção do que a festa da padroeira local. Está pautada em um caráter socializador, uma vez que com a sua realização os moradores se encontram, se divertem, conversam, rezam, reveem amigos, vizinhos e parentes. Esta festa passa a ser organizada alguns dias antes do dia marcado para a sua realização. Dona Sabá vai até Manacapuru comprar velas, fitas para colocar no santo, alimentos e bebidas para o grande dia. “A gente faz

aquele banquete, muitos dão as coisas, aí muitos querem dançar e ainda tem mais outra coisa, que é o mastro. No ano passado nós levantamos quatro mastros. Aí desde então eu festejo assim” (S. L., 64 anos, Jaiteua de Cima, 2010).

Saraiva & Silva (1997) destacam que a forma como o ribeirinho cumpre suas promessas varia de grupo para grupo ou de família para família, suas promessas podem ser cumpridas por meio de grandes festejos, almoços comunitários, missas, procissões, bailes, novenas, entre outros. Assim, cada evento possui sua própria história, forma única de ser organizado.

Para dona Sabá mesmo com as dificuldades para a realização de tal evento, ela se empenha todos os anos ao menos para fazer uma missa para o seu santo de devoção. Sobre isso Galvão (1976, p. 31) enfatiza:

Os santos podem ser considerados como divindades que protegem o indivíduo e a comunidade contra os males e infortúnios. A relação entre o indivíduo e o santo baseia-se num contrato mútuo, a promessa. Cumprindo aquele sua parte do contrato, o santo fará o mesmo. Promessas “são pagas” adiantadamente, para se obrigar o santo a retribuir sob a forma do benefício pedido.

A festa acontece em frente da casa dos promotores do evento, espaço onde se concentram outras casas que pertencem aos seus parentes. A programação é simples: o levantamento do mastro, pela manhã, é o principal ponto de partida para o início das atividades em homenagem à São Tomé. Posteriormente é realizada uma missa, que começa com saudação e cânticos de boas vindas em frente do altar onde o santo foi colocado; em seguida, o ato penitencial: uma pessoa lê o Evangelho e explica o que entendeu. Reza-se, principalmente o Pai Nosso e o Ave Maria. A figura do padre não existe e tão pouco é chamado para ajudá-los nas atividades da festa.

Serve-se o almoço – chamado pela Senhora Sabá de Banquete –, onde os convidados também contribuíram com os alimentos (peixes, farinha, frutas, carne). Nesse momento, todos os participantes da festa estão convidados para almoçar, saboreando um peixe assado na brasa concomitantemente com uma farinha produzida pelos próprios moradores.

À noite acontece a “festa dançante” ou o “baile”, onde as pessoas dançam, conversam, bebem, ouvem a música – praticamente todos os ritmos são tocados em um aparelho de som – que vai até de madrugada. No dia seguinte, pela manhã, o mastro é derrubado, encerrando-se a festividade em honra a São Tomé.

3.3 Os aspectos político-religiosos

Este estudo revela a dimensão religiosa dos ribeirinhos do Município de Manacapuru/AM, onde a relação com o sagrado visa sustentar as relações de poder. A força das lideranças comunitárias é influenciada pelos valores religiosos, constituindo-se um dos principais dispositivos, através do qual a igreja local impõe seu pensamento. Todavia, essa influência sobre as condutas individuais é orientada, mesmo que inconscientemente, pelos moradores. Estes podem se apropriar, descartar signos sagrados em um processo incessante de construção, criação e inovação do que é ser religioso.

A história social das comunidades Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e Assembléia de Deus deixa claro que a religião é um dos pontos de partida para a construção de um diálogo acerca das relações de poder em Jaiteua de Cima. A construção das igrejas que representam a fé católica e a fé evangélica contribuiu para sancionar o regime em vigor, ou seja, consolidou a forma como estas comunidades estão constituídas socialmente e politicamente. É perceptível como estas igrejas estão vinculadas às questões políticas das comunidades, isso fica evidente na forma como foram organizadas e fundadas, motivadas em primeiro plano por questões político-religiosas. É notória a imbricação deste aspecto nas representações religiosas das populações ribeirinhas. Praticamente em todas as áreas onde estão concentradas existe uma igreja, representando o sistema religioso daquela localidade e sua influência perpassa por todas as esferas da comunidade.

Corrêa (2008), ao estudar as festas religiosas da cidade de Humaitá (AM) percebeu que as comemorações em honra aos santos católicos é um espaço social de sujeitos que exibem o poder. As festas deste município veiculam a versão oficial da história heroica de fundação desta cidade, por isso propiciam “modelos de sociabilidade” que caracteriza esta sociedade. Modelos vinculados ao catolicismo.

A autora observou que durante os festejos existe uma tensão social entre os praticantes e as autoridades eclesiais, por exemplo, “o silêncio expresso na matriz, quando o sacerdote suspendeu a procissão, foi um sinal da tensão social nas relações de poder” (p. 223). De um lado, estão os moradores partícipes da organização da festa e do outro os padres que tentam ter o domínio dos festejos.

Maués (1995) analisou as estratégias implementadas pela paróquia de Vigia (PA) para ter controle sobre as festas populares desse município. Todavia, os padres não conseguiram ter total controle do festejo em honra ao patrono dos pescadores. A festa de São Pedro, promovida pela colônia de pescadores, contrata um sacerdote somente para a missa de ação de

graças. Esse evento não é pensado pelos seus promotores como festa da igreja, apesar da igreja reconhecê-la como tal, é uma festa que independe da liderança dos padres.

O autor narra um fato que ilustra essa independência. Em Itapuá (PA), nos últimos anos a festa havia decaído, em razão dos pescadores não considerarem como sua a imagem de São Pedro, trazida para a vila por um grupo de pessoas influentes, entres estes o catequista local. Os pescadores ao receberem como doação a imagem de São Pedro, resolveram organizar um festejo em honra ao santo. Diante desta decisão, o catequista não permitiu que as orações fossem realizadas na capela local, pois só concordaria em deixar os pescadores rezarem, caso fosse usada a imagem de São Pedro que estava na capela. No entanto, os pescadores não abriram mão de seus direitos e realizaram a festa ao seu modo, evidenciando domínio político, uma associação forte, capaz de mudar os rumos de sua comunidade.

Sendo a religião o principal ponto de partida para a compreensão da sociedade investigada, pode-se dizer que ela é eminentemente política, no sentido em que se constitui como um dos pilares ideológicos de tal sistema social. É importante salientar que de forma alguma pretende-se reduzir a vida religiosa ribeirinha simplesmente a um jogo de poder, mas é mostrar que por meio da construção das igrejas católica e evangélica as relações de poder se fortaleceram, permanecendo intrínseca nas decisões e nas manifestações religiosas locais.

Weber (2004) salienta que a religião tem papel fundamental na maneira pela qual a sociedade se organiza. Esfera social que influencia a economia, o direito, a política, a cultura, o cotidiano das pessoas. O fenômeno religioso é uma realidade viva que se modifica inter-relacionado com todos os elementos que constituem a cultura.

Berger (2009, p. 15-19) em sua obra *O dossel sagrado*, enfatiza que a religião é agente de transformação e manutenção do mundo social. Para este pensador toda “sociedade humana é um empreendimento de construção do mundo”, mas depende de processos sociais específicos que permanentemente reconstroem e mantem este mundo, uma vez que “é muito difícil mantê-los em funcionamento”. Dessa forma, “a religião ocupa um lugar destacado nesse empreendimento”.

É impossível negar a relevância política da religião enquanto ideológica, transformadora e formadora do mundo social. Ela é uma das muitas esferas que influenciam a vida social. Em Jaiteua de Cima, a construção da primeira igreja foi um processo que gerou mudanças na esfera religiosa e política desta localidade. A construção da capela em homenagem a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro foi erguida nas terras que estavam sob o domínio de um fazendeiro que dispunha da mesma de forma vitalícia e absoluta. Foi o fazendeiro que incentivou a construção da capela e escolheu o santo de devoção da população

local, tornando-se uma pessoa importante e influente. A partir da construção da pequena capela, atribuiu-se o nome do santo de devoção do fazendeiro à primeira comunidade organizada, legitimando, assim uma nova ordem social.

Desse modo, como foi possível convencer ou motivar toda uma sociedade de que Nossa Senhora do Perpétuo Socorro seria a padroeira local, já que cada família tinha seus próprios santos de devoção?

A fundação da igreja foi feita pelo dono que era do terreno, que [já] morreu. Ele fez um voto com Deus num perigo, aí ele falou que se ele fosse valido daquele perigo ocorrido, mandava construir uma igreja, e foi o que aconteceu. Essa igreja foi uma promessa que ele fez, aí foi pra começar a comunidade a partir da igreja. Valdir Queiróz era o dono daí. Na época ele tinha um comércio muito forte aqui. (F. M. O., 48 anos, Jaiteua de Cima, 2010).

No princípio a gente comprava as coisas em Manacapuru, o pessoal fazia produto aqui e ia pra Manacapuru vender lá e comprava [outros] produtos porque não tinha ninguém que vendesse, foi depois que esse homem chegou aqui, aí ele vendia muitas coisas. Aí a gente já vendia produtos pra ele, abastecia as casas (M. F. O., 78 anos, Jaiteua de Cima, 2011).

O prestígio que o fazendeiro usufruía na localidade se intensificou não só por ser uma pessoa importante, devido suas transações comerciais, mas por atribuir o milagre que recebeu a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, tornando esta santa diante dos moradores milagrosa.

Há também determinados santos que, embora pertencendo a donos particulares, assumem importância especial, por se tornarem mais milagrosos (MAUÉS, 1995), é o caso de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Isso explica as razões sociais, entre as quais, inclui seu Valdir como uma pessoa importante na história social de Jaiteua de Cima, bem como um comerciante competente, que deu emprego a vários moradores na sua fazenda e comércio, um bom trabalhador e, principalmente um homem de fé.

Isto quer dizer que o esforço do fazendeiro em construir uma capela católica gira em torno do interesse de manter legitimado o que dava sustentação à sua influência e não somente o interesse de manter esta ou aquela devoção. Eliminando a possibilidade de não ser reconhecido politicamente ou questionado pelos moradores locais. O reconhecimento se dá através da crença à sua santa de devoção, além disso, foi uma forma de atribuir a este senhor gratidão pela construção de uma pequena igreja e por outros benefícios, legitimando seu discurso político-religioso.

A religião tem sua base legitimadora. A própria história revela que este fenômeno social foi o instrumento mais amplo e efetivo de legitimação. E isso se deve ao fato de que a legitimação religiosa fundamenta a ordem social em origens que transcendem a história e o homem. “Toda legitimação mantém a realidade socialmente definida”. A religião então serve para manter a realidade do mundo que foi socialmente construído pelo homem, onde vive cotidianamente (BERGER, 2009, p. 45).

A dominação, segundo Weber (1999) também se realiza por meio de organização fundamentada numa relação associativa e consiste, de modo geral, no fato de que determinado círculo de pessoas habituadas a obedecerem às ordens de líderes e interessadas pessoalmente na conservação da dominação por participarem desta e de suas vantagens, se mantêm permanentemente disponíveis e repartem internamente os poderes de mando e coação que servem para conservar a dominação.

Nesse processo existe uma constelação de interesses de todos (o fazendeiro e demais moradores) que estão inseridos para manter o domínio dos donos das terras onde foi construída a Igreja Católica: como a permanência de um comércio no lugar, ter alguém com posses para comprar a produção local e empregar os moradores, alguém com recursos para a construção da igreja, a vontade de querer ser influente politicamente, obter mais prestígio, e ser reconhecido. Estes são alguns dos elementos que fundamentaram a dominação do fazendeiro a partir da visão dos sujeitos da pesquisa.

Essa relação pautada por um conjunto de interesses são racionalmente motivados. É uma relação contratual deliberada politicamente e reciprocamente (WEBER, 1999). Brito (2008) ao perceber, durante sua investigação nesta localidade, que esta é uma realidade dinâmica, ressalta que essa sociedade sempre é transformada pelas necessidades do contexto, seja político, econômico ou relacionados à defesa dos direitos dos moradores locais, e eu diria que é também religioso.

O interesse da família do Sr. Valdemar – uma das primeiras famílias evangelizada e convertida – em erguer uma “congregação/casa de oração” referente aos dogmas da Igreja Evangélica Assembléia de Deus não foi uma atitude somente religiosa, mas uma decisão política, pois “quem participa ativamente da política luta pelo poder, quer como meio de servir a outros objetivos, ideias [...], quer como o “poder pelo poder”, ou seja, a fim de desfrutar a sensação de prestígio atribuída pelo poder” (WEBER, 2002, p. 56).

A construção da Igreja Assembléia de Deus nas terras da família do Sr. Valdemar foi uma decisão carregada de interesses, uma vez que com a construção de uma congregação

instituiu-se uma nova comunidade no lugar, em função do crescimento da igreja em número de membros.

Veio um, veio outro, aí começamos a crescer, aí fizemos uma igreja, uma igreja grande, a Assembléia de Deus. [...]. Fui eu que comecei a criar a comunidade quando era tudo junto ainda [...]. Aí começamos a organizar a igreja. Aí reunimos a igreja, já que era muita gente mesmo da igreja criamos a comunidade evangélica Assembléia de Deus. Aí foi começando a desenvolver, mas começou através de eu, de me envolver. Aí foi criada a comunidade Assembléia de Deus. [...]. Depois que organizamos a comunidade com documentos, tinha a escola, tinha a casa pastoral, tinha a igreja. Graças a Deus começamos. Aí começaram fazer casa por ali. [...] (V. C., 55 anos, Jaiteua de Cima, 2010).

De acordo com a narrativa acima em virtude do crescimento de convertidos foi preciso construir um local que suportassem todos os novos fiéis. Da necessidade da construção de uma igreja surgiu o inevitável: a criação de uma comunidade onde os novos membros da Igreja Assembléia de Deus pudessem morar e viver comungando dos mesmos princípios ideológicos. A filha de Sr. Valdemar atribui a ela a criação da comunidade, por buscar benefícios, junto à prefeitura de Manacapuru, para os fiéis assembleianos. Nessa trama de relações de poder, ela assume tal responsabilidade por ser uma das primeiras pessoas a se converter e a organizar a igreja, sendo que onde a igreja foi construída é um pedaço de terra que pertencia à sua família.

A organização da comunidade enfrentou resistências de uns e apoio de outros. Neste caso, nota-se o antagonismo entre católicos e evangélicos, uma vez que era a Igreja Católica que detinha todo o *capital religioso*, e a inserção do Pentecostalismo no lugar foi uma ameaça a esse domínio. São relações de forças que disputaram pelo monopólio do “poder político-religioso”. Essa luta foi fundamental na garantia da permanência de ambas na localidade. Sendo, que a Católica foi a primeira igreja cristã a se estabelecer na região, suas crenças e dogmas já eram vividos pela população local quando a igreja Evangélica iniciou suas atividades, por isso teve várias dificuldades na propagação de suas doutrinas por perceber que os moradores locais tinham forte afeição pela teologia Católica.

No entanto, não abandonou seus objetivos que consistiam principalmente na evangelização e conversão. A consolidação desta igreja em Jaiteua de Cima, por meio da perspectiva teórica de Bourdieu (2009), foi devido aos seus sistemas de crenças e práticas, usadas como estratégias para atrair ou dominar o grupo social local para serem fiéis de tal sistema religioso. Este diferente sistema de práticas religiosas só permaneceu neste campo religioso por ter alcançado os “anseios espirituais” de determinados moradores.

Com a conversão de vários moradores, surgiram novos líderes, que se mobilizaram para a construção da igreja e para a fundação de uma comunidade, organizada de acordo com os novos parâmetros religiosos. “Quando se afirma que [...] uma decisão é tida como “politicamente” determinada, o que se está querendo dizer, sempre, é que os interesses na distribuição, manutenção ou transferência do poder são decisivos [...] para se determinar a decisão ou a esfera de atividade da autoridade” (WEBER, 2002, p. 56).

No próprio Pentecostalismo existe a ideia, conforme Alencar (2000) de que todos têm acesso ao “poder”, via revelação, espiritualidade, interpretação das Escrituras e o exercício dos dons espirituais, cuja autoridade pode ser exercida por qualquer pentecostal. Essa característica da igreja Assembléia de Deus incentiva a formação de líderes espontâneos e carismáticos, os quais são essencialmente leigos/adeptos. O acesso a este “poder” adquire uma conotação muito mais abrangente do que somente o contato com o sagrado, onde os crentes devem louvar a Deus pelo governo estabelecido dentro da igreja e devem apoiá-lo. Isso define a postura política e o conceito teológico, principalmente dos primeiros líderes das Assembléias de Deus no Brasil.

A comunidade Assembléia de Deus foi assim, desde a sua fundação, uma instituição controlada pelos grupos dominantes em nível local. Poder distribuído e mantido até os dias de hoje entre parentes da família fundadora. Diante destas informações compreende-se a postura dos primeiros evangélicos de Jaiteua de Cima de se organizarem para a criação de uma nova comunidade, ocasionando a primeira divisão religiosa, política e territorial na localidade. O reconhecimento atribuído às pessoas que doaram uma parte de suas terras para a igreja se manifesta através do prestígio enquanto líderes. Tempos depois de sua consolidação como igreja e comunidade, a Assembléia de Deus é dividida entre líderes e fiéis, em função dos costumes tradicionais da igreja passarem por um processo de reformulação.

Neste interim, a comunidade é transferida para o outro lado do igarapé onde uma nova liderança assume a igreja e a comunidade. A família que permite a organização da igreja em suas terras assume a coordenação da comunidade. O responsável pelas atividades da igreja e o presidente da comunidade é o mesmo, controlando as ações dos fiéis, principalmente nos aspectos de usos e costumes, lazer e casamento. Este também é responsável por convencer todos os membros que deixaram a antiga comunidade – agora chamada de Comunidade Assembléia de Deus Tradicional – a trabalharem na organização de uma nova comunidade. Nova no sentido de ser administrada por outras pessoas e organizada em outro espaço, mas antiga em função do nome atribuído à primeira comunidade evangélica organizada em Jaiteua de Cima.

Desse modo, a religião se apresenta como dos principais motivos que levou estes indivíduos a unirem entre si, formando uma “comunidade religiosa” devido a uma proximidade de interesses políticos entre seus idealizadores.

3.4 A relação das igrejas com as famílias locais

O convívio com as famílias das comunidades Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e Assembléia de Deus, as quais sempre me receberam muito bem, mostrou-me que os laços familiares são referenciais de vida entre os sujeitos da pesquisa. É um instrumento que continua sendo importante para a organização social, na transmissão da tradição e dos valores religiosos. A família é uma rede de sociabilidade e solidariedade que sustenta a comunidade.

Este estudo revela que a família se constitui numa instituição privilegiada em que se desenvolvem os primeiros processos religiosos que marcam a vida dos moradores. Motivo pelo qual ela adquire relevância social e histórica que confere a necessidade desta reflexão.

Embora a localidade Jaiteua de Cima esteja passando por transformações socioculturais, como a mudança na vida religiosa (de católicos para evangélicos), o elo entre os moradores permanece: os laços familiares. O parentesco é um tipo particular de relação social que expressa ligações entre indivíduos fundados em laços consanguíneos. Por isso, esse sistema é carregado de significados que representam diferentes sociedades, motivo pelo qual a família adquire relevância neste estudo, uma vez que não há como falar de religião entre ribeirinhos sem antes entender a relação existente entre família e religião.

A influência deste sistema na vida religiosa ribeirinha adquire um caráter de extrema importância para o entendimento do cotidiano vivido a partir dos princípios estabelecidos por tais instituições religiosas. Existe um sentimento de pertença para com o Catolicismo e Pentecostalismo, por isso, ambos mantêm uma relação estreita com as famílias locais. É perceptível como as famílias fundadoras sentem-se orgulhosas de fazerem parte da organização da igreja e da comunidade. As primeiras atividades evangelísticas da igreja Assembléia de Deus foram realizadas numa residência familiar local. A devoção e a oração aos santos particulares – antes da construção da igreja em homenagem a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro –, eram praticadas também pelas famílias no interior de suas casas.

É pela família que os ribeirinhos desenvolveram suas primeiras experiências como membros das igrejas estabelecidas na localidade. Essa relação de afinidade corroborou para que a comunidade fosse habitada, em sua maioria, por pessoas ligadas aos fundadores. Isso se dá porque os espaços territoriais onde as igrejas estão implantadas pertenceram a uma

determinada família. A construção da pequena capela e da casa de oração foi feita em terras de moradores que já tinham terrenos no local, resultando assim numa tradição familiar, formando uma fileira de casas que pertencem aos mesmos laços familiares.

Dona Vera diz que o terreno onde foi construída a primeira casa de oração da igreja Assembléia de Deus “era da minha mãe, nós moramos todo o tempo aqui, nós nascemos aqui”. Dessa forma, por pertencerem aos mesmos vínculos familiares, de certa forma é mais fácil determinar as normas da comunidade, de acordo com os dogmas religiosos predominantes em cada uma. Na comunidade Assembléia de Deus as regras são:

Na comunidade, aqui a igreja, nós não aceitamos futebol. A Assembleia de Deus aqui no Jaiteua de Cima, não permite, por exemplo, um membro jogar futebol. [...]. Aqui os irmãos se verem um jovem jogando futebol eles já dizem que o jovem tá desviado. Quer dizer uma igreja muito tradicional, muito conservadora dos bons costumes da Assembléia de Deus. E eu concordo [...] pelo simples fato que eu tenho que ser diferente. A Bíblia diz que nós somos a luz, [...], então a Bíblia diz que têm coisas que não convém. Hoje o que tá acontecendo: as pessoas de fora estão olhando pra igreja, eu creio, e não estão mais vendo a diferença. Aquele povo que fazia diferença em todas as áreas de andar, vestir, aonde ia já não se ver. [...]. Como será que o Criador se sente quando você está modificando alguma coisa. É a minha forma de pensar. Então, essa igreja aqui tem muita tradição. [...]. Com relação à questão da mulher, eu penso assim: que se Deus me fez com cabelo enrolado, liso, preto, vermelho e eu tento modificar eu tou desfazendo como Deus me fez. E isso é pregado na igreja, por mim é bastante pregado (Diácono R. S., 26 anos, Jaiteua de Cima, 2011).

A narrativa evidencia que a igreja não permite certos costumes, os quais podem ser atribuídos como regra da comunidade. As normas relacionam-se aos tipos de comportamentos e à moral, mantidas através dos padrões de conduta socialmente estabelecidos. A igreja e a família concomitantemente contribuem para assegurar a ordem, evitando os “prazeres mundanos”, os quais causam danos à “vida espiritual”. O compromisso e a fidelidade para com os preceitos religiosos são rigorosamente cumpridos, caso contrário o membro ou o morador é considerado como “desviado”, ou seja, afastado dos parâmetros da igreja e da comunidade. Neste sentido, os próprios membros tornam-se vigilantes em relação à conduta uns dos outros. Essa vigilância é tão intensa que qualquer desvio é automaticamente percebido e afastado, principalmente, das tomadas de decisões da comunidade.

“Esse princípio restringia a congregação aos “verdadeiros” cristãos; significava, daí, uma associação voluntária de pessoas realmente santificadas, segregadas do mundo” (WEBER, 2002, p. 220). A filiação à igreja protestante ou evangélica consiste em um tipo de prática religiosa que orienta a conduta do indivíduo que a ela pertence. São comportamentos

que representam este grupo religioso, onde os indivíduos adotam tais comportamentos de forma natural e espontânea. Desta forma, a comunidade e a igreja Assembléia de Deus resistem, segundo sua visão, às investidas de um “mundo pecaminoso” e às novas mudanças que a IEADAM vem passando desde o início deste século.

Na comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, as normas religiosas não são tão rígidas quanto na comunidade evangélica, uma vez que na comunidade católica não há um controle das ações de seus moradores. Estes usufruem de certa liberdade nos gostos, nos gastos e nos costumes. “É um catolicismo [...]” que “apresenta-se menos como uma instituição com fronteiras demarcadas e mais com uma experiência que permeia a vida e a cultura”, visto que não há um controle eclesiástico como há entre os assembleianos (STEIL, 2001, p. 21).

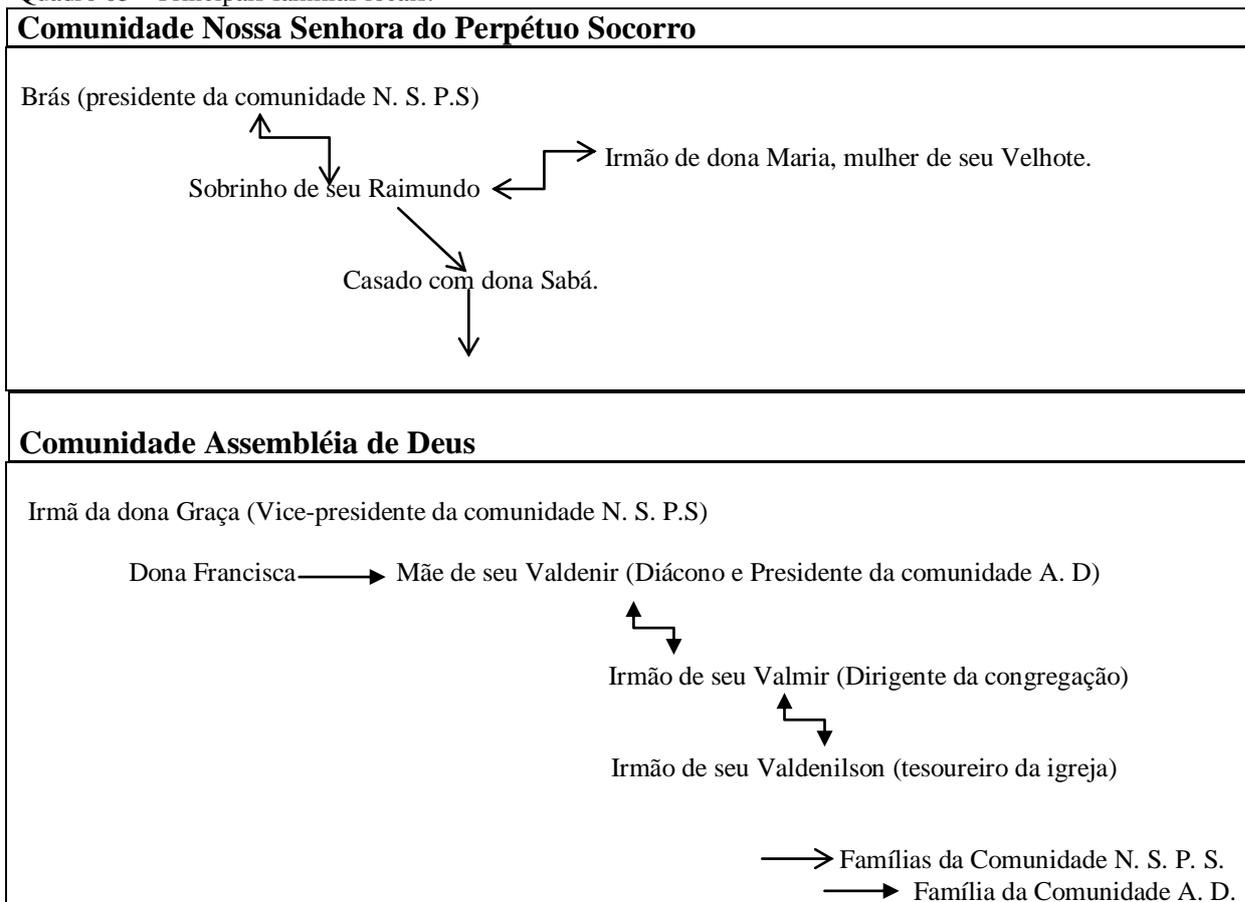
No “catolicismo não tem peias, restrições nem privações. Isso permite o comportamento folgazão das famílias, ou seja, os moradores estão livres para jogarem bola, vestir qualquer tipo de roupas, ouvir música alta em suas casas, dentre outros. O que difere de uma comunidade para outra é o grau de liberdade que as igrejas conferem aos seus membros (MAUÉS, 1995, p. 169).

O católico pode transitar tanto no mundo sagrado quanto no profano, na medida em que o mesmo sabe articular os deveres e os prazeres, isto é, reza-se primeiro e depois diverte-se. As crenças religiosas supõem uma ordem de classificação das coisas no mundo, são duas classes de gêneros opostos, definidos em sagrado e profano. Ao sagrado estão relacionadas às crenças e ao profano as atividades do cotidiano (DURKHEIM, 1996). Neste caso, para a comunidade evangélica os católicos são associados a comportamentos negativos, reforçando a ideia de separação entre “bons” e “maus” ou sagrado e profano.

A diferença entre as comunidades são significativas no que tange a conduta de vida que cada morador segue. Durante o trabalho de campo percebi que a separação entre as famílias locais está relacionada aos motivos religiosos. O sentimento de pertencer a esta ou aquela família se contrasta com a realidade da “separação religiosa”. Isto é, existem moradores que são evangélicos, mas possuem parentes que são católicos, é neste sentido que são “separados”, por suas concepções religiosas, mas mantêm os laços consanguíneos. São pessoas que romperam com a “religião de família” para estabelecerem novos tipos de ligação com o sagrado. Nesse caso, “a conversão religiosa significou a ruptura com a religião tradicional e, também, teve repercussões políticas, pois enfraqueceu os laços da dominação [...] que submetia os moradores” (NOVAES, 2001, p. 47).

Trata-se de transformações neste campo religioso que refletem e revelam mudanças na estrutura política da localidade, logo é possível fazer uma leitura de que a instituição família também está em interação com outros aspectos sociais, que juntos provocaram a ressignificação de seus valores. O quadro abaixo mostra a relação de parentesco entre os principais nomes que se destacam entre as comunidades:

Quadro 05 – Principais famílias locais.



Fonte: OLIVEIRA, 2011.

Observa-se que os vínculos familiares se desdobram entre as duas famílias apontadas. No entanto, suas concepções religiosas são diferentes. São famílias que detém o domínio administrativo das comunidades e das igrejas e que em tempos pretéritos coordenavam juntas a comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Vejamos um relato do presidente da comunidade Assembléia de Deus, que evidencia a relação que havia entre o mesmo e a direção da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro:

Eu já trabalhei em duas áreas e por muito tempo. Numa área eu trabalhei mais de sete anos com Raimundo Martins, que é o Velhote [ex-presidente da comunidade N.S.P.S]. Depois que nós saímos da comunidade dele que eu

passei pra outra comunidade evangélica é que eu fui assumir a presidência. Trabalhei como vice e ganhei a eleição pra ser como presidente. [...]. A comunidade do Velhote, nós temos o documento o dia que nós fundamos ela. Ele tem e eu era um deles de lá. Mas, isso aí não importa pra mim mais, importa pra eles (V. A., 45 anos, Jaiteua de Cima, 2010).

Esta narrativa enfatiza que a religião pode ser analisada entre estas famílias como elemento aglutinador a partir da fundação da primeira comunidade, através de uma promessa, tanto como elemento de separação, a partir da inserção do Pentecostalismo, que deu origem a segunda comunidade, a evangélica. Entre os moradores há o reconhecimento implícito da separação, visto como algo que não foi bom, em particular, pelas famílias da comunidade de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, posto que o Catolicismo ocupava lugar central na organização da esfera familiar.

Elias & Scotson (2000), ao realizaram uma pesquisa na pequena comunidade urbana da Inglaterra, chamada de Winston Parva, mostraram intensa divisão interna entre um grupo de residentes estabelecidos de longa data e duas povoações que se formaram ao redor do antigo bairro, em períodos recentes, cujos moradores eram tratados pelo grupo estabelecido como *outsiders*. Essa pesquisa mostra que os grupos estudados se diferenciam apenas em relação ao tempo que ambos residem no bairro. Além disso, sendo um estudo sobre comunidade, os autores deixam claro que esta não é uma estrutura tão simples como se imaginava, por isso ressaltam a ideia de diferenciação entre os grupos que compõem a comunidade.

Por outro lado, ao estudarmos as comunidades ribeirinhas de Jaiteua de Cima, verificou-se entre os dois grupos que a diferença não está relacionada quanto ao seu tipo de ocupação, educação, moradia ou produção agrícola, mas refere-se aos aspectos religiosos. Ao contrário da comunidade pesquisada por Elias & Scotson que destacam que a diferença entre as famílias da comunidade Winston Parva é o tempo que residem nela.

A divisão da localidade Jaiteua de Cima é marcada pela oposição entre famílias católicas e evangélicas, separação justificada em termos religiosos. Conforme, a narrativa dos moradores, o principal motivo para a divisão foi a chegada das igrejas evangélicas no local, que influenciaram na mudança de religião. O sentimento comunitário entre as famílias evangélicas e católicas aparece na trama das relações sociais construídas no roçado, na pesca, no puxirum ou nas tomadas das discussões em relação aos benefícios do Estado.

Discussão que, na maioria das vezes, causa tensão entre as próprias famílias, uma vez que todos os benefícios que a localidade recebe são intermediados pela comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, como a construção da primeira escola e a distribuição dos fios

de energia do *Projeto Luz para Todos* do Governo Federal. Os moradores reclamam e se interrogam por que a comunidade Nossa Senhora Perpétuo Socorro é sempre a primeira a vislumbrar a implantação de qualquer projeto e por que eles têm que usufruir juntamente com esta comunidade de todos os benefícios que o Estado oferece.

A tensão entre as famílias locais surge porque o Estado reconhece a comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro como o principal centro comunitário de Jaiteua de Cima, reconhecimento que acontece devido ser a primeira comunidade organizada na localidade. Dessa forma, “a maneira como um grupo de pessoas é capaz de monopolizar as oportunidades de poder e utilizá-las para marginalizar e estigmatizar membros de outro grupo muito semelhante”, desencadeou um processo em que as famílias de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro se auto-reconhecem como superior em relação à comunidade Assembléia de Deus e demais comunidades do local (ELIAS & SCOTSON, 2000, p. 13).

Nota-se que, ao contrário das famílias de Winston Parva, onde o fator tempo de residência gera tensão entre as mesmas estigmatizando e excluindo os moradores mais novos, as famílias que residem nas comunidades estudadas podem ser entendidas como *estabelecidas*, as quais estão ligadas a antigos moradores, cujos membros se conhecem há muito tempo e juntos instituíam as normas que regiam a primeira comunidade organizada. Isso mostra que estas comunidades não se vêem como excluídas (*outsider*), em virtude dos moradores não aceitarem essa condição. Tanto a comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro como a comunidade Assembléia de Deus se vêem como grupos de indivíduos dotados de certa moral religiosa que condena as atitudes e as normas que regem as diferentes comunidades. Constroem o fator superioridade a partir de uma visão religiosa entre sagrado e profano. Para isso são elaboradas crenças de que certas atitudes que o católico adota na visão do evangélico são erradas/profanas. Na visão do católico, o comportamento que o evangélico possui é a perda de sua liberdade, que o impede de ter acesso ao sagrado de maneira errada.

Essa luta simbólica provoca tensões sociais “quando as ações se orientam pelo propósito de impor a própria vontade contra a resistência do ou dos parceiros”. É uma disputa entre estes grupos sociais que se assenta no campo da concorrência, que se dá “quando se trata da pretensão formalmente pacífica de obter para si o poder de disposição sobre oportunidades desejadas”. Na percepção weberiana só existe luta social quando houver real situação de concorrência, onde um conjunto de indivíduos ou um único indivíduo necessite superar outros no intuito de garantir uma posição social ou a própria sobrevivência (WEBER, 1999, p. 23).

Deste modo, a existência de condutas religiosas diversas no seio das famílias ribeirinhas trouxe à tona os conflitos, bem como fortaleceu os laços de solidariedade, na

medida em que corroborou para o aparecimento de novas identidades. Dentro do contexto familiar existem conflitos e rivalidades, são divergências políticas, ideológicas e mesmo pessoais que estão revestidas de uma conotação religiosa, como a vontade do senhor Raimundo de querer voltar ao cargo de presidente comunitário para agilizar a abertura da capela, pois para ele falta mais empenho do atual presidente para a celebração das missas na capela.

A religião teve participação na organização do espaço de Jaiteua de Cima, definido pelas famílias locais, que quiseram otimizar suas condições de vida, tendo controle do destino do espaço que os cerca. O processo que reorganizou Jaiteua de Cima em comunidade a partir da fundação de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro influenciou a vida pública das famílias locais, bem como em suas tomadas de decisões, comportamentos, práticas, crenças e valores, cujo eixo comum se encontra na valorização da igreja, produzindo junto à família e à igreja uma rede de significados articulados entre si.

As famílias Queiróz e Custódio foram os condutores para a construção da Igreja Católica e Evangélica em Jaiteua de Cima, através da adesão dos novos dogmas o campo religioso local dinamizou-se, acirrou-se, diversificou-se. A família foi um dos principais instrumentos para a manutenção dos líderes ligados aos antigos representantes, os quais tiveram participação ativa na organização destas comunidades. Isto é, quem sempre permanece no cargo de liderança comunitária é a família fundadora da comunidade. Assim, cada líder eleito já possui certa fidelidade de seus eleitores. Outro dado interessante que a presença da liderança familiar não está presente só no cargo de presidente comunitário, mas na liderança religiosa, na liderança da associação comunitária, na secretaria e tesouraria da associação, na direção da escola e na atividade de agente de saúde.

3. 5 O “líder religioso” e sua legitimidade nas Comunidades N. S. P. S. e A. D.

Quando me dispus a estudar a vida religiosa dos ribeirinhos que residem na região do Lago Grande, no Município de Manacapuru, um imenso leque de possibilidades se abriu diante dos meus olhos. No entanto, à medida que a pesquisa foi caminhando, percebi que o fenômeno religioso no que tange às comunidades ribeirinhas era algo muito mais complexo do que eu imaginava.

Nesse universo, tanto o Catolicismo como o Pentecostalismo – representado pela Igreja Evangélica Assembléia de Deus –, são movimentos religiosos já consolidados. Daí surgiu a ideia de analisá-los a partir da história de fundação das comunidades Nossa Senhora

do Perpétuo Socorro e Assembléia de Deus. Dessa forma, surgiram novos questionamentos, visto que as tomadas de decisão e as regras de conduta dos moradores são discutidos sob circunspeção religiosa. Mas, de que forma esse domínio religioso está fundamentado? O que garante que as relações de poder sejam constituídas por laços familiares?

Tais questionamentos surgiram desde a primeira pesquisa realizada junto destes moradores, entre os anos 2007/2008, momento em que percebi que a religião influenciava em todas as esferas sociais da localidade Jaiteua de Cima. As minhas primeiras impressões que se deram ainda nos estudos de Iniciação Científica constatou que o poder local se constitui por laços familiares associados à vida religiosa. Para melhor apreender as informações como respostas a estes questionamentos criei uma tipologia dos líderes locais e chamei-os de: “líder institucional”, “líder pessoal”, “líderes fundadores”, “líder religioso” (OLIVEIRA, 2008).

Nesta dissertação, aprofundi o estudo destas tipologias, o que permitiu perceber como a religião ainda é um fator preponderante na dinâmica social das comunidades estudadas. A observação feita a partir do “líder religioso”, está totalmente relacionado aos demais tipos de líderes, por isso é necessário explicar cada um. A minha escolha por essa abordagem, privilegia os aspectos sociais que envolvem este líder, situando-o dentro e fora de sua organização religiosa. É a partir dessa perspectiva que pretendo focar o tema aqui proposto.

Os líderes são aqueles que adequam sua ação social ao funcionamento deste campo religioso, para que seus interesses e dos demais moradores sejam alcançados. São tipos ideais de dominação legitimados que permanecem atuantes neste campo por alcançarem os anseios políticos e religiosos dos moradores. Legitimação, diria Bourdieu (2009) conquistada em razão de um conjunto de crenças e práticas, usadas como estratégias para atrair ou dominar tal sistema social.

Os tipos de líderes destacados nesta pesquisa estão atrelados aos tipos ideais de dominação legítima de Max Weber. Neste sentido, as bases de dominação pura são apenas três, as quais se encontram entrelaçadas, ou seja, são complementares, assim como as lideranças locais são. Estes tipos ideais na esfera social que estudamos têm em comum “possuir o capital necessário para ocupar posições nos diferentes campos” político e religioso (BOURDIEU, 1996, p. 244).

O “líder institucional” ou o “Presidente comunitário” que dirige a comunidade é escolhido pela coletividade em época de eleição, e tem o mesmo capital simbólico⁵¹ que o

⁵¹ É um categoria sociológica utilizado por Pierre Bourdieu. O capital simbólico não é algo palpável, mas é possível ser observado por meio do prestígio, do carisma, do valor que um indivíduo ou instituição possui em

“líder pessoal”, por possuir virtudes em suas qualidades pessoais como: atitudes, poder de comunicação, disposição, caráter, determinação e inteligência. Tal capital foi cumulativo e é conferido por outros agentes do campo que permitem a sua liderança, por isso há uma relação entre esses líderes, pois ao ser escolhido pela coletividade o “líder institucional” deve apresentar essas características.

O “líder pessoal” está relacionado ao “líder institucional” por ter qualidades que são vistas no dia a dia do mesmo, antes mesmo de se candidatar como “Presidente Comunitário”, pois serão essas qualidades que vão indicá-lo para ocupar esta função. Logo, pessoas que não apresentam essas qualidades não são bem vistas pelos moradores para ocupar um dos mais importantes cargos da comunidade.

Cabe ao “líder institucional” muitas vezes acompanhar de perto as atividades agrícolas como abertura das roças e de outros tipos de plantações, assim como outras atividades para o beneficiamento de sua comunidade. São ainda atributos do líder: ajudar na construção de casas, ordenar que se limpe o centro da comunidade, perceber que existem moradores precisando de ajuda, chamar a atenção daqueles que não estão seguindo as regras, entre outros.

Para Weber (1999), a autoridade *institucional* ou *burocrática*, está fundamentada na dominação racional ou burocrática, admitida através das regras sancionadas pela própria sociedade, ou seja, são as leis que definem a quem obedecer e até quando obedecer, tornando possível a aceitação da autoridade por parte dos subordinados. “[...] os membros da associação não obedecerão ao senhor, não o fazem à pessoa deste, mas, sim, àquelas ordens impessoais e que, por isso, só estão obrigados à obediência dentro da *competência* objetiva, racionalmente limitada, que lhe foi atribuída por essas ordens” (p. 142). Isto é, não é a pessoa que estará no cargo que será reconhecida e sim a autoridade que exerce a dominação dentro dos limites estabelecidos.

Obedece-se às regras estatuídas e não à pessoa, a administração que a autoridade reconhecida realiza é extremamente profissional, está subordinada, principalmente, “a determinadas regras, de funções oficiais dentro de determinada competência” (p. 142).

Dessa forma, um dos fatores importantes para ser “líder institucional”, está relacionado à questão da oratória. Saber se expressar é importante, pois em situações em que é preciso defender os direitos dos moradores, ou mesmo para intermediar melhoramentos para o núcleo, cabe ao líder a função de falar pela sua comunidade. Outro fator se refere à

determinado campo social. O que permite que um indivíduo detentor deste capital desfrute de uma posição reconhecida pelos seus pares (BOURDIEU, 1996; 2009).

disponibilidade para estar na comunidade, sendo recomendável que o líder não seja empregado, pois não terá tempo suficiente para apoiar e articular os interesses comunitários.

Eu não queria mais [ser líder], mas é aquela questão que a população ver o lado melhor. Nós temos um candidato aí, mas por um lado a gente perde, porque a comunidade não tem aquele desenvolvimento que eu tenho com as pessoas conhecidas. Com certeza com isso, nós perdemos. A minha comunidade é quase a minha família e eles querem que eu fique ainda na presidência, mais uns anos. [...] E depois que passamos pra [essa] comunidade [desse lado do rio] foi que eu assumi a presidência. [...] ganhei a eleição pra ser presidente, então até hoje eu tou com mais de três anos como presidente nesse primeiro mandato na comunidade (V. A., 45 anos, Jaiteua de Cima, 2010).

Segundo Weber, aquele que manda também obedece a uma regra no momento em que emite uma ordem, ele obedece à lei ou a um regulamento de uma norma formalmente abstrata. O tipo de dominador que manda é o superior, cujo direito de mando está legitimado pelas regras estatuídas no âmbito de uma competência concreta, cuja legitimação e especialização se baseiam na utilidade objetiva e nas exigências profissionais estipuladas para tal atividade.

É neste sentido que existe uma relação muito próxima entre as lideranças institucional e pessoal, uma vez que a autoridade escolhida para coordenar a comunidade deve seguir tais regras e apresentar características pessoais como uma boa homília, ser responsável e estar disposto a defender os interesses do núcleo comunitário seja em qualquer momento ou situação. São fatores que permitem que a mesma pessoa permaneça sempre no cargo de “Presidente Comunitário”.

Os “líderes fundadores” são líderes que fizeram parte da fundação das comunidades Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e Assembléia de Deus. São ribeirinhos que com suas famílias ajudaram intensamente na construção e na organização das igrejas locais, em razão disso são respeitados por todos os moradores, desfrutam de certo prestígio, e suas opiniões são importantíssimas para a escolha do “líder institucional”. São líderes que detêm capital simbólico para fazer emergir seus interesses na consciência da coletividade.

Em Weber (1999, p. 148), a autoridade *tradicional* “se obedece em virtude da dignidade pessoal que lhe atribui a tradição”. Obedece-se em virtude de sua dignidade própria, santificada pela tradição, ou seja, pela fidelidade por se um líder justo. Isso se dá através do reconhecimento que é válido para sempre, por isso as regras são determinadas pela tradição e regidas pela honra.

As tradições e os costumes enraizados na sociedade aparecem na figura deste tipo de líder, que possui caráter importantíssimo por está fixado pela tradição, cuja violação por parte

do mesmo – o senhor – poria em perigo a legitimidade do seu próprio domínio, que repousa exclusivamente na santidade delas. Este tipo de dominação, segundo este intelectual, é constituído por pessoas que estão ligadas pela fidelidade, ou seja, as relações estão vinculadas ao senhor pela fidelidade pessoal do servidor para com o seu senhor.

Fato que determina a dominação de um mesmo líder por vários anos nas comunidades pesquisadas. Tal dominação pode ser garantida por meios materiais, como a doação de um dado espaço para a construção das respectivas igrejas em honra à Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e Assembléia de Deus. E pelas famílias pioneiras na organização da igreja e na fundação destas comunidades, procedimentos que asseguram a manutenção desta situação.

De acordo, com as narrativas, o líder permanece sempre no cargo, porque os comunitários entendem que o “líder institucional” que é o “líder fundador” já sabe como articular e dirigir a comunidade pelo tempo que está nesta função. “A auto-imagem e a auto-estima de um indivíduo estão ligadas ao que os outros membros do grupo pensam dele” (ELIAS & SCOTSON, 2000, p. 40). A imagem que o “líder fundador” construiu lhe permite transitar no campo religioso e político, mas isso só acontece porque o grupo social lhe reconhece como tal.

Por meio das conversas com os moradores descobri que após a saída da família Queiróz para a cidade de Manaus, na década de 1990, Seu Velhote, antigo funcionário da fazenda, casado com uma das integrantes da família Ferreira – Dona Maria –, umas das famílias mais antigas do lugar, assumiu a liderança da comunidade. Afirmando ser dono das terras onde se concentrava a fazenda de seu patrão, uma vez que Seu Valdir devia-lhe o tempo de serviço prestado. Além disso, assegura que participou ativamente da organização da comunidade, e ainda afirma que o dono daquelas terras deixou a fazenda sob a sua responsabilidade, por isso é o único morador que possui residência onde se concentra o centro da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

A liderança deste morador é reconhecida por todos os moradores, os quais confirmam essa história e reconhecem o tempo de sua liderança por dizer que é dono das terras onde a comunidade está estabelecida. Assim, por um simples entendimento, o mesmo continuava no cargo. O mesmo só deixou de ser “líder institucional” em virtude de uma decisão política enfatizada no tópico 3.1 deste capítulo. Seu velhote, ao dizer por todos esses anos que é dono do lugar onde era a fazenda Nova Esperança e ao ser reconhecido como tal, teve de deixar o cargo de “Presidente comunitário” para não comprometer a comunidade no que tange a liberação legal daquelas terras aos moradores. Assim, a dominação deste “líder fundador”

pode ser encarada como tradicional por influenciar na escolha do novo Presidente da comunidade, o qual é o seu sobrinho.

Na comunidade Assembléia de Deus, desde quando foi dividida, no ano de 2000, seu Valdenir é o “líder institucional”, escolhido politicamente pelos moradores por ter decidido juntamente com sua família que não iriam ser membros da Igreja Assembléia de Deus Tradicional. Apoiado pelos demais fiéis que resolveram ajudá-lo na reconstrução da comunidade, tornou-se também reconhecido como “líder fundador” por pertencer a uma família tradicional do local.

Dessa forma, a presença da família do “líder fundador” não está presente só no cargo de “líder institucional”, mas na liderança religiosa, na liderança da associação comunitária (secretaria e tesouraria), e na atividade de agente de saúde. “Há uma relação de parentesco entre essas pessoas que tomam as decisões na comunidade. Primeiramente é mais a minha família” (I. F., 35 anos, Jaiteua de Cima, 2010).

Nota-se, que o “líder fundador” é uma liderança *estabelecida* (ELIAS & SCOTSON, 2000) por fundarem a sua dominação no princípio de serem moradores mais antigos, os quais deram sua parcela de contribuição na organização das comunidades. Por serem líderes que residem há muito tempo no local, criaram certo grau de coesão social, estabeleceram certa posição social na vida das comunidades, nos laços de vizinhança, de compadrio ou de “irmão em Cristo”.

O “líder religioso” está atrelado à igreja. Seu capital simbólico consiste no domínio da oratória, do conhecimento da Bíblia Sagrada, nas revelações, na condução da liturgia dos cultos e missas, ter caráter, dons espirituais, ser batizado nas águas e no Espírito Santo, crismado, convertido, puro, corajoso, honesto, santo, vocacionado, responsável. O portador destes “carismas” é automaticamente reconhecido por seus adeptos, sendo legitimado pelo grupo ao cargo.

A autoridade *carismática*, conforme Weber (1999, p. 141), é “baseada na veneração extracotidiana da santidade, do poder heróico ou do caráter exemplar de uma pessoa e das ordens por esta reveladas ou criadas”. A dominação carismática se sustenta pela crença dos subordinados nas qualidades excepcionais – faculdades mágicas, revelações, heroísmo, poder intelectual – do seu líder. Se tais qualidades lhe faltarem seu domínio estará ameaçado. Isto é, se obedece exclusivamente ao líder devido ao seu carisma e não por causa de sua posição que foi instituída burocraticamente ou por uma posição tradicional. Assim, para se conquistar o cargo de “líder religioso”, o carisma é um dos meios para tê-lo.

Não existe nenhum tipo de procedimento para a nomeação ou substituição do líder carismático, em razão de não ser exigido sua formação profissional. Todavia, Weber deixa claro que esta dominação é instável porque não há nada que assegure a perpetuidade da devoção a este líder.

Este tipo de dominação pode ser visto com clareza entre as comunidades pesquisadas. Busca-se um líder que lhes dê solução de seus problemas. Assim, em busca de amenizar suas aflições e suas necessidades, muitos dos moradores da Comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro frequentam os cultos da igreja Assembléia, uma vez que a Igreja Católica encontra-se fechada. Sendo que há um respeito por parte destes moradores católicos para com o pastor que coordena a área. Católicos e evangélicos buscam um “líder religioso” que lhes aponte um caminho a percorrer quando estão passando por algum problema de difícil solução.

O “líder religioso” da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, antes da capela ser fechada, era o Senhor Velhote, catequista que conduzia a liturgia das missas. Ele e sua família organizavam as atividades da igreja durante a semana e dividiam entre as famílias locais a celebração da novena e a reza do terço. Uma das pretensões deste líder é retornar nas próximas eleições para o cargo de “Presidente Comunitário”, com o objetivo de tentar viabilizar a abertura da igreja, pois para ele os moradores precisam ir à igreja. Até porque ele mesmo sente muita falta de não estar indo aos domingos para ensinar aos moradores a doutrina católica.

Seu Velhote se sente responsável pela igreja local, responsabilidade implícita em sua proposta que ao tornar-se novamente “líder institucional” irá realizar a festa da padroeira Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. São atitudes de suma relevância para a vida religiosa destes ribeirinhos que anseiam por estarem na igreja e por uma visita de padres da Paróquia de Caapiranga.

Weber (2002) observa que a esfera religiosa é também pautada por conflitos e interesses. O sociólogo fala de uma dominação eclesiástica que tenta dominar as ações do indivíduo, sendo que a causa deste confronto é complexa, por envolver jogos estratégicos. Nesse sentido, a tensão social que existe entre os moradores da comunidade católica ultrapassa a dimensão social e política e atinge a esfera religiosa. É perceptível como a origem desta tensão é a disputa pelo domínio político, onde estes líderes querem a presidência da comunidade por usufruir de certo prestígio que outrora foi conquistado e reconhecido. Conflito que está atrelado por uma vertente religiosa, acompanhada de interesses que estão em jogo, é o caso de seu Velhote que pretende ser “líder institucional” por ter participado da fundação – “líder fundador” – da comunidade e da organização da igreja.

Neste contexto, o “líder religioso” da comunidade Assembléia de Deus, chamado de dirigente, que responde pelo pastor – coordenador da área Rio Solimões –, durante a sua ausência, além de coordenar as atividades religiosas influencia aos demais fiéis na escolha do líder que irá ser o “líder institucional”. Isto significa que o candidato ao cargo de “Presidente Comunitário” deverá também atender as necessidades da igreja. Visto que a igreja, segundo moradores, opina nas decisões da comunidade.

A maioria dos comunitários são da igreja, então toda decisão em benefício da comunidade se consulta a igreja, se consulta os irmãos. O irmão que é líder da comunidade pelo menos uma vez por mês ele faz reunião, consulta os irmãos, consulta a igreja. Acho que influencia porque a igreja é uma força, então tudo aquilo que for em beneficiar a comunidade também vai beneficiar a igreja (Diácono R. S., 26 anos, Jaiteua de Cima, 2011).

O dirigente tem a mesma autoridade do pastor em administrar as atividades da igreja e de orientar os fiéis, todavia quando o dirigente não se encontra, são os diáconos que dirigem os cultos e orientam os membros. O dirigente controla as ações dos fiéis, principalmente nos aspectos de usos e costumes, lazer e casamento. Este “líder religioso” é responsável por convencer toda a congregação a participar das atividades da igreja, pois é imprescindível a mobilização da membresia para a obtenção de resultados, como o crescimento da igreja local.

Nota-se, a forte influência deste “líder religioso” sobre os habitantes desta comunidade ribeirinha. Trata-se de um líder que mesmo sabendo que somente a ação do Espírito Santo transforma o homem, pois no Pentecostalismo necessariamente não precisam de um mediador para a salvação, procura saber quem está em comunhão com Deus, através do acompanhamento e dos comportamentos dos fiéis.

Alencar (2000) afirma que o Pentecostalismo cresceu e expandiu-se a partir do reconhecimento dos carismas. Seus líderes na condição de “enviados por Deus” reúnem em torno de seus dons um grande grupo de adeptos. Não há seleção dos líderes eclesiais por critérios objetivos, mas pelas suas qualidades carismáticas. São “líderes ideais” com “capacidade extracotidiana” (WEBER, 1999), onde o “líder religioso” que está presente em cada igreja por ser dotado de um carisma estabelece o seu estilo ou o seu modelo de liderança.

O “líder religioso” da comunidade Assembléia de Deus como “ungido do Senhor” é também o “líder institucional”, ou seja, o “Presidente Comunitário”. Como diácono e presidente sua decisão é definitiva, determinante, inquestionável e vitalícia. Por exemplo, mandou fixar o nome das pessoas que são dizimistas no salão da igreja, evidenciando que quem não dizima está fora das leis da igreja e da comunidade (Figura 19).

Dizimistas

Outubro	Novembro	Dezembro
Regina	Julio	Manoel
Conceição	Walden	
Edson	Luiz	
Zicardo	Antônio	
Edile	Regina	
Francisca	Valciane	
Maria Costa	Sergio	
Saraia	Valdenilson	
Valdenilson	Francisca	
Alzira	Maria Costa	
Edi Valdo	S/O	
	Valdo	
	Valdenilson	

Imagem 19 – Quadro de dizimistas da Igreja Evangélica A. D.
Fonte: OLIVEIRA, 2001.

Para o morador que não tem seu nome na lista dos dizimistas é vergonhoso e constrangedor. Na verdade, essa atitude força o fiel a dizimar, independente se tem condições ou não, pois “Deus honra os fiéis” – frase em destaque na figura acima. Freston (1993) observa que a origem da igreja Assembléia de Deus está marcada pelo poder tradicional, fundamentado na autoridade patriarcal, constituído pelo dom pessoal. Esse carisma de certa forma, como se tem visto entre os ribeirinhos evangélicos de Jaiteua de Cima, centraliza o poder eclesiástico e político, colocando tudo nas mãos de uma única autoridade.

Neste sentido, a autoridade do “líder religioso” não representa apenas a si mesmo, mas o poder e a justiça do grupo que lidera. Seu reconhecimento foi conquistado por atender as necessidades do grupo. Isto é, seu carisma ou os seus dons pessoais não se aplicam somente a ele, mas também ao grupo que está vinculado.

O carisma pode ser – e somente neste caso merece em seu pleno sentido esse nome – um dom pura e simplesmente vinculado ao objeto ou à pessoa que por natureza o possui e que por nada pode ser adquirido. Ou pode e precisa ser proporcionado ao objeto ou à pessoa de modo artificial, por certos meios extracotidianos. A mediação entre essas alternativas consiste na suposição de que, apesar de as capacidades carismáticas não poderem desenvolver-se em nada e em ninguém que não as possua em germe, tal germe permanece oculto se não é estimulado ao desenvolvimento [...] (WEBER, 1999, p. 280).

A tese weberiana esclarece que uma pessoa naturalmente possuiria em si mesma o *carisma*, algo como um dom capaz de torná-la diferente, desde que nela seja despertado, ou estimulado em decorrência de fatos históricos ou sociais. Isto quer dizer que o carisma não é algo que corresponde somente ao indivíduo, portador de tal “virtude”, mas é algo social e histórico, por isso o líder carismático é símbolo do grupo social, o qual surge como resposta às necessidades dos indivíduos do grupo que o mesmo faz parte.

É neste sentido que esta pesquisa revela que o “líder institucional” ao ser o “líder fundador”, o qual é o “líder religioso” ao ser dotado de um carisma teve de assumir outras funções em razão da comunidade perceber a sua capacidade de liderança. Weber (1999) faz referência à vinculação entre dominação e administração, reforçando que toda dominação manifesta-se e funciona como administração e toda administração precisa, de alguma forma, da dominação, pois para dirigi-la é necessário que certos poderes de mando estejam nas mãos de alguém.

Através dos laços de parentesco, essas lideranças foram construídas. Tipo de administração que se estende também às igrejas. Por isso conservam a mesma liderança, tanto na igreja como na administração da comunidade por entenderem que é melhor eleger um parente da “família fundadora”, por ter a mesma atitude e por estabelecer normas de acordo com os princípios cristãos.

A igreja enquanto elemento de “coerção” e “exteriorização” se configura como uma fonte de perpetuação do sistema de dominação iniciado dentro das famílias. Afinal, aquele cidadão praticante de determinada religião não nasceu praticante, mas antes disso pertenceu a uma família que possuía determinadas características, entre as quais, o pertencimento a determinada religião. Ao nascer, diria Émile Durkheim, o indivíduo é logo introduzido em um sistema cultural e social previamente estabelecido, é educado dentro desse sistema sem que possa escolher como, realmente, quer ser identificado (exteriorização).

Assim, o “líder religioso” é um tipo de líder que detêm capitais simbólicos que lhes permitam atuar politicamente na comunidade a partir da esfera religiosa, por ter sido legitimado pela tradição. É nesse momento na junção dos aspectos sociais, históricos e políticos que a religião sai do campo religioso e se estende para outras esferas sociais da comunidade. E ao sair, formula soluções simbólicas aos problemas sociais e às transformações dando sentido à vida ribeirinha, através de um discurso teológico e político através do “líder institucional” e do “líder religioso”.

O desejo por valores sagrados (doutrina) que as religiões transmitem é influenciado pela natureza da situação de interesses externos. Isso significa que esses valores determinados

religiosamente são decisivos para afetar as decisões e ações dos outros (WEBER, 2002). Esta tipologia, na verdade, é resultado da forma como o ribeirinho tenta se relacionar com o seu mundo e com o sagrado. Nessa relação a religião tem papel importante na conduta moral destes sujeitos, todavia é um fenômeno que se funda a partir das necessidades da vida cotidiana, como a devoção à um santo católico ou a constituição de uma comunidade onde se pudesse usufruir livremente de uma nova forma de vida religiosa. Outro elemento importante é a dominação leiga no sistema eclesiástico. Isto decorre pelo fato de que faltam sacerdotes (padres e pastores) para o trabalho missionário e para a administração da igreja. O que faz com que apareçam “sacerdotes leigos” que, à luz do que aprenderam e através da interpretação pessoal da Bíblia desenvolveram uma religiosidade leiga.

O “líder religioso” tem certeza sobre a importância de sua tarefa. É uma pessoa bastante útil para a vida da comunidade. É um líder que aconselha o povo quando este lhe confia os seus problemas, lembrando-os de seus deveres e os ajudando em oração e em atitudes em tempo de peste e de enchente/seca. Sendo bastante conhecido por toda comunidade, respeitado e compreendido por todos os moradores, ou seja, é um “homem de Deus”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas considerações finais desta dissertação, pretendo discorrer sobre o fenômeno religioso no cenário brasileiro, enfatizando as transformações que a Igreja Católica e Evangélica estão passando devido às mudanças sociais, à intelectualização das pessoas, o acesso à internet, o ritmo de vida, a individualização, a violência, o desenvolvimento, a tecnologia, as crises, entre outros. Penso que o campo religioso brasileiro ganhou novos contornos que demandam novas interpretações.

Sendo assim, o objetivo deste trabalho jamais teve como pretensão esgotar o assunto, nem tão pouco concluir o estudo desta temática, pois entendo que todo trabalho é inconclusivo, ou seja, está sempre aberto para outras análises, investigações, pesquisas, e para o “debruçar-se sobre” a partir de um olhar sócio-analítico

Desse modo, é mais perceptível na contemporaneidade a forte complementariedade entre sagrado e profano em razão de muitos dos elementos que antes eram considerados profanos pelos cristãos, tornarem-se sagrados dentro das próprias igrejas. Hoje, os grupos religiosos estão presentes na Assembléia Legislativa, na mídia, nos canais de televisão, rádios e jornais. Cantores evangélicos e católicos participam de matérias de revistas, de programas famosos e realizam show gospel por todo o Brasil. Muitas editoras e gravadoras têm no público religioso seu ponto forte de divulgação e adequação de recursos financeiros.

A obra de Cândido Procópio Ferreira de Camargo *Católicos, Protestantes, Espíritas* (1973) foi a primeira a trazer reflexões sobre as mudanças que estavam ocorrendo no cenário religioso brasileiro. Para o autor, as transformações que ocorreram no Brasil com a industrialização e a urbanização de certa forma quebraram a hegemonia Católica e começaram a mostrar a diversidade religiosa brasileira com o crescimento, principalmente, dos Protestantes e dos Espíritas.

Camargo percebeu que essa mudança estava acontecendo de forma discreta, por isso procurou analisar esse fenômeno a partir das transformações sociais que estavam ocorrendo no Brasil e o impacto sobre a religiosidade Católica. Dessa forma, o Catolicismo já vinha perdendo participação na religiosidade do povo brasileiro.

Transformações que se estenderam às comunidades rurais da Amazônia. Vimos neste estudo que a partir da inserção do Pentecostalismo na localidade Jaiteua de Cima o Catolicismo vem perdendo espaço, sendo ocupado pela atuação permanente da Igreja Evangélica. Neste lugar, a devoção aos santos quase não existe. O calendário litúrgico da igreja é desconhecido e o compadrio já não tem tanta importância nas relações sociais.

Diante destas transformações que o campo religioso e a sociedade brasileira vêm passando, pergunto: o que é ser cristão no Brasil de hoje? Igrejas históricas protestantes que acompanharam o crescimento desta sociedade estão se dividindo. Membros e líderes divergem entre opiniões. As igrejas que preferem permanecer nos mesmos parâmetros doutrinários de outrora estão perdendo fiéis, enquanto outras estão crescendo por atender tais mudanças.

Parece-me que a igreja evangélica tende a cada dia se popularizar da mesma forma como aconteceu com o Catolicismo. Assim, como os católicos que se dividem entre “praticantes” e “não praticantes” que participam sem problema de outros tipos de culto, com o crescimento dos evangélicos já se ouve falar em “evangélicos não praticantes”, que não estão vinculados a nenhuma igreja desse segmento religioso. Este pequeno grupo de evangélicos são vistos pela igreja como “rebeldes”. São pessoas intelectualizadas que à luz do conhecimento, e, insatisfeitos com a forma como a sua igreja funciona, preferem manter certa relação com o Sagrado em suas casas, no dia-a-dia, adotando uma ética arraigada ao caráter, respeito, bondade, liberdade, fenômeno até pouco tempo inexistente no campo religioso brasileiro.

É notório o crescimento dos evangélicos. Porém, ainda assim, a fé católica apresenta uma hegemonia num país onde a maioria das pessoas nasceram em uma família católica. Em Jaiteua de Cima, o Catolicismo tem sido desde a organização do lugar, bastante influente nas relações sociopolíticas e nas relações de parentesco. Por isso os moradores locais afirmam que antes da chegada da igreja Assembléia de Deus na localidade todos eram católicos. Hoje se pode dizer que a maioria dos ribeirinhos que reside neste lugar, os quais estão distribuídos entre quatro comunidades, são evangélicos que pertencem a diferentes igrejas do movimento Pentecostal (Assembléia de Deus, Pentecostal Unida do Brasil, Assembléia de Deus Tradicional). Nesse caso, a religião é um elemento de organização e um tanto quanto de separação, uma vez que assim como organizou as comunidades locais também foi um dos principais motivos de separação.

Todos os dias no campo religioso brasileiro surgem igrejas evangélicas com nomes que fogem do conhecimento teológico. A multiplicidade de denominações organizadas em sua maioria por leigos sem formação que acabam se tornando formadores de opiniões. São conservadores em algumas áreas (aborto, homossexualismo, drogas, sexo), mas são bastante liberais em outras.

No contexto do “evangelicalismo brasileiro” existe a chamada socialização do microfone, quando os leigos pregam, ensinam, cantam, oram, e com frequência podem

participar da liturgia dos cultos. Não necessariamente os membros dessas igrejas precisam ter formação educacional ou até mesmo musical, isso não é um pré-requisito.

Deste modo, o leigo tem liberdade para conquistar novos adeptos, ensinar a Bíblia através de uma hermenêutica livre, por isso essas denominações pentecostais ou neopentecostais que nasceram das massas ocupam forte presença nas periferias dos centros urbanos e também no contexto rural porque nasceram das massas populares.

Neste sentido, o “líder religioso”, tipo de líder identificado entre as comunidades pesquisadas deve consistir, principalmente, no domínio da oratória, do conhecimento da Bíblia Sagrada, na condução da liturgia dos cultos e missas, dons espirituais, ser batizado nas águas e no Espírito Santo, crismado, convertido e responsável. O portador destes “carismas” é automaticamente reconhecido, sendo legitimado pelo grupo ao cargo sem a exigência de certa formação educacional ou teológica. Isto quer dizer que não há seleção dos líderes eclesiásticos por critérios objetivos, mas pelas suas qualidades carismáticas, por isso tem autonomia de estabelecer um novo estilo ou novo modelo de liderança.

Outra característica dos novos costumes religiosos, segundo Mariano (2010) é que até duas décadas atrás era inconcebível que um “crente pentecostal” fosse ao templo para cantar e dançar ao som de bandas evangélicas de rock, funk, samba, lambada, axé, imitando coreografias usuais de shows que antes eram consideradas profanas. Estas são algumas das novas manifestações, conforme o autor do movimento Neopentecostal, as quais as igrejas do movimento Pentecostal estão adotando.

A Renovação Carismática Católica é uma igreja que adotou novos parâmetros religiosos antes não praticados pela Igreja Católica Tradicional. Essa igreja, segundo Maués (2001) é fruto, do Concílio Vaticano II, mas surge nos Estados Unidos em fevereiro de 1967, devido às diversas experiências pentecostais de católicos, influenciados pela pregação protestante. Uma das características dos católicos carismáticos é a atuação de leigos na igreja, a ênfase aos dons do Espírito Santo, sobretudo o da cura.

Maués (2001), afirma que há duas versões a respeito da chegada desta igreja ao Brasil, ambas, porém dizem que o movimento chegou ao país logo após seu aparecimento nos EUA. Uma versão divulgada pela Comissão Nacional de Serviço da RCC, dá conta de que a Renovação teria sido trazida por alguns padres jesuítas em 1972, passando por São Paulo para depois se espalhar pelo resto do Brasil. A segunda versão enfatiza, porém, que ela teria vindo ainda mais cedo, em 1969, através dos padres jesuítas Eduardo Dougherty e Haroldo Rahm.

Diante disso, posso afirmar que a igreja Assembléia de Deus de Jaiteua de Cima ainda é uma igreja arraigada aos seus antigos costumes por estar inserida em um grupo que tem o

interesse de conservá-la. Sua estrutura eclesiástica se formou por meio de ribeirinhos leigos que se mostram resistentes às mudanças. Mas, esta postura pode mudar quando sentirem que é preciso atuar em sua sociedade de acordo com as necessidades do grupo.

Dentro das características desse mundo religioso, a partir das mudanças dentro das igrejas evangélica e católica, pode-se citar o relacionamento direto entre o sagrado e o profano. Verifica-se uma manipulação do sagrado com finalidades pragmáticas que visa a solução dos problemas do cotidiano mediante uma segurança que liga o fiel à igreja.

São novas experiências religiosas que já não se sabe quem é católico, evangélico, protestante, entre outros. São religiões que fazem suas interpretações particulares do que é o Cristianismo, criando meios de sentir a manifestação do poder de Deus em suas vidas. Em contrapartida, cria-se novos modelos doutrinários que alcancem principalmente os anseios e as necessidades das pessoas.

Diante disso, independente da relação que os católicos e os evangélicos mantêm com o sagrado, observei que os sujeitos deste estudo, de maneira muito pessoal, exercem certa espiritualidade dentro dos parâmetros da igreja que dizem pertencer ou não, tenha concordância por parte das autoridades eclesiásticas ou não. Isto é, a religião existe na particularidade de cada indivíduo, cuja tradição católica e evangélica continua atuando conforme a subjetividade de cada pessoa.

As transformações no campo religioso brasileiro são respostas à população que está inserida num contexto que passa por crises sociais. Para isso, a instituição igreja traz à tona, através de um novo discurso e de novos ritos, a solução de tais problemas sem perder seu reconhecimento. Ao atuarem a partir deste ponto de vista, atraem pessoas de todas as classes sociais. Em sua maioria, são pessoas que estão passando por problemas, por isso tornam-se mais sensíveis ao discurso e aos ritos que tentam trazer solução ao desespero das pessoas. Tanto o Pentecostalismo quanto o Neopentecostalismo e a Igreja Renovação Carismática Católica Carismática são respostas dos problemas sociais que o Brasil está passando.

Expressões religiosas cristãs que facilitam o conformismo, transmitem uma sensação de segurança, constituem um apoio psicológico no processo de socialização. Sua influência é decisiva em outras instituições sociais, o fato de ser uma força de controle social. Portanto, todas as culturas possuem um sistema institucionalizado de crenças religiosas, que diminuem as incertezas, as incapacidades e as carências dos indivíduos.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Cláudia Sales de. A instituição religiosa na (pós) modernidade. *Fraternidade Latina Americana – Setor Brasil*. V Congresso Latino Americano de Evangelização, 2008. Artigo disponível no site http://www.ftl.org.br/index.php?option=com_content&view=category&id=35&Itemid=75. Acesso em 20/05/2011.

ALENCAR, Gedeon Freire de. *Todo poder aos pastores, todo trabalho ao povo, todo louvor a Deus: Assembléia de Deus - origem, implantação e militância (1911-1946)*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião/Universidade Metodista de São Paulo: São Bernardo do Campo, 2000.

ARAÚJO, André Vidal de. *Introdução á Sociologia da Amazônia*. 2 ed. Manaus: Editora Valer/Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2003.

BARROS, Saulo Maurício de. *História do Anglicanismo na região amazônica*. Centro de Estudos Anglicanos. Artigo disponível no site www.centrostudosanglicanos.com.br/.../hist_anglicanismo_amazonia_saulo.pdf. Sem data de Publicação. Acesso em 10.10.2010.

BAUMAN, Zigmund. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Tradução Plínio Dentzien. Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 2003.

BERGER, Peter Ludwig. *O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. Tradução de José Cralos Barcellos. 6 ed. São Paulo: Paulus, 2009.

BOURDIEU, Pierre. *Fundamentos de uma Ciência das Obras*. In: BOURDIEU, Pierre. *As Regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 206-316.

_____. *Gênese e Estrutura do Campo Religioso*. In: BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas* (org. Sérgio Miceli). 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 2009, p. 27-78.

_____. *O Poder Simbólico*. 11 ed. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

_____. *Uma interpretação da teoria da Religião de Max Weber*. In: BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas* (org. Sérgio Miceli). 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 2009, p. 79-98.

BRAGA, Robério. *A Igreja Católica no Poder Legislativo Provincial*. Série Memória. Artigo disponível no site <http://www.rootsweb.ancestry.com/~brawgw/am/mapaam.html>. Sem data de Publicação. Acesso em 15. 10. 2010. O Estado do Amazonas. Fonte: Ministério das Relações Exteriores.

BRITO, Marco Antônio. *Ambientes, Práticas de Pesca e Territorialidade no uso do Lago Grande de Manacapuru (Am)*. Dissertação de Mestrado. Manaus: UFAM/PPGS, 2010.

CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. Católicos, Protestantes, Espíritas. Petrópolis: Vozes, 1973.

CERETTA, Pe. Celestino. História da Igreja na Amazônia Central. Volume I. 1 ed. Manaus: Biblos/Valer, 2008.

CORRÊA, Maria Terezinha. Princesa do Madeira: Os festejos entre populações ribeirinhas de Humaitá-Am. São Paulo: Humanitas, 2008.

DIEGUES, Antônio Carlos. O mito moderno da natureza intocada. São Paulo: Hucitec, 1996.

DURKHEIM, Émile. As Formas Elementares da Vida Religiosa. 2 ed. São Paulo: Editora Paulus, 1996.

ELIAS, Norbert & SCOTSON, John. L. Os *estabelecidos* e os *outsiders*: sociologia das relações de poder a partir de uma comunidade. Tradução de Vera Ribeiro; tradução do posfácio à edição alemã de Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

FIGUEROA, Ana Claudia. Presença religiosa na Amazônia. Pesquisa e Recriação nº5, p. 1-10. PROPESP/EDURFO, 2002.

FRESTON, Paul. Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao impeachment. Tese de doutorado, Campinas: Unicamp, 1993.

GALVÃO, Eduardo. Santos e Visagens: Um estudo da vida religiosa de Itá, Amazonas. 5 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

GOLDENBERG, Mirian. A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GONDIM, Neide. A invenção da Amazônia. 2 ed. Manaus: Editora Valer, 2007.

HARRIS, Mark. Presente Ambivalente: Uma maneira Amazônica de estar no tempo. In: Cristina Adams, Rui Murrieta, Walter Neves (Orgs.). Sociedades Caboclas Amazônicas: modernidade e invisibilidade. 1 ed. São Paulo: Annablume, 2006, p. 83-106.

HOORNAERT, Eduardo. A evangelização do Brasil durante a primeira época colonial – Os movimentos missionários. In: HOORNAERT, Eduardo. História geral da igreja na América Latina: História da igreja no Brasil – primeira época. Tomo II. 4 ed. Rio de Janeiro: Edições Paulinas/Editora Vozes, 1992, p. 42-125.

IANNI, Octavio. Tendências do pensamento brasileiro. Tempo Social Revista Sociológica. São Paulo: USP, 2000.

MACEDO, Carmem Cinira. A Imagem do Eterno: Religiões no Brasil. 5 ed. São Paulo: Editora Moderna, 1991.

MARCONI, Maria de Andrade. Religião e Magia. In: Antropologia: uma introdução. ANDRADE, Marina de & PRESOTT, Zelia Maria Neves (orgs.). 5 ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MARIANO, Ricardo. Neopentecostais: Sociologia do novo Pentecostalismo no Brasil. 3 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

MARIZ, Cecília Loreto. A sociologia da religião de Max Weber. In: Sociologia da religião. TEIXEIRA, Fausto (Org.). 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MATOS, Alderi de Souza. História do Protestantismo no Brasil. Revista Antropolítica, número 9, p. 1-15. São Luiz, 2004.

MAUÉS, Raymundo Herald. Cristianismos Amazônicos e Liberdade religiosa: Uma abordagem histórico-antropológica. Trabalho apresentado na Oficina sobre Direitos Humanos, Liberdade Religiosa e Territorialidade, da Associação Brasileira de Antropologia (ABA). Revista Antropolítica, número 9, p. 77-100. São Luis: 2000.

_____. Outra Amazônia: Os Santos e o Catolicismo Popular. Revista Norte Ciência, Vol. 2, n. 1, p. 1-26 (2011).

_____. Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesiástico. Editora Cejup: Belém, 1995.

_____. Tradição e Modernidade Conservadoras no Catolicismo: o apostolado da Oração e a Renovação Carismática Católica. Sociedad y Religión, n° 22/23, 2001.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a Dádiva – Formas e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MELO, Lucynier Auxiliadora Omena. A vivência individual do sagrado e do místico na Amazônia. Somanlu: Revista de Estudos Amazônicos do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura, jan./jun. Manaus: Edua, 2006, p. 11-26.

NOVAES, Regina Reyes. Pentecostalismo, política, mídia e favela. In: Religião e Cultura Popular. VALLA, ictor Vicente Victor (org.). Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p. 41-74.

OLIVEIRA, Adélia Engrácia de. Ocupação humana. In: Amazônia: Desenvolvimento, integração e ecologia. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1983, p. 145-186.

OLIVEIRA, Betty Antunes de. Metodistas no Brasil antes de 1900. Disponível no site www.pibrj.org.br/historia. Publicado no site 25/01/2006. Acesso 15.10. 2010.

_____. O primeiro Jornal do Amazonas [Publicado no “O Jornal Batista”, Rio de Janeiro, 10 setembro de 1967, p. 10]. Documento retirado do site www.pibrj.org.br/historia/arquivos/EvangAM.pdf. Sem data de publicação. Acesso 15.10.2010.

OLIVEIRA, Liliane Costa de. *Catolicismo e Protestantismo: O Poder Simbólico da Igreja no Amazonas*. Curso de Ciências Teológicas. Manaus: Faculdade Boas Novas de Ciências Teológicas, Sociais e Biotecnológicas – FBN, 2010.

_____. *Identidade Social e Poder Local: Análise Sociopolítica em Jaiteua de Cima, Manacapuru (Am)*. Manaus: DAP/PIBIC/Universidade Federal do Amazonas – UFAM, 2008.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever*. In: OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O trabalho do Antropólogo*. São Paulo: UNESP/ Paralelo, 1998.

PIERUCCI, A. Flávio. *A religião como solvente*. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, n. 75, p. 12-23, Jul. 2006.

QUEIROZ, Maria Isaura P. de. *O Catolicismo Rústico no Brasil*. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. n. 5, p.103-123. São Paulo, 1968.

REIS, Arthur Cesar Ferreira. *A Conquista espiritual da Amazônia*. 2 ed. Manaus: EDUA, 1997.

RIBEIRO, Lidice Meyer Pinto. *Protestantismo Rural: um Protestantismo genuinamente brasileiro*. In: *Novas Perspectivas sobre o Protestantismo Brasileiro*. FERREIRA, João Cesário Leonel (org.). São Paulo: Fonte Editorial/Paulinas, 2009, p. 189-229.

ROCHA, Isnard. *Pioneiros e bandeirantes do metodismo no Brasil*. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1967.

SALVADOR, José Gonçalves. *O Metodismo no Norte e Nordeste do Brasil*. In: *História do Metodismo no Brasil: dos Primórdios à Proclamação da República (1835-1890) Volume I*. Centro Metodista Vila Isabel: Rio de Janeiro, 1982.

SARAIVA, Adriano Lopes & SILVA, Josué da Costa. *Estudo do processo de recriação do espaço ribeirinho através das festas religiosas*. *Pesquisa e Recriação* nº1, p. 1-8. PROPESP/EDURFO, 2002. Universidade Federal do Amazonas/Governo do Estado do Amazonas, 1997.

SILVA, Francisco Agnaldo Barbosa da. *O resgate do Catecumenato na formação dos cristãos na Prelazia de Coari*. *Dissertação de Mestrado*. São Paulo: Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, 2008.

SILVA, Geoval Jacinto da. *Os desafios do ministério pastoral numa sociedade em processo de Globalização: Um estudo a partir da implantação e desenvolvimento do protestantismo no Brasil e suas mediações pastorais*. *Revista Caminhando*, vol. 8, n. 1 [11], 2003.

STEIL, Carlos Alberto. *Catolicismo e Cultura*. In: *Religião e Cultura Popular*. VALLA, Victor Vicente (org.). Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p. 09-40.

_____. Pluralismo, Modernidade e Tradição: Transformações do Campo Religioso. *Ciencias Sociales y Religión/ Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 3, n. 3, p. 115-129, out. 2001.

TUNES, Suzel Magalhães. Ecumenismo no jornal Expositor Cristão: a cobertura do ingresso da Igreja Metodista no Conselho Nacional de Igrejas, Cristãs, CONIC. *Revista Caminhando* v. 14, n. 1, p. 125, 136, jan. jun. 2009.

VAN GENNEP, Arnold. *Os Ritos de Passagem*. Petrópolis: Vozes, 1978.

VILHENA, Tony Welliton da Silva. O pensamento político do Jornal *O Apologista Cristão Brasileiro* na transição jurídicopolítica do Estado Nacional (1890-1891). Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais. Belém: Universidade Federal do Pará/UFPA, 2008.

WAGLEY, Charles. *Uma comunidade amazônica: estudo do homem nos trópicos*. São Paulo: Coleção Brasileira, 1988.

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo*. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. 9 ed. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2004.

_____. *Economia e Sociedade: Fundamentos da sociologia compreensiva*. 4 ed. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Revisão técnica de Gabriel Cohn. Brasília: ed. Da UnB, 1999. V. I

_____. *Ensaio de Sociologia*. H. H. Gerth e Wright Mills (orgs.). 5 ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2002.

Sites Consultados:

www.ieadam.com.br/ceadam/#

www.ipub.com.br

Ficha Catalográfica
(Catalogação realizada pela Biblioteca Central da UFAM)

Oliveira, Liliane Costa de

O48v Vida religiosa ribeirinha: um estudo sobre a igreja católica e evangélica no Amazonas / Liliane Costa de Oliveira. - Manaus: UFAM/Fiocruz/UFPA, 2012.

154 f.; il. color.

Dissertação (Mestrado em Sociologia) — Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2012.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Marilina Conceição Oliveira Bessa Serra Pinto

1. Cristianismo 2. Catolicismo 3. Protestantismo 4. Religião e Sociologia 5. População ribeirinha I. Pinto, Marilina Conceição Oliveira Bessa Serra (Orient.) II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

CDU (2007): 27(811.3)(043.3)